

EDITORIAL EDUCAÇÃO NACIONAL

de **ADOLFO MACHADO**

PORTO

ALGUMAS EDIÇÕES

Dr. Alexis Carrel
MILAGRES DE LOURDES

*(Seguidos de Fragmentos dum
Diário e de Meditações).*

A posição serena e objectiva de um grande sábio
perante o problema dos milagres, e um feixe de pre-
ciosos pensamentos e profundas meditações.

Dr. Alexis Carrel
O HOMEM PERANTE A VIDA

O testamento espiritual de um autêntico cientista,
Uma obra de larga repercussão, em que Carrel
continua e remata a notabilíssima lição de «*O homem,
esse desconhecido*».

Fernand Hayward
O PAPA E A CIDADE PONTIFÍCIA

«Difícilmente, sobre a Roma Pontificia, se poderá
encontrar um livro melhor, ao mesmo tempo compen-
diado e competente» (*Dr. Xavier Coutinho*).

Dr. M. Álvaro Madureira
A DOR

O terrível e angustiante problema do sofrimento
documentado com testemunhos humanos e analisado
à luz da metafísica cristã.

MARIA WINOWSKA

Padre Pio

O ESTIGMATIZADO



EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL
PORTO

MARIA WINOWSKA

PADRE PIO

O ESTIGMATIZADO

TRADUÇÃO

DE

MARIA HENRIQUES OSSWALD



EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL
de ADOLFO MACHADO

Rua do Almada, 125 — PORTO

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA A DESPORTIVA, LDA
R. Joaquim António de Aguiar, 168-Porto

NADA OBSTA:

Porto, 24 de Janeiro de 1956

M. A. Madureira

PODE IMPRIMIR-SE:

Porto, 25 de Janeiro de 1956

M. Pereira Lopes

Vigário Geral

Direitos reservados para Portugal e Brasil



SÓ ALGUMAS PALAVRAS...

A existência do Padre Pio é, decerto, o milagre mais espantoso do nosso século. Hoje, tal como sempre, o homem de sentidos grosseiros, aí de nós, tem necessidade do milagre para acreditar, e Deus continua a ter piedade, continua a deixar florescer na terra a flor da sobrenaturalidade.

Del Fante, o convertido que talvez mais almas tenha trazido a Deus, através das confissões do seu livro de testemunhos vivos — Há tantos espíritos que só entendem o processo de S. Tomé! — escreve:

«Os espíritos de negação compreendem os ateus, que não crêem em nada, os panteístas que misturam Deus e a natureza, e os materialistas que, embora deístas, não acreditam na Providência. Até quando o fenómeno carismático lhes salta aos olhos, essa espécie de gente nega-o, para não ver desabar as suas concepções como castelo de cartas. O que nega por princípio o milagre, tende a eliminar Deus da visão do mundo e da vida; o que mantém a negação em frente da evidência mostra o seu servilismo em face dos preconceitos e das mentiras convencionais da sociedade: deixa de pensar com o seu próprio cérebro. Séneca dizia: «Veritas in omnem sui partem eadem est». A verdade é a mesma em todas as suas partes. Como negar a verdade, quando ela vem impressionar-nos violentamente os sentidos? A nossa época, em que a ciência tem desenvolvido actividade na verdade apoteótica, sofre dos resul-

tados, demasiado materialistas, de tão espantosas realizações. Daí o recrudescimento da luta entre as ideias e os instintos, o voo idealista e a concepção árida, tristemente árida. E Cristo não se cansa de ter piedade, não se cansa de murmurar: «Pai, perdoai-lhes, não sabem o que fazem». Pois que é a vinda ao mundo dos Heróis da santidade senão o sinal manifesto de um amor, que perdoa, e que teima em salvar quem se perde no torvelinho de paixões e apetites, sabiamente espicaçados? Esvaiu-se a possibilidade de meditar: as ervas más invadiram o horto do silêncio. Sem campainha de alarme, grande maioria de ouvidos não escutaria o eco das palavras divinas. — E lá vêm do céu à terra os eleitos, transmissores do pensamento divino.

Del Fante não acreditava; nunca se dera ao trabalho de aprofundar as veias do sobrenatural na estrutura do dia a dia. Não queria ouvir falar, sequer, de Deus e muito menos de milagres. Tudo isto era pura ilusão ou, pior, mentira fabricada para uso dos incautos. Um dia, observou de perto. Movido a princípio pela curiosidade, viu desenrolar-se fenómenos, que a inteligência não podia explicar, a não ser admitindo o inexplicável. Como era homem de carácter e coração, acreditou naquele que tanto hostilizara, e tornou-se seu paladino, ou antes paladino da verdade, entrevista através do Padre Pio. É esta a tarefa do Santo — transmitir aos ouvidos entorpecidos a men-

sagem de Deus; mostrar aos olhos que não sabem, não podem ver, o Infinito de Beleza, o Infinito de Amor, patente aos olhos extáticos do que sabe rezar.

Há dezenas e dezenas de anos que o Grande Transverberado insiste no seu apaixonado protesto: «Sou unicamente um padre que reza...» «Não agradeçam a mim, mas a Deus». Nada mais quer ser que o puríssimo intérprete do mistério eterno entre o céu e a terra. E, porque se une veemente a Cristo, é-lhe dado praticar o milagre. Quando Moisés foi incumbido de conduzir o povo escolhido à Terra prometida, o seu primeiro grito foi igual ao que ecoa ainda hoje, na terra. Não me acreditarão, se lhes não oferecer prodígios! E Deus concedeu prodígios, tal qual como hoje, para que o homem fosse sacudido até às raízes do seu ser, sepultado na treva e no comodismo fácil, sempre morbidez e deficiência.

O Padre Pio nasceu há 65 anos numa vila, distante 5 quilómetros de Pietrelcina, pequena cidade de 5000 habitantes, hoje centro famoso de peregrinação. Quem não desejará ver o lugar onde nasceu e foi criança aquele que, como S. Francisco de Assis, havia de participar na paixão de Cristo, e oferecer aos homens a imagem viva da transverberação? Seminarista, muito novo ainda, durante um passeio parou no bifurcamento das duas estradas, uma que conduz ao Benavento e outra a Pesco Sannita e exclamou: «Que maravilhoso cheiro de incenso, que

maravilhosos cantos franciscanos! Neste sítio há-de erguer-se um dia um mosteiro».

Riam-se os companheiros. Todavia, a profecia fora ouvida — O sonho do seminarista é hoje uma realidade. O prisioneiro do confessionário, a vítima dos pecadores, não pode visitar o Mosteiro, que o seu coração erguera há tantos anos na sua terra natal, mas não cessam nunca os recados de amor e piedade entre o Padre Pio e os capuchinhos, incumbidos de transmitir a mensagem do Céu.

O Padre Pio é o predestinado desde tenra idade... — Não o seria já desde o instante do seu nascimento? Não era já milagre recusar-se o seu cérebro a aprender, porque o ensino era ministrado por um mestre, que ele sabia ser um grande pecador? Tinha então sete anos. O mestre, — um ex-padre, que mais tarde havia de arrepender-se dos seus erros e morreria santamente nos braços do antigo discípulo — declarou ser o pequeno incapaz de aprender fosse o que fosse. E a criança respondera: «A minha cabeça não valerá nada, mas a dele, que vive em pecado, não vale mais...» Entregue a outro mestre, dentro de pouco tempo este dizia à mãe do singular discípulo: «Em breve serei eu quem aprenderá com o seu filho, não ele comigo!» Dir-se-ia que, já então, o horror da visão do mal impedira o jovem cérebro de funcionar.

Desde a mais tenra infância, pois, o educando Francisco Forgione vive envolto num mistério inexplicável, irradiando luz e sobrenaturalidade.

Os seus estigmas, (médicos afamados durante três anos de agonia não conseguiram nem curar-lhe as chagas nem explicar-lhes a procedência); os seus milagres, entre eles o dom da bilocação, testemunhado por individualidades de quem não há o direito de duvidar; as provas irrefutáveis de que lhe é dado ler os mais ocultos pensamentos e todos os erros do passado, até quando esquecidos de quem os praticou; o perfume, estranhamente penetrante, anunciador do mistério da bilocação; os cegos que vêem, os condenados à morte que ressuscitam, toda a rede de acontecimentos prodigiosos em torno da figura do Padre Pio tornam esta figura de Homem, marcado por Deus, o mais extraordinário fenómeno do nosso tempo.

Como querer explicá-lo, sem ser à luz da fé?

O facto de existir é em si florescência de milagre.

Prisioneiro do Confessionário — por vezes, confessa por dia milhares de pessoas! —, debilitado pela perda constante de sangue, alimentando-se parcamente, como resistiria sem ajuda sobrenatural a tão espantoso esforço? Com 300 ou 400 calorias por dia, e três ou quatro horas de repouso durante a noite, o Padre Pio conserva o vigor para tomar sobre si os pecados que lhe são transmitidos, e ele vê na sua horrível fealdade, a ponto de sofrer

belos artigos de Monsenhor Ottaviani — ainda não cardeal — artigos publicados no «Osservatore Romano», pondo de atalaia padres e fiéis contra os malefícios do falso maravilhoso.

Por acaso, de mais a mais lia nessa altura um livro sobre o Padre Pio, mais tarde denunciado pelo órgão oficial da Santa Sé (1).

Um inimigo jurado do grande Apóstolo de S. Giovanni Rotondo não teria nunca conseguido prejudicá-lo mais que este pseudo-admirador, erigindo-se em campeão do Santo, na sua defesa odiosa contra detractores imaginários, em esgrima desajeitada, para, enfim, vir a afogá-lo num dilúvio de proezas verbais e afirmações sonoras. Fechei o livro com a sensação de mal-estar físico e, se outros testemunhos humildes e fervorosos não me tivessem forçado a corrigir esta primeira impressão, nem sequer a canícula romana conseguiria desfazer as minhas prevenções.



Foi na Stazione Termini que decidi, bruscamente, tirar um bilhete para Foggia. Situado nas encostas

(1) — Em certo momento, a grande imprensa (entre a qual figura «La Croix») publicou uma lista de livros, que depois viriam a ficar no Index, segundo um artigo de Osservatore Romano de 1952. Ora, sabemos de fonte autorizada que na lista oficial dos livros, postos no Index depois de 1947, não figura nenhum destes livros nem livro algum sobre o Padre Pio. Estes livros não foram publicados como postos no Index nas Acta Apostolicæ Sedis. Não estão condenados, mas é certo que o órgão oficial os censurou, tentando acutelar espíritos, dados a entusiasmos demasiado fáceis e a «santos» exageros.

do Monte Gargano, feudo venerável de S. Miguel Arcanjo, pelo menos à noite em S. Giovanni Rotondo há-de correr fresca aragem. Com uma só pedra, atingia dois alvos. Forneceria ar puro aos pulmões e teria ocasião de ver o Padre Pio. Será a maneira de ficar com a consciência tranquila, pensei, e subi para o comboio.

A partir de Nápoles, estar dentro do meu compartimento equivalia a estar dentro de uma estufa. Na minha frente, um jovem casal destilava grossas gotas de suor com notável estoicismo. Sobre os joelhos da mamã, sem se deixar perturbar pelo calor, um bebé cor-de-rosa e rechonchudo chilreava sem cessar. O pai inventara mil estratégias para o distrair, pletórico de orgulho bem visível. Lançavam-me olhares furtivos os felizes progenitores; compreendi bem como desejavam saber se eu concordava com os motivos da sua vaidade, tão eloquente. E foi como um dique, subitamente aberto, quando lhes dirigi a palavra em italiano. Pois, não fossem eles de Nápoles! Tinha-os chocado — era bem de ver — o meu mutismo. Não é de «cristão» não travar imediatamente relações, quando se viaja em companhia. Na onda de palavras, em alegre mistura, um nome fez-me arrebitar a orelha! o Padre Pio. Vai ver o Padre Pio?

Então o pai agarrou no bebé com as grossas mãos de operário, abraçou-o em transporte efusivo e disse-me, marcando bem cada palavra:

«Sem o Padre Pio, o nosso Giovannino não teria nascido! Vamos agradecer-lhe tamanha graça».

Evidentemente, logo desejei saber mais alguma

coisa. Com volubilidade bem meridional, entrecortando a narrativa com abundância de exclamações, tomando por testemunho a Madona, contaram-me o que se segue. (É claro que resumo e abrevio).

Gino era descarregador no cais de Nápoles, e inscrito no partido comunista.

Antes do casamento, Francesca sofrera um acidente de bicicleta.

A primeira gravidez, a sentença dos médicos não admitiu apelação. Para salvar a mãe era necessário sacrificar a criança. Desesperada, Francesca escreveu uma carta ao padre capucho, estigmatizado, carta que não obteve resposta.

Na véspera da operação estava só, na cama, banhada em lágrimas.

«Sabia que a Igreja condena o aborto?», perguntei-lhe.

«Não ia à Igreja — respondeu-me em voz baixa — meu marido não o consentia. — Nesse dia, de súbito, vi um «monge vestido de castanho, de pé, junto do meu leito». Perguntei como entrara, pois meu marido era um inimigo dos padres, um «mangia-preti».

O monge sorriu, depois levantou o dedo num gesto ameaçador: «Não farás semelhante loucura! A criança virá ao mundo, será um rapaz, e hás-de pôr-lhe o nome de Giovanni».

Desapareceu imediatamente deixando-me a esperança no coração, continuou a jovem mulher. Toda a minha família ficou furiosa, mas o médico disse que sem o meu consentimento, não podia fazer a operação. Confiava em que o Padre Pio havia de chamar sobre mim a graça. Quis ver de novo a fotografia. Era ele.

Aqui tem! Tudo se passou muito bem, e vamos a S. Giovanni Rotondo para mostrar ao Padre o nosso pequeno».

«Espero que tenha deixado de detestar os curas depois do nascimento de Giovannino», disse eu, sorrindo, ao moço operário que não deixava de marcar os pontos culminantes da narrativa com beijos sonoros, acolhidos pelo bambino com manifestações de alegria.

«Pois era o que faltava! exclamou, indignada, a mulher. Desde então, vamos sempre à missa aos domingos. Fomos ver a Madona de Pompeia: os compadres comunistas, esses não sabem o que hão-de responder, pois a minha sogra divulgou o caso valentemente, chamando-me doida; não é verdade, meu querido?».

O marido preferiu, porém, não seguir a mulher em terreno tão escaldante.

«O Padre Pio, minha senhora, não é um padre como os outros! Por amor dele perdoo a todos os padres! Além disso, este milagre prova bem que Deus existe!».

Ao chegar a Foggia, pelas seis horas da noite, sentia-me perfeitamente informada acerca dos mínimos pormenores da crónica familiar do jovem par, que se entregava de coração aberto, radiante com a atenção dispensada. Acabrunhado com o calor, o bebé acabara por adormecer. Vendo-os tão novos, tão felizes, tão belos — na Itália meridional a mistura de raças por vezes dá resultados espantosos — pus-me a pensar que o Padre Pio, afinal, era o causador de toda esta ventura. Sem ele, não existiria

este bebé, tão extraordinariamente parecido com os bambinos de Bernin.

Em Foggia, os meus companheiros de viagem eclipsaram-se no meio de uma multidão ruidosa, que os acolhia para passarem a noite. Disseram-me que seria imprudente procurar abrigo em São Giovanni Rotondo.

E logo fui assaltada por um bando de vetturini motorizados, gesticulando como loucos, aos gritos descompassados:

«São Giovanni Rotondo! Subam depressa! Vamos partir!».

Junto de mim, um senhor e uma dama de idade pareciam assustados, inquietos. Todavia eram italianos. E explicaram:

«Chegamos de Génova. Viajamos toda a noite».

Decidimos partir juntos. Depois de termos alcançado um terço de abatimento ao preço feito — estamos no Sul — um vetturino acolhe-nos e eis-nos a caminho, com grande ruído de ferragens. Habitualmente há mais táxis, mas esta tarde, um sábado, é tal a afluência que toda a gente os disputa.

O caminho sobe imperceptivelmente. Parece-me sentir a brisa do mar. O sol — balão incandescente — acaba o seu curso. A oeste, o céu tingi-se de escarlata; depois, pouco a pouco, vai desfalecendo em franjas cor de malva.

Deixamos a grande estrada, seguimos agora por um caminho, aberto à sombra de robustas oliveiras. Depois de muitas voltas de larga fantasia — sabermos mais tarde que o nosso vetturino não seguiu pelo caminho directo, provavelmente para poder deixar

embrulhos em diversas quintas das redondezas, que o encarregam de recados, em detrimento dos viajantes ignorantes do trajecto — desperta a nossa atenção um ranger de freios.

«São Giovanni Rotondo», diz o homem em tom solene, descobrindo-se.

Ao meu lado, a dama benze-se. Durante toda a viagem, nem ela nem o marido descerraram os dentes. Intimamente, agradeço-lhes o silêncio. Aninhado num redemoinho de gargantas atormentadas e tristes, o burgo desposa o acinzentado da paisagem e parece morto. Todo o dia o solo calcário se embebeu sofregamente de calor. Ao cair do crepúsculo, ofegante como animal cansado, exala-o por todos os poros enrugados, enquanto, que das alturas circunvizinhas do Monte Nero (1011 m.) e do Monte Calvo (1056 m.) vão descendo vagas de frescura, de bem-aventurança. Nesta hora de transparência esquisita, em que cada aresta, cada contorno parecem esculpidos em finos relevos, o país assume aspecto irreal e entreabrem-se portas secretas. Toda a terra parece estar à escuta.

De súbito, neste silêncio pesado, tal qual como uma andorinha, sobe o som dum sino.

«O Convento», declara o vetturino. Contrariamente aos seus compatriotas, não parece loquaz. A rua por onde seguimos anima-se pouco. Descemos a única artéria. Naturalmente não há lugar. Talvez em casa de algum particular? Procurámos aqui e acolá. Tudo cheio! «É necessário reservar camas com um mês de antecedência». «Mas então, que fazem os peregrinos?». «Ora essa, dormem por aí ao ar livre!».

Ninguém pode dizer que o Padre Pio pensa no conforto! O que vejo corresponde exactamente às informações dos meus amigos.

«Em São Giovanni Rotondo não se come, não se dorme, e todo o mundo anda contente! Tudo pelo amor de Deus! Começo pela parte menos agradável da experiência. Felizmente, a minha mala é leve. Eis-me a caminho em direcção ao convento, a dois quilómetros de distância, caminho todo guarnecido com estações da Via Sacra de gosto duvidoso, mas de fervor indiscutível. Caminhando uns e outros em direcção contrária, grupos de peregrinos passam, desfiando as contas do rosário.

Observo-os. Na maioria, são italianos. Como rezam! Sem respeito algum humano, nas palavras palpita, ardente, todo o coração. Vejo quase tantos homens como mulheres.

No fim do caminho, ergue-se o Convento, como único alvo e única razão do passeio. À direita, oculta por uma elevação de terreno, eleva-se a enorme massa de um edifício em construção, erigido de andaimes. É a famosa «Casa Solievo de la Sofferenza» de que me falaram em Roma e que devora todas as ofertas, feitas ao Padre Pio. Há trinta e cinco anos que o Padre lá vive, e o Convento não mudou de aspecto. Há quatro séculos que, decerto, desde que foi construído, não sofreu alteração alguma. Caiadas de branco, as paredes respiram pobreza franciscana.

Guarnecem as celas janelas minúsculas. No frontispício da igreja lemos a inscrição: *Templum hoc Sanctae Mariae Gratiae dicatum, reaedificatum fuit anno Domini 1629.*

Desajeitados, grosseiros, os caracteres reforçam o significado impressionante das palavras, consideradas em absoluto proféticas pelos devotos do Padre Pio. Foi bem intencionalmente que os capuchinhos escolheram outrora este lugar inacessível para, de acordo com os ensinamentos de São Francisco, poderem entregar-se ao fervor das regras, após os trabalhos do apostolado. E eis que a Providência perturba essas sensatas medidas. O Padre Provincial, agora, nunca mandaria para São Giovanni Rotondo súbditos fatigados ou fracos de nervos! Em breve ouvirei a confissão de um companheiro do Padre Pio, declarando-me que, no fim de seis meses de permanência no Convento, «em contínuo estado de cerco», literalmente esgotado, já não pode resistir à fadiga, superior às forças humanas.

«Nem de dia nem de noite descanso em paz. Olhe para essa multidão compacta!».

Na verdade, junto do Padre Pio ninguém conhece repouso. Vão mudando os auxiliares, substituídos com sábia regularidade; só ele é que não conhece nem admite interrupção no seu mister. Sem possibilidade de fuga, está amarrado ao serviço dos pecadores, por laços bem mais poderosos que todos os cadeados de ferro.

De pé, sobre a esplanada, em frente deste convento demolido, começo a entrever um Padre Pio, totalmente diverso daquele que o ruidoso reclamo fazia supor. Toda a minha curiosidade desperta, fremente.

Entretanto, a noite é negra. Diante do portal continua o vaivém incessante. Os peregrinos interpe-

lam-se, informam-se, trocam confidências. Tudo gira em volta de duas preocupações máximas. A missa do dia seguinte e a «vez» de confissão. Sim! Há algum tempo que o Superior se esforça por organizar o desfile feminino, nomeando um irmão, (bastante feroz) que distribui bilhetes numerados, com data e hora. Todavia, equivale a tudo ignorar da Itália poder imaginar tais medidas disciplinares ao abrigo de maquinações astuciosas! «Dou-te o meu bilhete para amanhã — diz uma comadre — mas não esqueças o que me prometeste!».

Enquanto espero, observo melancolicamente quanto estou longe daquela alegria perfeita, preconizada por São Francisco de Assis. Tenho fome. Tenho sono. Não sei onde passar a noite. Invade-me um mau humor terrível.

No quadrante luminoso do meu relógio, os ponteiros marcam 21 horas. Começam a organizar-se bichas «para a missa do Padre Pio» pelas duas da manhã! Que fazer? Distingo uma pessoa redondinha que desce pela esquerda a passos rápidos. Vou ter com ela. «Buona sera, Signora...» A pronúncia da desconhecida faz-me estremecer. Madona mia! Pois será Miss Mary Pyle, de quem me falaram amigos queridos em Barcelona e outros que muito bem a conhecem? Sim. É ela! Enumerando nomes conhecidos, eis-me com sorte. Com encantadora simplicidade convida-me a segui-la. Pelo caminho, confio-lhe as minhas perplexidades, Ri-se: «Por acaso, no meu quarto há uma cama livre...». Santa hospitalidade franciscana! Surgiu a salvação.

Seguimos por uma escarpa rochosa, que a minha companheira parece conhecer de cor; instantes volvidos, chegámos a uma casa iluminada, plena de zumbidos. Ao entrarmos no vasto aposento de rés-do-chão, cozinha e sala de estar, Miss Pyle apresenta-me. «Trago uma amiga para passar aqui a noite». Nem sequer sabe o meu nome!

Observo-a furtivamente, e logo me conquista a sua face cor-de-rosa, franca, onde cintilam olhos, ricos de espírito e inteligência. Não é formada? Não foi aluna e colaboradora da célebre Montessori? E eis onde Deus veio «encafuá-la», dir-me-á ela em breve, rindo. Irmã da Ordem Terceira, enverga o burel franciscano com escapulário, corda e rosário. Não usa véu. Como as mulheres da terra quando se encontram na Igreja, cobre-lhe a cabeça uma mantilha. A força de viver neste recanto perdido e privilegiado, por assim dizer impregnou-se da cor e do gosto local. Até a sua maneira de falar italiano denuncia a ambiência, a que está sujeita. Habitam a mesma casa algumas outras mulheres da mesma ordem, incumbidas de velar pelo governo interno e de acolher os hóspedes. Não constituo uma excepção no seu programa de caridade!

Raras são as noites que esta morada não está cheia a transbordar; para os casos de penúria extrema há ainda o leito suplementar no seu quarto, pobre como cela do convento.

Sinto-me imediatamente em família, à vontade. «Sóror Maria», como aqui lhe chamam, apresenta-me um rapazinho cego: Petruccio. «É um filho bem-amado do Padre Pio!». Resisti à chamada aliciante

duma chávena de caldo, fumegante, que me estende uma pessoa de cabelos brancos e traços singularmente nobres e finos, para dizer a Miss Pyle o fim da minha visita. Quero ver com os meus próprios olhos, ouvir com os meus próprios ouvidos, formular uma opinião... seria o nosso encontro puro acaso? Não me colocou a Providência no seu caminho para que me ajude a orientar-me? Acrescento — que os meus amigos italianos me perdoem — pelo menos, o seu bom-senso anglo-saxão conseguirá proteger-me de loucos entusiasmos e santos exageros. Vivendo no local em questão, deve saber o que há-de pensar!

A minha interlocutora pôs-se a rir: «combinado, mas não esta noite! A Senhora cai de sono... e eu também».

Marcamos para as quatro horas o despertar. «Está bem, explica Sórora Maria. Não há nada mais duro que ter de se levantar tão cedo. Mas que se há-de fazer? Com estas multidões, a hora mais tardia arriscávamo-nos a ser esmagados».

Mal se deita, mergulha num sono de chumbo. Observo que não larga o burel, nem durante a noite. Na memória, comprimem-se tantas impressões que não posso adormecer assim depressa. Fundem pouco a pouco certas prevenções, inspiradas pela atoarda publicitária, acumulada em volta de São Giovanni Rotondo. Começo a entrever uma outra realidade, velada pelo silêncio... o ruído pode trazer modificações. Em todo o caso, o meu primeiro contacto com S. Giovanni Rotondo é nitidamente favorável. Clima simples, franciscano, sem o menor vestígio de fanatismo.

Quem é, pois o Padre Pio?

O meu sono é entrecortado de sonhos, todos povoados de capuchinhos, um deles, um suave gigante de barba branca toca a sineta a matinas...

Acordo sobressaltada: chegou o momento de me levantar.

CAPÍTULO II

UMA IGREJA SITIADA. PROVAÇÕES DUM SACRISTÃO. O MILAGRE DO SILENCIO. «UM PADRE COMO OS OUTROS...» EIS-NOS MERGULHADOS EM PLENO MISTERIO. O PADRE PIO REVOLUCIONA A ROTINA. OS MINUTOS CORREM COMO GOTAS DE SANGUE. O HOMEM DAS DORES. «OU SOU UM IDIOTA OU ESTE PADRE É DOIDO». O PADRE PIO NÃO FAVORECE A SANTA CURIOSIDADE.

Não! O Padre Pio não é amigo do conforto! Pensar que os seus filhos e filhas, instalados em São Giovanni Rotondo, se levantam todos os dias a esta hora tão matinal! Tonta de sono, subo a íngreme ladeira que conduz à igreja. «Vá adiante — preveniu-me Mary Pyle — tente aproximar-se do altar».

Diante da porta fechada está à escuta uma multidão compacta. Os que estão mais perto informam os outros. «Ouço o barulho de chaves!» exclama uma mulher nova com um bebé nos braços. A notícia logo se espalha. Ouve-se o barulho de chaves! E a vaga humana escoá-se em direcção à igreja. Abrem-se as portadas com forte ranger de gonzos. É como represa que acabasse de ceder.

Pasmada, empurrada, calcada, projectada violentamente para trás, deixo-me ficar mais longe, enquanto que verdadeiras fúrias em cabelo uivam, vociferam, invectivam-se, gemem, e usam de todos os processos para serem as primeiras a passar. É tal o borborinho que o sacristão, embora habituado, mal consegue fazer-se ouvir.

«Pagãos! Marotos! Bandidos! Miseráveis! Esperem! Por piedade! Sois cristãos ou animais? Christiani o bestiae?».

Que querem! O pobre tem de lançar mãos de meios fortes... E não lhe serve de grande coisa! Suplico aos meus leitores que se não escandalizem demasiado depressa. Estamos em Pouille. Vão à Sicília e verão ainda pior!

Entro, enfim, com as costelas a doer. Onde estão as megeras de há pouco? Em volta do altar de S. Francisco, à direita, só vejo faces transfiguradas, lábios em prece, uma multidão devota e recolhida. Atingido o objectivo, já não carecem de estratégias violentos. Cada um e cada uma tomou conta do lugar, senão merecido, pelo menos conquistado após dura luta. Ninguém pode fazer o menor gesto. Comprimidos como sardinhas, de joelhos ou a pé (algumas pessoas prudentes deixaram-se ficar mais atrás munidas de banquinhos), temos de ficar assim durante duas horas de completa imobilidade, irremediavelmente bloqueados. Pergunto a mim própria com terror o que farão as pessoas que se encontram mal? Pois bem, explicam-me que não há casos de pessoas que se encontrem mal. Penso ser já um bonito milagre.

Isto é o silêncio! Pois acreditam que, durante toda a missa do Padre Pio, que dura agora hora e meia ou uma hora e quarenta e cinco minutos (a obediência forçou-o a cronometrar a cerimónia), facilmente se distinguiria o voo duma mosca? Quem conhece as maneiras desenvoltas dos italianos, gesticulando até sobre os degraus do altar (neles, esta familiaridade não indica falta de respeito), mal pode

conceder tão perfeita compostura. Honra-os em absoluto tal atitude: povo moço e entusiasta possui finas antenas, capazes de captarem o sobrenatural; se, por vezes lhes falta a expressão mais conveniente, não os engana em geral o seu sentimento católico; merecem bem toda a nossa atenção todos os que os canonizam, ainda em vida. Neste ponto, fio-me mais nas piedosas fúrias esguedelhadas do que nas pessoas impregnadas de devoção. Como em mágico espelho, quero seguir com profundo interesse nas faces destas criaturas o efeito da missa do Padre Pio.

Demora-se na sacristia. Eis a guarda-avanzada, isto é, «os filhos espirituais» que alargam um túnel na massa compacta e viva em volta do altar. Só agora entendo o móbil estratégico da ofensiva de há pouco. Trata-se de alcançar, tanto quanto possível, um lugar mais perto do capuchinho estigmatizado, para tocar o burel que o cobre, para lhe beijar as mãos, para lhe «arrancar» uma bênção.

Depõem sobre o altar a patena e o cálice, demasiado pesados para as suas pobres mãos estigmatizadas. A multidão ondula; um sopro brusco: «O Padre, o Padre!». Agradeço a Deus ter-me abençoado com um metro e setenta e dois de altura, para poder emergir acima dos ombros dos meus vizinhos.

Profundamente comovida, contemplo a cena.

Um padre vai fendendo a multidão. Um padre como os outros... Parece velha e coçada a casula. As mangas tesas, engomadas, escondem as mãos, que os olhos procuram com avidez insaciável. O seu olhar, como que ausente, é de extrema suavidade. Há tantos anos, tantos anos, todas as manhãs se repete cena

idêntica, sempre, sempre! Mas, é o único momento no dia em que escapa por assim dizer à multidão que dispõe dele, sem descanso. Entregue inteiramente às ordens do Pai, mais uma vez, ei-lo que representa o papel do Filho no drama do Calvário. Nem mais nem menos: a missa.

Os que o escoltam fazem-lhe transpor enfim a balaustrada. Observo os meus companheiros de caminho, o velho casal genovês. Tocam-lhe os paramentos e choram.

Com absoluta calma, plena de emoção, o Padre Pio entoia o *Confiteor*.

Os seus gestos são sóbrios, um tanto bruscos. Parece-me ligeiramente velado o timbre da sua voz. Ao pé do altar, eis que a sua face se transfigura por forma estranha. Não é necessária grande penetração para adivinhar com se move num mundo, opaco, para nós. Compreendo de súbito por que motivo a sua missa atrai, subjuga e fascina as grandes multidões. Desde o primeiro instante, violentamente, sentimo-nos mergulhados no mais profundo mistério, como cegos, em volta de alguém que vê. Sim, somos os cegos, aquém da realidade... Pois não será justamente o papel dos místicos lembrar os nossos olhos atrofiados, estes olhos interiores, feitos para captar uma luz bem mais cintilante do que a que ilumina os nossos olhos naturais?

Invoco todos os que participam na missa do Padre Pio. (É impossível assistir como mero espectador). Não se trata de impressão, a impor-se com extrema acuidade, desde o *Confiteor*? Não é a confrontação, não com o maravilhoso, mas com o real? ❀

Por mim declaro ter recebido em São Giovanni Rotondo a revelação de abismos de amor e luz, até então nunca descobertos no santo sacrifício da missa. Insisto neste ponto. Nos anais da Igreja, o Padre Pio é o primeiro padre estigmatizado. Mas é padre, sobretudo padre! A graça, nele, é essencialmente sacerdotal. Toda a sua existência gravita em torno destas horas em que empresta a Cristo a sua boca, os seus olhos, as suas mãos, renovando o sacrifício da cruz.

Nada acrescenta à grandeza da sua função o facto de estar marcado por estigmas. O mais indigno dos padres torna-se igual a ele no momento em que pronuncia as palavras da consagração. Quem oferece é Cristo, quem consagra é Cristo, quem se entrega na comunhão é Cristo. Como qualquer padre, no momento da missa o Padre Pio não passa de mero instrumento.

O seu papel não é fazer «outra coisa» nem actuar «melhor que os outros», mas sim fazer-nos compreender melhor, viver, assinalar o santo sacrifício da missa. Nos nossos países católicos, quantas almas enredadas no hábito? Quantas vezes, na Itália, boas mulheres vinham interrogar-me na igreja, a dois passos do altar: «E buona questa messa?» O que equivale a dizer: «Cheguei antes do ofertório? Estou livre da obrigação dominical!» Não parece tocá-las de perto o drama augusto. Uma oração diante da Madona ou uma série de genuflexões em honra de Santo António têm o mesmo valor!

O Padre Pio revoluciona esta rotina. A sua bênção? Reside efectivamente em nos obrigar a ver a

missa com olhos novos. Vê-la em profundidade, isto é, em realidade. Não inventa; nada junta. Nada altera aos gestos imutáveis, às palavras, plenas de potência criadora. Mas, quando diz: «Este é o meu corpo; este é o meu sangue», como esquecer que o padre, outro Cristo, está encarregado de continuar e completar a Paixão do Mestre? Os estigmas não adquirirão o valor de sinais visíveis, ousaria quase dizer: de reclamo divino para chamar a nossa atenção e concentrar o nosso amor sobre o Padre único, o Sacrifício único? Creio equivaler a traí-lo não o seguir imediatamente.

De pé, no vão da janela contra a luz, vejo o Padre bem melhor do que se estivesse na primeira fila, de joelhos, perto da grade que rodeia o altar. Abençoa as megeras que me calcaram e repeliram e observo com todo o vigor, toda a intensidade. Prometi a mim própria guardar sangue-frio e permanecer em atitude objectiva. Tento abstrair da personalidade do Padre Pio. Trata-se unicamente da missa; aquele que a celebra, tal qual como qualquer outro padre, não é mais do que transmissor das palavras do Cristo que, através dele, renova o seu único Sacrifício...

De súbito, na minha frente surge, anima-se a verdade do catecismo. São fórmulas exangues, encarnadas neste corpo de supliciado? Seria necessário ser cego para não ver como sofre este homem, que vai subindo agora ao altar. O seu passo, arrastado, hesita. Não se caminha facilmente com os pés trespassados. Pesados, os braços apoiam-se ao altar que beija com emoção.

Apresenta todos os reflexos dos feridos nas

mãos, habituados a poupar os gestos. Depois, olha a cruz, com a cabeça ligeiramente levantada.

Quase por instinto, desvio os olhos como se acabasse de surpreender um segredo de amor. Está literalmente transfigurada a face do capucho, ainda há pouco jovial e afável. Sulcam-na vagas de intensa emoção, como se o debate com a invisível presença o enchesse de um misto de receio e alegria, tristeza, angústia e dor. É fácil seguir nas suas feições o diálogo misterioso.

Protesta agora, diz que não com a cabeça, espera a resposta. Todo o seu corpo se inteiriza na prece muda. Após um momento de incerteza, continuo a observá-lo, presa de uma emoção que me contrai a garganta. Parece que o tempo parou; ou, antes, que não conta. Este padre, imóvel diante do altar, parece arrastar-nos, a todos, para uma dimensão nova onde muda de sentido o curso do tempo.

De repente, lágrimas enormes jorram dos seus olhos, e os ombros, sacudidos por soluços, parecem vergar ao peso esmagador. Num brusco relâmpago, lembro-me da guerra, evoco certos condenados à morte. Acabam de ouvir a sentença condenatória. Não tremem os músculos da cara, mas todo o corpo dobra, sem forças. Para fazer face ao pelotão de execução, exige-se a agonia por conta-gotas, a dura aprendizagem da morte. O Padre Pio não representa o drama dum Outro. Dele a Cristo, não há distância. «*Vivo ego, iam non ego...*» Se o Chefe renova o sacrifício de maneira não sanguinolenta, será para nos fazer esquecer o preço do sangue? Pelo contrário, não convida cada missa os seus membros a darem a sua

parte na Paixão redentora, pois é Ele-próprio que vive, sofre e morre no seu corpo? Não somos nós todos obreiros da Redenção? Não é a missa, para cada um de nós, lugar de transubstanciação em que o nosso pobre sofrimento, aceite por Cristo, adquire o preço da eternidade?

Se tal é, porém, o papel do simples cristão, quanto maior não será o do padre, Hóstia por vocação, mediador entre Deus e o seu povo? Contemplo o rosto do Padre Pio, coberto de lágrimas, e penso nos pecados que aceita todos os dias durante horas intermináveis, passadas no confissãoário. Ah! não é fácil confessar e absolver! O servo não está acima do Senhor. Eis a parte de sangue, que lhe pedem! Pouco importam os estigmas. Tem mais peso do que o sangue do corpo o sangue da alma... Revestido da túnica de Nessus, humilhado como um leproso, só entre o Céu e a Terra, sobe para o altar do seu Deus. Padre, não tem outra razão de existir, além da de deixar transparecer Cristo aos nossos olhos!

A missa continua depois deste êxtase doloroso. Compreendo agora como é que toda esta multidão compacta mal ousa respirar. As palavras podem ser desajeitadas, ineptas — sobre o Padre Pio quanta coisa inferior se tem escrito — todavia a alma profundamente emocionada, não se engana! O que se passa sobre o altar toca-a de perto. Entre ela e este padre, perdido em Deus, há secreta convivência. Sente-se tomada, arrebatada no redemoinho dramático. Esta missa torna-se minha, empolga-me por absoluto.

E eis uma das causas do extraordinário império do Padre Pio sobre todos os que dele se aproximam.

Como um feiticeiro, dum deserto de rotinas áridas faz jorrar a água viva, até então oculta. Ao seu contacto, as almas «reconhecem-se» cristãs. Retomam sabor e vida todas as práticas incolores. Desafio qualquer pessoa que tenha estado em São Giovanni Rotondo a assistir no futuro à missa, como simples espectador. «Dir-se-ia que as vendas caíram dos meus olhos — disse-me alguém — descubro na missa o que nem de longe suspeitava que existisse!» A partir do Ofertório, intensifica-se o ritmo do drama sagrado. Erguendo a patena em gesto súplice, com os olhos perdidos na claridade invisível, o Padre Pio descobre as chagas das mãos, vermelhas, sanguinolentas. Imóvel, permanece assim, bem mais tempo do que o exigido pela recitação do *Suscipe*. Dir-se-ia que inclui o mundo inteiro neste acto de oferta. A sua face, coberta de lágrimas, exprime uma espécie de desafio. «Eis o que te ofereço, Pai eterno, em nome do Filho que represento. Trago-te as agonias humanas; esta angústia devoradora; estes sofrimentos; estes pecados... Tudo lanço sobre Ti, em desordem; tudo deposito nos teus Braços, sobre o teu Coração.

«Dai-mo de novo, mais do que transubstanciado! Homem entre os homens, Pai dos homens, dou-te, ó Deus Criador, o que tu criaste para que lhes restituas maior beleza...».

Escoam-se os minutos como gotas de sangue. Súbitamente, compreendo que, pela missa, ascendemos ao eterno. O mistério da cruz escapa ao tempo — duração, na exacta medida em que este Homem supliciado é Deus. De maneira inefável, absolutamente inacessível ao alcance da nossa inteligência, o

Calvário está presente em cada missa e nós estamos presentes no Calvário. Verdade, tão obliterada nos nossos espíritos inconstantes e inquietos, não será necessária, de vez em quando, para no-la lembrar, a lição violenta das coisas, como a dada por Deus em São Giovanni Rotondo? No Momento dos vivos, nova paragem: outra vez êxtase. Houve uma época, em que o Padre Pio ia recomendando a Deus, um a um, todos os seus filhos, e nunca mais acabava, e então era necessário que o Reitor, oculto no coro, lhe desse mentalmente ordem para continuar a missa. Assisti a diversas missas do Padre Pio: não há duas que se assemelhem. É certo ser o Padre rigorosamente fiel às rubricas; para um Italiano, os seus gestos são de espantosa sobriedade; todavia, nota-se bem que não está ele só, em jogo. Envolvem-no presenças invisíveis; secundam-no ou retardam-lhe os movimentos. Uma sexta-feira, vi-o ofegante, oprimido como lutador, empenhado em luta terrível, com bruscos movimentos de cabeça, tentando debalde afastar um obstáculo que o impedia de pronunciar as palavras da Consagração. Foi como um combate, corpo a corpo, de que saiu vencedor, mas exausto. Outra vez, logo depois do Sanctus, grossas gotas de suor escorriam-lhe da fronte, inundavam-lhe a face, convulsionada de soluços. Na verdade, é o homem das dores, dilacerado por todas as agonias. Há dias em que ao proferir as palavras da consagração, sofre autêntico martírio. Somente o seu director espiritual poderia dizer-nos alguma coisa... O Padre Pio, sempre tão amável, a seu respeito guarda silêncio absoluto, feroz.

Enfim, ei-lo erguendo bem alto Deus, transformado em Pão! Escorrem-lhe ao longo dos dedos delgados fios de sangue. Por um instante as feições modificam-se-lhe, tornam-se luminosas. Aflora-lhe aos lábios, por vezes, um sorriso; os seus olhos acariciam a hóstia com um olhar infinitamente terno, infinitamente doce. Não sei como é a fé que o anima; é certo, porém, que o contemplei, *vendo através das aparências*. Todo aquele que pusesse em dúvida a Presença Real não precisava mais do que assistir à sua missa. Não digo que a fé, graça suprema, o impregne automaticamente, mas com certeza ver-se-á forçado a encarar o mesmo dilema, como aconteceu a um amigo, enviado por mim a São Giovanni Rotondo. Escreveu-me: «Tenho de optar entre duas coisas: ou sou um idiota ou este padre é louco». Optou pela primeira parte da alternativa.

Por causa da afluência, o Padre Pio distribui a comunhão depois da missa no altar principal onde, aliás, é ajudado por outros ministrantes. Muitos desejam receber a Hóstia da sua mão trespassada. O Padre Pio não favorece esta santa curiosidade; as mangas da alva, severamente engomadas, tapam-lhe os dedos. Penso que deve considerar falta de tacto todos estes olhares, fixos nele, servo, enquanto segura com os dedos dolorosos, exangues, o seu Senhor e Mestre.

Recebi, de olhos fechados, a comunhão, da mão do Padre Pio.

CAPÍTULO III

AQUELAS A QUEM CHEGA A VEZ. FILTROS E REPRESAS. O IRMÃO CERBERO E AS ASTUCIOSAS FICHAS. «PADRE PIO SÓ DESEJA CONFESSAR; NÃO SE PRESTA A CONVERSAS». UM PEREGRINO RECALCITRANTE, CONVENCIDO. «UM QUARTO POR MILAGRE». ENTREVISTA CLANDESTINA. «DEPOIS DA CONFISSÃO COMO NOS SENTIMOS ALIVIADOS!». INDISCRICÕES DOS PENITENTES. «JÁ SABIA TUDO, DISSE-ME TUDO, ANTES QUE EU LHO REVELASSE». O LENÇO DE QUADRADOS E A RETIRADA ESTRATÉGICA. CURA DE UMA CRIANÇA IDIOTA. A GRANDE PIEDADE DAS ALMAS.

Logo após a missa, um serviço improvisado para manter a ordem, dirigido em grande parte por filhos espirituais do Padre Pio, canaliza os penitentes à espera. Podem acreditar-me — não é coisa fácil. Os homens confessam-se na sacristia onde, segundo me dizem, é menos severa a disciplina. O bando feminino é levado com rigor e até assaz maltratado pelo irmão de má catadura, mencionado como Cerbero e que, aliás, pobre dele, não pode deixar de ser como é. o menor relaxamento conduziria infalivelmente a atropelos. «Caminhavam sobre a minha cabeça, se eu deixasse, e o Padre Pio morreria asfixiado», confessa o pobre.

Diante do confessionário, a grade lembra um dique, onde as vagas vão quebrar-se. Metade da igreja está reservada para aquelas a quem chegou a vez. Não imaginem coisa, fácil ser confessado pelo Padre Pio! É exigida a passagem por diversos filtros, para amortecer o choque inicial. Sobretudo, é necessário

esperar, pelo menos, três ou quatro dias. Na sala contígua à Igreja, o Irmão Cerbero distribui os cartões. Ouço protestos veementes, amargas censuras. «Como? Só quinta-feira? É impossível. Esperam-me em casa! Sou forçada a ir-me embora depressa. Por caridade. Não têm coração nem entranhas humanas? Nossa Senhora, por piedade! Um cartãozinho... Tenho aqui uma oferta, para o nosso Pai São Francisco». Tudo inútil! Com indiferença diamantina, Frei B. deixa passar a avalanche e estende à mulher em lágrimas uma ficha, que só a acalma por instantes. Logo outra toma o seu lugar. «Frei B. venho do mando do Reverendo X.; arranje-me um cantinho para amanhã...». O Irmão estende-lhe uma ficha, sem se dignar responder.

Ao fim de um quarto de hora de manejos semelhantes, começo a ter pela sua virtude a mais alta estima; intrigam-me estas fichas astuciosas com o poder de actuar sobre os espíritos excitados como duque. Vejo uma, caída no chão...

Traduzo-a para elucidação dos leitores. «O que devem saber todos os visitantes de São Giovanni Rotondo».

1.º — Se tens a intenção de conversar com o Padre Pio, mais te vale renunciar imediatamente; está aqui para confessar, não para falar.

2.º — Se desejas confessar-te a ele, sabe que confessa os homens, de manhã até às 9 horas e, à tarde, enquanto, for possível. Quanto às mulheres confessa todas as manhãs das 9 às 11 e trinta,

mediante um bilhete de apresentação, que se pode obter no escritório, contíguo à igreja.

3.º — Se não podes esperar pela tua vez chama qualquer outro Padre que estabelecerá a paz entre ti e Deus.

4.º — Para benzer rosários e outros objectos religiosos, dirigir-se ao Irmão Porteiro.

5.º — Se desejas comunicar ao Padre Pio qualquer coisa de particular, fá-lo através de outro Padre.

6.º — Para todas as outras informações, dirigir-se ao Padre do escritório encarregado dos apontamentos prévios.

Confessemos que os capuchos nada fazem para facilitar o acesso junto do santo companheiro; os homens, esses são claramente favorecidos. Para eles não é necessário o bilhete numerado! Um Padre estrangeiro, há alguns anos benévolo secretário do Padre Pio, digna-se explicar-me o motivo de tal preferência. «É que os homens estão em franca minoria e são *por tal forma mais interessantes!*». Logo se revolta, é claro, o meu amor-próprio feminino. «Como, mais interessantes?». De certo, responde-me ele muito sério; a maior parte apresenta casos difíceis, digamos até desesperados, por confessar há vinte, trinta, quarenta anos; trata-se de grandes pecadores que não fazem perder ao Padre um tempo precioso, contando frioleiras, ou inventando parvoíces como fazem as mulheres, desculpe». O espírito de classe leva-me a protestar. «Confesse que, entre nós, tam-

bém há grandes pecadoras». «Sim, mas em proporções reduzidas. Essas encontram no Padre Pio um Pai que as transforma. Quantas Madalenas têm visto esta Igreja! Todavia, muitas, muitas vêm, movidas pela curiosidade, e roubam ao Padre um tempo precioso».

Um misógino, sem dúvida! Para não me sentir pessoalmente visada, permaneço a distância da enorme bicha que assalta o Irmão inexorável, e ponho-me a recapitular as minhas impressões.

Alguém chama por mim em italiano. Volto-me e reconheço a dama de Génova, com quem fiz o trajecto desde Foggia.

Não reconheço quase a sua face repousada, cheia de vida. Ela que, durante a viagem, não abria a boca, agora desabafa em onda irreprimível de palavras!

«Que graça, minha senhora! Meu marido confessou-se. Tinha medo, tanto medo! Ele não queria vir. Não e não. No dia dos meus anos pedi-lhe um presente. Que presente? «Vamos a São Giovanni Rotondo», supliquei-lhe. Ficou furioso. «É uma armadilha. Não é honesto». «Prometeste dar-me o que eu quisesse. Se soubesse o que passei para o trazer aqui! Esta manhã estava de muito mau humor. Partimos no expresso da tarde» — declarou muito zangado. «Veja lá. Quase que não tínhamos dormido. A cama estava cheia de percevejos. Aliás, foi graças a essa circunstância que não protestou demasiado para se levantar. Quando fomos para a missa, afirmou-me categoricamente: Sobretudo, não me peças para me confessar. Partimos, logo em seguida à missa!».

Repare. Depois da missa, vejo o meu homem seguir o Padre para a sacristia. Espero, espero, rezo, rezo. Volta com uma cara transfigurada. «Está pronto, disse-me ele, confessei-me». Que grande graça, que grande graça!

Ei-lo que se aproxima a passos rápidos. «Anita, encontrei um quarto por milagre. Livre até ao próximo domingo, oito dias!». Reconhece-me, cumprimenta-me a rir.

«Que homem este Padre Pio! Apanhou-me...». Depois, muito sério: «Que havia eu de fazer? Depois de ouvir a missa, dita por ele, não podia deixar de me confessar. Foi mais forte do que eu».

De braço dado, como dois apaixonados, lá foram ocupar o quarto do milagre. Não se tratava já do expresso da tarde!...

*
* *
*

São oito e trinta, quando Sórora Maria me vai buscar ao limiar da Igreja. Conto-lhe a aventura dos meus companheiros genoveses, aventura que não a impressiona nem ao de leve. «Está na ordem do dia, disse-me ela. Depois de cada missa, é uma onda impetuosa até ao confessionário do Padre Pio. Ninguém lhe resiste! O verdadeiro milagre é terem encontrado um quarto. Tudo repleto, repleto!».

Faço as honras ao chá inglês, condimentado com deliciosas anedotas locais que me conta a minha hospedeira, infelizmente, atormentada por extrema falta de tempo. É que desempenha em São Giovanni Rotondo o papel do *cals d'Orsay*!

Vêm-lhe às mãos, mais tarde ou mais cedo, todos os estrangeiros — ia a dizer como que automaticamente. Há algum tempo nota-se verdadeira afluência de «boys» americanos, atraídos pelos livros e artigos de grande tiragem sobre o Padre Pio, publicados nos Estados Unidos. Grandes, loiros, desengonçados apoderam-se de lugares e coisas com a mais tranquila audácia, mas num momento deixam-se subjugar irremediavelmente pelo Padre Pio.

«Como fazem para se confessar?» interrogo a Miss Mary Pyle.

— É o que eu queria saber! O facto é que conseguem os seus fins. O Padre não sabe uma palavra de inglês, e eles mal compreendem italiano. Todavia, voltam do confessionário, maravilhados! Não sabem como responder às minhas perguntas. «O Padre Pio entende-nos. Isso é certo. Como? É com ele. Disse-nos o que esperávamos ouvir!».

Confesso honestamente a minha desconfiança em face de certa literatura grandiloqua e exaltada, aravés da qual conhecera a pessoa do Padre Pio, e que me inspirara o desejo ardente de o ver e de lhe falar sem testemunhas.

Mary Pyle ri. «Sois todos iguais! Duvidais sempre. Mas não sabe que o Padre está aqui para confessar e não para se deixar entrevistar?».

Conto-lhe a minha impressão sobre o Reverendo. «Além de me ser impossível esperar pela minha vez, o meu «caso» não é bastante urgente para tomar o lugar a outra. Queria contudo vê-lo de perto».

A minha hospedeira reflecte um pouco. «Pois bem, um quarto de hora antes do *Angelus* apareça no

corredor do convento. À esquerda da igreja. Diga que vem da minha parte. Estarei lá, de mais a mais, com uma doentinha». Bem-aventurados os que conhecem a perseverança! Sórora Maria desculpa-se: «Esperam por mim. Até logo! Não se esqueça de que está em sua casa...».

*
* *

✱Em São Giovanni Rotondo, onde é que havemos de ir senão à Igreja? São 10 horas. O sol dardeja setas inflamadas sobre a terra cinzenta e desolada. Devoradas de sede, oliveiras descarnadas projectam sobre os atalhos pobres sombras, disputadas pelos transeuntes. Sobre o fundo de uma mata de ciprestes, direitos como velas, hirtos em expectativa acabrunhada, o convento lembra enorme mancha branca. Decididamente, neste país, para atrair a enorme multidão de peregrinos só existe o caminho em sentido único, que vai desaguar no planalto...

Na igreja, os olhos vigilantes de um irmão estão de guarda aos manejos das penitentes, comprimidas na nave da esquerda, segundo a ordem das inscrições. Manda-as entrar por conta-gotas; porém, lá conseguem abrir confusão nas fileiras, mesmo dentro do severo recinto. Todos pretendem ficar o mais perto possível do Padre, assentado bem à vista no confessionário, inclinando-se ora para a esquerda, ora para a direita:

Instalo-me sem vergonha na nave à direita, aberta aos fiéis. Quero saber a verdade. Continuo a observar o Padre Pio. Santas desculpas da gente de

letras, ansiosa por encontrar razões para indiscretas curiosidades! Sim, desde o primeiro instante não posso deixar de comparar o pobre Padre a um animal na jaula, exposto aos olhos ávidos da multidão que lhe faz cerco. Todos pertencem ao grupo de São Tomé, o Apóstolo. Todos querem ver e tocar. Devorado por tantos olhos, ao alcance das mãos, o Padre Pio surge como que agarrado ao pelourinho, presente às almas, porém, sem a participação do corpo.

Nunca vi alguém que, como ele, evocasse a tal ponto a mais pura interioridade. Aposto que nada vê, nenhuma criatura distingue em tais momentos. O seu olhar parece estar fixo no além. Absorve-o visão fascinadora, a visão que o apaixona! Para ver almas como as vê, não deve, por assim dizer, desviar os olhos da carne e *penetrar* na própria alma?

Segura na mão esquerda um grande lenço aos quadrados, com que limpa de vez em quando a fronte, coberta de suor, lenço agitado por ele violentamente contra o nariz das curiosas que, ao retirar-se do confessional, pretendem beijar-lhe as mãos. Dir-se-ia que enxota moscas!

Por vezes, na sua face passam espasmos dolorosos; os ombros vergam sob um peso invisível. Enxuga somente suor ou também lágrimas? As confissões duram pouco: cinco minutos, o máximo. Mulheres, manda-as embora ainda mais depressa, segundo me dizem. E de nada serve vir com programa completo e «lista de pecados», todos por ordem. Com uma palavra, tudo derruba. Num minuto a alma sente-se nua. Vê-se, e *sabe* que está à vista. Tal chaga oculta, esquecida, ei-la que surge de súbito em todo o seu

horror. Tombam desfeitas as sábias blindagens. Caem as máscaras, essas máscaras que, com o tempo, acabam por aderir à carne. Poder inexorável! A claridade viva penetra até às pregas mais humildes da consciência. Que trágica exposição de horrores, que hediondas revelações?!

Então, quando a alma, à claridade ardente, se reconhece lama e podridão em face da pureza infinita de Deus, então rebentam torrentes de lágrimas, na grande purificação. Esmagada ao peso do remorso, acolhe avidamente as duas palavras familiares, plenas enfim de significado: «Acto de contrição» diz o Padre Pio, erguendo a mão. Não diferem dos outros padres os seus gestos. É duro e exigente. Se a multidão o cerca, como acontecia outrora com o cura d'Ars, é que com ele a confissão assume sentido profundo, absoluto.

Um penitente disse-me: «Tenho a impressão de ter mergulhado no sangue de Cristo. A alma sai regenerada, ressurge, nova, após esse banho». Observo as faces, estranhamente pacificadas, radiosas de secreta alegria, as faces das mulheres que acabam de se confessar e ajoelham junto de mim, recitando as orações da penitência. Uma delas diz-me: «Sinto-me tão leve, tão leve!».

De repente, ouço bater violentamente a portinha do confessional. «Vai embora», diz o Padre Pio a uma rapariguita loira, que soluça, angustiada. Ela sai do confessional, arrasta-se diante dele. «Vai embora, repete o Padre, não tenho tempo para ti».

Confesso que esta cena me deixa aturdida, indecisa. Esta criança deu provas de coragem, ao vir aqui.

E se parte desesperada? Sigo-a com o olhar compassivo. Continua a soluçar, como se o coração fosse despedaçar-se. Ninguém se mexe. O Padre continua a virar-se ora para a direita ora para a esquerda... Não há tempo a perder com a multidão que o cerca, ávida, ansiosa!

Ainda uma vez, a rapariguita tenta insinuar-se, abrir brecha para entrar. Repele-a a mulher a quem pretendia tirar a vez. Só então bate em retirada, vai sair da igreja. O padre, de guarda à porta, diz-lhe: «Pobrezinha, não perca a coragem!».

Acompanha-a, e eu sigo-os.

Foi breve o diálogo. Ela levanta a cabeça, sorri através das lágrimas.

«Obrigada, Padre, obrigada!» Curva-se, beija-lhe a mão, e torna a entrar no templo. Aproximo-me do sacerdote. Pergunto-lhe, como é possível que o Padre Pio mande embora penitentes. Acho as suas maneiras muito bruscas!».

O monge fita-me, reconhece pela pronúncia que está em frente duma estrangeira e responde, cheio de indulgência: «É que, minha senhora, o Padre Pio lê nas consciências e manda embora as pessoas mal preparadas».

(A explicação é dada no tom com que tratamos crianças, com pouco entendimento).

— E se não voltarem mais?

— Esteja sossegada! Não as mandaria embora, se não soubesse que voltavam! Para lavar um coração é necessária uma chuva de lágrimas. Um bom médico não hesita em empregar o bisturi.

— Então, esta rapariga...

Torna-se ainda mais condescendente:

— Nada receie. Veio talvez movida pela curiosidade. A muitas mulheres sucede assim. O Padre Pio sente-o. Não quer que venham confessar-se para o ver. A confissão não é isso! Dentro de dois ou três dias, esta rapariga virá, preparada. Creia que o Padre Pio já rezou por ela a estas horas. É preciso, contudo, tempo para que a graça opere...

Aproveito logo o ensejo. «Meu padre, será verdade ler o Padre Pio nas consciências como em livro aberto?».

O capuchinho sorri. «Não sei mais do que o que todos sabem». Maravilhados por se sentirem compreendidos e reconhecidos, certos penitentes contam o que lhes aconteceu a quem quer ouvi-los. Outros calam-se. O Padre Pio tem a boca selada. Todavia, são tão numerosos os casos conhecidos, que não podemos deixar de tirar certas conclusões».

— Pode fornecer-me alguns exemplos?

— Decerto. Ora ouça. O outro dia, um comerciante de Pisa veio pedir-lhe a cura da filha. O Padre Pio olhou para ele e disse: «Tu estás bem mais doente do que a tua filha. Vejo-te morto!». Muito pálido, o pobre homem balbuciou: «Não, não. Sinto-me de perfeita saúde!». «Sim? gritou o Padre Pio. És um desgraçado! Como podes estar bem com tantos pecados sobre a consciência? Descubro, pelo menos, trinta e dois!». Imagine o pasmo do comerciante! Depois da confissão, contava a quem queria ouvi-lo: «Sabia tudo! Antes que eu falasse, conhecia tudo da minha vida!».

— É cómodo confessar-se a um Padre, que nos diz os nossos pecados, exclamei. Já não é preciso dar volta à cabeça com exames de consciência!

— Como se engana! O Padre Pio não facilita nada! Se sabe os pecados não poupa de forma alguma a salutar humilhação de os confessar! Ajuda, em todo o caso. Se disser: «Cometi tal pecado tantas vezes» logo ele corrige, dizendo por exemplo: «Lembra-te de tal dia, em tal lugar...».

Uma vez disse todos os pecados a uma grande pecadora, caída aos seus pés, todos, menos um. Passados momentos de violenta luta, ela acaba por confessar. Ora aí está o que esperava, minha filha, exclamou radiante. Agora, posso dar-te a absolvição!». Contou depois esta dama que, se tivesse escrito dia a dia a história da sua vida, isso não teria sido tão exacto como o que o Padre lhe dissera.

«Não esqueceu nem o mínimo pormenor», dizia ela. O último pecado, porém, quis que fosse a pecadora quem fizesse o esforço de o confessar!

É verdade acolher o Padre Pio de preferência os grandes pecadores?

— Mais que verdade! Aos filhos pródigos pertence a prioridade na casa do Pai do Céu! Não imagina o número de conversões de que estas paredes têm sido testemunhas... E o que sabemos não é nada, comparado com o que ficará secreto até ao fim dos tempos. O Padre Pio recebeu por missão converter os pecadores.

Todos os seus dons estão ao serviço das almas. Que quer? Ao sentirem-se assim descobertas, des-

mascaradas, as almas não resistem. Ouça ainda um exemplo:

— Manietado por relações criminosas, um homem acompanhou aqui a mulher, tendo na mente um projecto, firmemente architectado. No desejo de se desembaraçar da esposa, decidira matá-la — simulando um suicídio. A viagem a São Giovanni Rotondo tinha por fim deitar poeira nos olhos da família. Era um ateu, que não acreditava nem em Deus nem no Diabo. Sem sombras de comoção, foi à sacristia para ver esse «fenómeno de histeria, com todas as características». O Padre conversava com alguns filhos espirituais. Ao vê-lo, foi ter com ele, pegou-lhe no braço, empurrou-o para a porta.

«Fora daqui! Não sabes que te é interdito manchar as mãos em sangue! Vai-te daqui!».

Todos os presentes ficaram aterrados. Fora de si, o desgraçado fugiu, como se todas as fúrias o perseguissem. Que se passou durante a noite? Só Deus o sabe! No dia seguinte depois da missa, o homem veio lançar-se aos pés do Padre. Acolheu-o com amor, confessou-o, deu-lhe a absolvição; depois de o abraçar com ternura, disse-lhe à queima-roupa: «Desejaste sempre filhos, não é verdade?».

O homem olhou-o, pasmado: «Ah! sim, muito, muito». — «Bem, não ofendas mais a Deus e terás um filho».

Um ano depois, o casal trazia-lhe um filho para ele baptizar.

Enquanto esperávamos, na esplanada aglomerara-se grande multidão.

Ouvíamos a voz de um homem, que contava alguma coisa, transbordante de animação. Visivelmente impressionadas, as mulheres interrompiam a cada instante a narrativa com exclamações de assombro e admiração. O religioso, a meu lado, sorriu.

«Vá ouvir, também. É água para o seu moinho. Desde manhã cedo que trabalha sem parar. É um palrador nato... Perdão. O meu serviço espera-me. Não é possível deixar esta gente só, nem um minuto! Pouco falta para arrancarem os cabelos umas às outras. Se ainda o não mataram, não é culpa delas...» Mandando-me embora com esta elegância, o bom do capuchinho dirigiu-se para o seu posto de observação, enquanto eu me precipitava para o grupo mais ruidoso. O homem recomeçava:

— Aqui tem, boa gente, o que me aconteceu. Há trinta e cinco anos que não punha o pé na igreja. Ouvem bem? Há trinta e cinco anos! «Deus meu!» exclama ao meu lado, uma mulher, batendo as mãos. «Que patife!».

Não posso deixar de pensar numa comédia. Da melhor boa-fé, este homem representa apaixonadamente um papel diante de um auditório improvisado. Pela pronúncia vê-se que é do Meio-dia; os gestos provam ser actor nato, com o que nada perdem nem a sua sinceridade nem o peso das factos que vai narrando.

— Muito bem, continua ele. Há trinta e cinco anos que nada queria saber nem de Deus, nem da Madona, nem dos santos. Levava uma vida infernal, ou antes vida de danado. Um dia, encontrei uma filha espiritual do Padre Pio. Disse-me: «Vá a São Glo-

vanni Rotondo e verá!» — Pus-me a rir. Se julga ver em mim um bocado fácil de engolir, se pensa que o seu Padre me apanha como os outros, engana-se!». Todavia, sem saber como, esta ideia obcecava-me. Era como um perfurador que vai penetrando, penetrando. (Fazia o gesto de verrumar com as mãos). Enfim, sem poder resistir por mais tempo, disse com os meus botões: «Por que não hei-de ir? É a melhor forma de me livrar desta obsessão!». Cheguei ontem à noite. Tudo cheio. Ora, eu sou amigo do meu conforto. Como mal; durmo mal; de noite ponho-me a pensar nos meus pecados. Nunca os tinha visto de tão perto. Era um desfilar constante de pecados. Acabo por suar a bom suar. Era também o calor. Às duas horas, à minha volta, começam a retinir despertadores. Que querem? Levantei-me como os outros. Com a cólera até praguejava. Mas fui à igreja. Impelia-me qualquer coisa de inexplicável. Esperei como os outros. Entrei como os outros. Assisti à missa do Padre Pio. Que missa! Queria defender-me, fugir, escapar... nada a fazer — perdia o pé! A cabeça parece que me queria estalar: tremendo!

Parou, por instantes, seguro do efeito. À minha volta, algumas mulheres choravam vergadas pela emoção. Continuou:

«Depois da missa, segui os homens como um autómato. Entrei na sacristia; queria ver o Padre Pio de mais perto, o padre e as chagas. Veio então direito a mim: «Não sentes sobre a cabeça a mão de Deus»? Balbuciei: «Desejo confessar-me, Padre». Respondeu-me: «Vem»! Ajoelhado, sinto o vácuo na cabeça. Impossível lembrar-me de um único pecado!

Via-os em montão, como lama escorregadia, mas não um a um, como me acontecera durante a noite. Por que lado começar? O Padre esperava, depois docemente animou-me: «Coragem, meu filho. Não me disseste tu tudo durante a missa? Vejamos...» E começou e enumerar todos os meus pecados, todos! Ouvem? Até os que ninguém conhecera, até os que eu havia, há muito, esquecido.

Só tinha a dizer: sim! Depois deu-me a absolvição. Sinto-me como uma criança, livre, livre! A minha alma canta! «Agradeça à Mãe do Céu!» recomendou-me o Padre Pio... Boa gente, conto tudo isto para que dêem graças comigo, pobre pecador...

Por certo, teria continuado neste tom, se, de súbito, a atenção dos ouvintes não se desviasse bruscamente, devido a acontecimento mais de molde a apaixonar os espíritos.

Prevenidas por sinais, imperceptíveis para simples profanas, como eu, todas as mulheres se precipitaram para a igreja em que o Padre se preparava para deixar o confessionário. Levada no redemoinho, fui arrastada até junto do varandim. O Padre estava de pé, pronto para sair. O seu belo rosto romano exprimia aborrecimento e cólera. Os olhos lançavam chamas. Obstruía-lhe a passagem uma multidão compacta de mulheres ajoelhadas. Tentavam todas tocar-lhe o hábito, as mãos. Debalde, com ar ameaçador, ele sacudia o grande lenço de quadrados. Ébrias de entusiasmo e reconhecimento, encarniçavam-se atrás dele, teimosas, frenéticas. Tive a impressão de que uma delas, armada com uma tesoura, lhe cortava o escapulário. Em voz sonora, de

timbre quente e forte, pronúncia quase napolitana, o Padre Pio exclamou: «Deixam-me passar ou não?»

Nesse momento, dois irmãos, especialmente incumbidos de o guardar, saíram a correr da sacristia, fenderam a multidão sem cerimónia, e vieram colocar-se ao lado do Padre Pio para lhe servir de escolta. Esses usavam com os fiéis de linguagem menos delicada; contudo, notei com pasmo que tal facto em nada os impressionava. Até à porta da sacristia sempre o mesmo frenesi, a mesma perseguição ardente. Sem querer, pensei no javali perseguido por feroz matilha de cães, e o javali, coberto de sangue, lastimoso, foge, ofegante, sacode-os, mostra as garras, tenta abrir passagem. Assim, o Padre Pio batia em retirada no seu passo vacilante. «Padre, benza-me este rosário! Padre, toque esta fotografia! Padre, faça-me esta graça! Padre, ó Padre, piedade!»

Enfim, desaparecera por detrás da porta. E logo a multidão comprimida se dispersa, pouco a pouco, pacificada. Na massa, há pouco ainda informe, destacam-se rostos. Algumas mulheres ajoelham devotamente, e rezam com toda a alma, em frente do altar. Outras precipitam-se para o confessionário, e esfregam rosários, medalhas, imagens e mãos na madeira abençoada. Por fim, o Irmão sacristão consegue expulsá-las, à força de invectivas e quase que à vassourada. Não nos escandalizemos demasiado depressa! Estamos em Pouille; a graça não exprime a natureza, tão facilmente inflamável, debaixo de um sol ardente. Estes meridionais depressa se exaltam, tocam por vezes as raías do fanatismo, seja, todavia não podemos pelo menos censurá-los por terem o

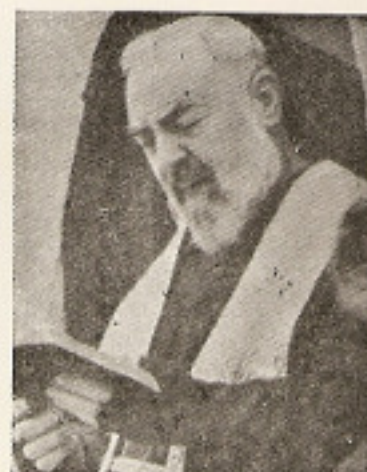
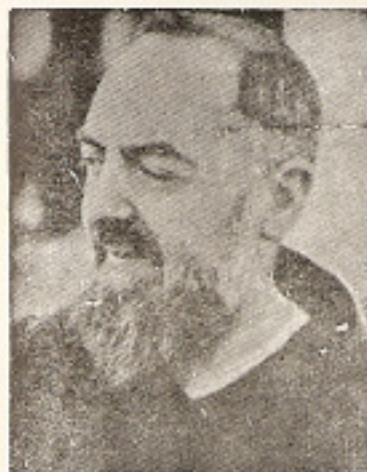
coração atrofiado como estes pagãos, sem afecto, de que nos fala São Paulo, ou certas virtudes rabujentas, incapazes de excesso algum, nem no mal, nem no bem... A este propósito, um padre a quem confiava as minhas perplexidades, contou-me esta linda anedota:

«Muito novo ainda, o Padre Pio, confessava numa igreja da Itália meridional. Em frente ao confessionário, havia um altar da Madona, cercado por uma grade. A igreja estava vazia. O Padre Pio preparava-se para sair quando, de súbito, uma mulher entrou na capela com uma criança nos braços. O Padre pensou que seria uma penitente e deixou-se ficar imóvel. Ela, porém, não se apercebeu da sua presença. Virada para a Madona, ergueu a criança para lhe mostrar: era um pequeno monstro idiota e disforme, coberto de baba. «Senhora», começou em voz suplicante, venho aqui para que sareis o meu filho. É uma vergonha uma criança assim. Compreendeis? Curai-mo!»! Depois, com o bebé estendido nos braços, esperou. Preso ao chão, o Padre Pio não ousava fazer um movimento. Instantes depois, o diálogo continuava:

«Mãe, não vos pediria tamanha graça, se não soubesse que podeis fazê-lo. Sois toda poderosa junto de Deus. Então? Não podeis recusar atender-me. Podeis curar o meu filho: deveis curá-lo. Vêde o pobrezinho à espera»!

Embalava-o em frente do altar, para o mostrar bem à Madona impassível.

Desta vez, o silêncio durou mais tempo! Por fim, exaltou-se: «Vejamos, Mãe do Céu, ouvi-me! Peço-





«Nos livros procuramos a Deus. Na oração
encontramo-lo» (Padre Pio)



Todos os que o vêem se espantam da sua extrema humildade



O Padre Pio pouco se importa com os entusiasmos que desperta. Um só objectivo o domina: desanimar os seus admiradores para os conduzir a Deus.

-vos alguma coisa de razoável: a saúde do meu filho. Que quereis que faça dele, assim como está? Olhai-o, curai-o depressa!».

A sua voz tornara-se mais ardentemente súplice; grandes lágrimas corriam ao longo da sua face. A Madona não respondia!

Desvairada, com um brusco movimento a mulher atirou o bebé sobre o altar: «Já que não quereis curá-lo, pois bem, dou-vo-lo! Guardai-o! Ou então restitui-mo curado. É vosso, agora...».

O Padre Pio a custo reteve um grito. Na sua frente sobre o altar, o bebé ergueu-se; a pequena face disforme iluminara-se de súbito; animaram-se os olhos mortos, estendia os braços, palavra: «Mamã, mamã»!

Soltando um uivo de louca alegria, a mulher pulou por cima da grade, pegou na criança e pôs-se a beijar freneticamente o altar, aos gritos: «Mãe de Deus, obrigada, obrigada»! e fugiu, apertando o seu tesouro ao coração.

«Que quer? terminou o padre a sorrir, não têm maneiras distintas, mas possuem fé, capaz de transportar montanhas».

Não quis acrescentar que, decerto, o Padre Pio não deixara de participar no milagre.

• * •

Fiquei pensativa. Duas coisas me pareciam evidentes: a imensa solidão do Padre Pio e a sabedoria da Igreja que o defende, impedindo entusiasmos excessivos.

Pois haverá maior dor para um santo do que captar, por assim dizer, desviar o amor, a adoração devidos Àquele, que é santo, o Único que é santo? «*Tu solus sanctus*». Nunca a transparência é assaz diáfana para que não possa, em certos corações, formar um biombo.

Degrada-se depressa o sentimento religioso, consequência, talvez, entre as mais dolorosas, do pecado original. Por mais que um santo queira apagar-se, enquanto permanece sobre a terra, os próprios dons com que Deus o distingue quase que nos fazem correr o risco de esquecer o supremo Dispendador dos bens.

O Padre Pio não alimenta ilusões. A causa da sua imensa popularidade reside nos estigmas com que Deus o assinalou há trinta e seis anos; é a effigie do Crucificado, gravada na sua carne!...

Pescador de homens, deve servir-lhes de isca sublime. Viriam eles em tão vultoso número dos quatro pontos do horizonte, se não quisessem tocar-lhe os pés e as mãos, como Tomé, o Apóstolo? Ah! Poder ver as suas chagas gotejando sangue! Oh! Poder surpreender alguns sinais do mundo invisível, que a fé anuncia!

Deus conhece a massa de que somos feitos. No decurso da história, prodigaliza às mãos-cheias os avisos! Todavia a Igreja não se cansa de nos lembrar que estes só valem pelo significado interno. «*Beati qui non viderunt et crediderunt*». A noite da fé é infinitamente mais preciosa que todas as graças externas.

Ora, vê-se bem o pouco caso que o Padre Pio faz dos entusiasmos que desencadeia a sua presença. Os seus gestos bruscos, os esforços que faz para esconder as mãos, até as suas maneiras conscientemente rebarbativas só têm um fim: desanimar os fiéis, desviá-los da sua pessoa para os encaminhar para Deus.

Durante a minha permanência em São Giovanni Rotondo, observei-o mais a ele do que aos estigmas. Conquistou-me pela sua extrema humildade. Na verdade este homem sente-se um zero diante de Deus. Todos aqueles a quem interroguei sobre este ponto concordam em como ele declina violentamente todas as acções de graças, que lhe são dirigidas. «Agradecei ao Senhor! Só a Ele e a mais ninguém deveis agradecer! Foi Ele quem vos concedeu esta graça. Dirigi-lhe a Ele, e não a mim, o vosso agradecimento»!

Se alguma coisa pode encolerizá-lo, são precisamente as homenagens indiscretas. Dir-se-lhe considerá-las injúria para com Aquele, de quem se reconhece o humilde instrumento. Os seus filhos e filhas em espírito sabem bem como detesta as fórmulas admirativas.

Consciente, bem consciente do seu nada à luz implacável, como poderia acolher os louvores, sem os considerar mentira, e sem com eles sofrer? No meu posto de observação, em frente ao seu confessional cercado por todos os lados, compreendi bem que é essa a verdadeira cruz. Dar-se em espectáculo ao mundo e aos homens, servir de isca aos pecadores, atraídos pelos seus estigmas, sofrer que as suas chagas, segredo de amor, sejam devoradas por olhos

curiosos indiscretos: pode conceber-se mais duro martírio? Se a tal se presta, é que o consome sede mais cruel, a grande piedade pelas almas a que se entregou há quarenta anos! Habitualmente, exaltam-no como estigmatizado. Julgo que viverá na história como um novo Cura d'Ars, prisioneiro do confessional, obreiro de conversões. Deus fez florir na sua carne as cinco chagas redentoras, *unicamente para este fim*. A Igreja vela ciosamente pela pureza da sua mensagem, a Igreja, a *«dolce sposa di Cristo»*, vela condenando panegíricos demasiado fáceis e entusiasmos imprudentes. Neste ponto, como em todos, o Padre Pio está de acordo perfeito com a Igreja.

CAPÍTULO IV

ARMADILHA. «ROGAI A DEUS E NÃO A MIM». O PADRE PIO, VISTO DE PERTO. AS MIGALHAS QUE CAEM DA MESA DO REI. DE CAPRI A SÃO GIOVANNI ROTONDO. O PADRE PIO DETESTA AS PELÍCULAS. EM CASA DO SR. ABRESCH. CONVERSÃO DE UM TEÓSOFO. «PREPARA O ENXOVAL». ESTE BEBE E AGORA PADRE... FONTES DE VIDA.

Mary Pyle espera-me à entrada da Igreja.

— Onde se escondeu? Anda à sua procura. É tempo! Siga-me.

Arrasta-me para a ponte que conduz ao Convento, e toca a campainha. Um Irmão entreabre a porta. «Ah! É a Senhora!»! Diversas pessoas esperam no estreito corredor, que ao fundo dá passagem para o Convento e para a Igreja. Reconheço o jovem casal de Nápoles com Giovannino, mais travesso do que nunca. Três ou quatro homens, muito novos, de aspecto distinto. Um estudante americano, de rosto franco, cor-de-rosa, Sórora Maria e algumas mulheres idosas amparam uma doente, rapariga de pouca idade ainda. O irmão porteiro passa e torna a passar com ar sereno; a sua face perde o rigor, ao avistar a minha companheira que, decididamente, goza de alta consideração entre os Padres Capuchinhos. De súbito, ouve-se uma voz: «Ele aí vem!»! Um brusco estremecimento electriza o grupo, que logo se precipita para diante. «Devagar, devagar» diz o irmão porteiro. Um padre, depois outro atravessam o cor-

redor em direcção à igreja. Eis-nos bloqueados por um súbito engarrafamento. Formamos roda em volta do Padre Pio, sorridente, afável, muito simples. («Um frade qualquer» como alguém lhe chamou, após uma primeira entrevista». Lembramos pintainhos, rodeando a galinha-mãe, uns de pé, outros de joelhos, sem cerimónia nem protocolo. Todos falam ao mesmo tempo; todos solicitam qualquer graça. O Padre Pio defende-se. «Peçam a Deus, não a mim!»! Acaricia Giovannino, depois virando-se para os pais, com ar irónico: «Então, quem tinha razão»? Confundem-se em agradecimentos. Se a viagem em comum me não houvesse já fornecido a chave do enigma, todo o breve diálogo me pareceria perfeitamente banal. Pais, que trazem o filho a um «Santo», como é costume em Itália. Ninguém à minha volta desconfia sequer de que, sem ele, aquela criança não tinha nascido.

Sito-me tentada a dizer: felizmente! O pobre Padre conta no activo bastantes prodígios e milagres. Vira-se para mim. É curioso. Dir-se-ia que olha sem ver ou, antes, que contempla «outra coisa». O seu aspecto não lembra de forma alguma o santo romântico. De barba ligeiramente grisalha, cores vivas, pele lisa, estatura muito direita, movimentos rápidos, de certo ninguém lhe atribui a idade que tem: 68 anos. «Que deseja»? perguntou-me ele. Faço-lhe uma pergunta. Responde-me com a máxima precisão em três palavras. É simples como uma clara saudação. É, o que era preciso que fosse. Depois, de joelhos, rogo-lhe que me abençoe. As suas mãos, quase recobertas por severas mitenes pousam um instante sobre a minha cabeça. Experimento uma estranha sensação, como

uma descarga eléctrica. Involuntariamente, lembro-me de um versículo de São Lucas: «*virtus de illo exibat*: emanava dele uma «virtude». E, porque não»? Este discípulo lembra em tanta coisa o Divino Mestre! Soube depois como esta impressão de choque ou fluido misterioso era coisa corrente quando o Padre Pio pousava as mãos sobre as cabeças para as abençoar.

Toda esta entrevista clandestina — sim, eu era uma privilegiada — não durou mais do que cinco minutos, e já o Padre seguia o seu caminho, no passo hesitante, característico dos doentes.

Quando chegámos cá fora, interpelei Mary Pyle: «Quando terá tempo para me falar do Padre Pio»? Levantou as mãos ao céu: — Eu ter tempo! Talvez esta noite, antes de nos deitarmos.

Posso dar-lhe livros, se os desejar...

Insisto: não é a mesma coisa! Queria informações em primeira mão. Vive em São Giovanni há tanto tempo...

A minha interlocutora ri-se. — Há trinta e três anos! É alguma coisa...

Precisamente! Conhece bem o Padre Pio?

— Nada de ilusões! Ninguém o conhece, a não ser Deus. A ninguém é concedido o acesso à sua vida profunda, excepto naturalmente ao seu confessor. Este, porém, não pode falar.

Nós todos ocupamo-nos em recolher as migalhas que caem da mesa do Rei...

— As migalhas também são preciosas. Tudo aqui me fascina. Não conhece outras pessoas em São Giovanni Rotondo que possam informar-me?

— É claro que sim! Vê estas casas, vilas que pouco a pouco têm surgido em volta do Convento? Foram mandadas construir pelos convertidos do Padre Pio, miraculados, filhos e filhas em espírito, como eu. Não é caso banal encontrar alguém da sua envergadura! Em 1912 vim aqui com M.me Montessori, de Capri. Movia-me a curiosidade. Passei três dias em condições detestáveis — nesse tempo era o deserto. À terceira visita resolvi ficar para sempre. Mais ou menos a aventura de todos os que moram aqui. Vêm, tornam a vir, por fim, ficam. Quando encontramos uma pérola preciosa, com que alegria nos não desembaraçamos de todos os bens da terra para a adquirir!

Mary Pyle não possui nenhuma das características das exaltadas; o som da sua voz impressiona-me vivamente. Não ousei dirigir-lhe outras perguntas. Basta olhar para ela para compreender que não fala de ânimo leve.

— Aqui, todos têm o seu segredo. Muitas vezes trata-se de convertidos, criaturas que acabam de ser arrancadas ao inferno. O Padre Pio é um especialista daquilo a que se chama em italiano «pezzi grossi». Quando se encarrega de alguém, é para sempre. Uma vez, disse-me: «Quando ergo uma alma, podem estar sossegados. Nunca mais a deixarei cair!» Já que estamos a caminho, vamos para casa de Abresch.

— Quem é?

— Um filho espiritual do Padre, um convertido. Instalou-se em São Giovanni Rotondo. O filho único é padre. Abriu uma livraria, onde pode adquirir muitas fotografias do Padre.

— Admiro-me de que o Padre consinta nesse tráfico.

— Teve que se resignar, vencido pelo preceito da obediência. Solicitados por todos os lados, cansados da luta, os superiores ordenaram-lhe que deixasse de guerrear as películas. Durante anos, debalde os fotógrafos tinham teimado de frente, de costas, às ocultas, tentando apanhá-lo de surpresa: as películas mantinham-se virginais. O mesmo filme captava horizontes impecáveis; logo que o aparelho tentava fixar o Padre, trabalhava em vão, sem resultado algum. Era para desesperar! Os peregrinos desejavam tão ardentemente uma fotografia do Padre Pio como recordação! Agora, já não foge. Todas as fotografias, porém, são recentes. Quantos anos da sua existência, subtraídos aos fotógrafos! É uma perda irreparável. E dizer que sem a santa obediência nem isso teríamos! Eis-nos chegadas. Bom-dia, senhor Abresch! Apresento-lhe uma amiga...

Um homem de cabelos grisalhos, com olhos claros, suaves, estende-nos a mão por cima do balcão.

— Deixo-os, diz Mary Pyle. Não se esqueça do almoço. Varia da uma e meia às duas, segundo as circunstâncias.

Depois, virando-se para o senhor Abresch: — Conte-lhe a sua conversão.

É a hora da canícula; a loja está vazia. Interdita com este pedido, que me parece indiscreto, tento mudar de assunto, desajeitadamente, mas o senhor Abresch sorri, e diz.

— Não se trata de nenhum segredo. Não há direito de calar graças tão insignes! Quando o senhor

Alberto del Fante solicitou o meu testemunho, dei-lho de todo o coração e ele publicou-o no seu livro: veja...

Mostrou-me um grosso volume intitulado: *Para a História*, com o subtítulo: «O Padre Pio de Pietrelcina, o primeiro sacerdote estigmatizado».

— O senhor del Fante, também um convertido do Padre Pio, teve a feliz ideia de reunir os testemunhos, devidamente assinados, de todos os que têm obtido favores por intermédio do Padre. Este livro é precioso; mas não cita facto algum sem provas. O meu relatório figura no parágrafo 7, no capítulo intitulado «Conversões». Ei-lo. Olho o livro: página 309. Após um instante de silêncio, o senhor Abresch recomeça em voz comovida:

— O Padre Pio! Devo-lhe a felicidade da minha vida e a minha fé católica. Sem ele não teria um filho... a minha mulher morreu, mas vive o seu depoimento. Eu morrerei amanhã, mas o que escrevi fica escrito. Que faça a Igreja o que bem lhe parecer. Nós cumprimos o nosso dever. Não há direito de esconder a luz, não é verdade? Entraram na livraria duas mulheres e ele deixou-me para ir servi-las. Folheei o livro. Eis em resumo a história da conversão de Frederico Abresch, escrita por seu punho:

«Quando, em Novembro de 1928 fui procurar pela primeira vez o Padre Pio, não possuía a fé. Descendente de uma família protestante, violentamente anti-romana, fizera-me católico por razões de conveniência social. Os dogmas deixavam-me indiferente; delirava, porém, com as ciências ocultas. Um amigo iniciara-me no espiritismo. Pareceram-me pouco concludentes as mensagens de além-túmulo. Lancei-me

então na magia, depois na teosofia e passei o meu tempo lendo só livros sobre este assunto. Tinha a biblioteca cheia, a trasbordar! Para não desagradar a minha mulher, de tempos a tempos aproximava-me dos sacramentos, mas sem convicção.

«Um belo dia, ouvi falar de um capuchinho estigmatizado, que operava milagres, segundo contavam. Picado pela curiosidade, pensando todavia também em minha mulher, gravemente enferma e em vésperas de uma operação que a privaria para sempre das alegrias da maternidade, decidi tentar a sorte, e dirigi-me a São Giovanni Rotondo. É inútil revelar-lhe a minha desconfiança, tanto mais tratando-se de factos, acontecidos no seio da Igreja Católica, receptáculo de superstições, segundo a minha opinião.

«Deixou-me frio o primeiro contacto com o Padre Pio. Dirigi-me algumas palavras, que me pareceram muito secas. Esperava acolhimento mais afectuoso depois de tão longa e penosa viagem. Enfim, decidi confessar-me, mau grado meu.

«Mal me ajoelhei, logo o Padre Pio me declarou que nas minhas confissões precedentes ocultara pecados graves, e perguntou-me se eu ali estava de boa fé. Respondi-lhe considerar eu a confissão uma boa instituição social, mas não acreditar no carácter sobrenatural do sacramento. Contudo, alguma coisa me forçou instintivamente a ajuntar: «Agora, Padre, acredito». O Padre Pio calou-se um instante. Depois, com expressão de dor indizível, exclamou: «Isso é heresia. Todas as suas confissões têm sido sacrilegas. É necessário que faça uma confissão geral. Faça um bom exame de consciência, lembre-se de quando

se confessou bem pela última vez. Jesus tem sido mais misericordioso consigo do que com Judas». Olhou-me com ar sereno e disse em voz alta: «Jesus e Maria sejam louvados!». E foi para a igreja confessar as mulheres.

«Fiquei na sacristia, sinceramente impressionado. Não me saíam dos ouvidos as palavras do padre: Lembre-se de quando se confessou bem, pela última vez...». É certo que, ao tornar-me católico, fora baptizado «sob condição» e o baptismo apagara todos os pecados da minha vida passada; é certo ter eu feito pouco depois uma boa confissão; para minha tranquilidade, decidi confessar-me de todos os meus pecados, desde a minha infância.

«Tinha a cabeça em água, quando o Padre Pio entrou na sacristia: «Vamos lá quando é que se confessou bem pela última vez?».

«Comecei a balbuciar alguma coisa, mas cortou-me a palavra: «Confessou-se bem de regresso da sua viagem de núpcias. Deixemos o resto e comecemos a partir desse momento».

«Estava pasmado. Mas o Padre Pio não me deixou tempo para reflectir. Em voz alta, sob a forma de perguntas precisas, começou a enumerar todos os meus pecados, acumulados há tantos anos. Chegou a dizer-me o número exacto das missas a que faltara! Depois de recapitular todos os pecados mortais, o Padre fez-me esquecer a extrema gravidade dessas faltas e ajuntou, com acento inolvidável: «O Sr. cantava o louvor de Satanás, enquanto Jesus se esforçava por salvá-lo, no seu amor infinitamente carinhoso».

«Depois da absolvição, senti-me tão feliz e leve que até me parecia ter asas. Ao entrar na aldeia com outros peregrinos, comportei-me como criança doida de alegria. Humanamente falando, não há explicação para o que me aconteceu. Padre Pio via-me pela primeira vez. Durante a confissão lembrou-me certos factos, por mim totalmente esquecidos. Estava ao corrente dos mais pequenos pormenores e punha-os bem em relevo, quando exigia a matéria da confissão. Nem sequer poderia alegar-se a transmissão do pensamento, pois decidira confessar-me de toda a vida passada, desde a infância...».

Naturalmente, depois de se ter confessado, o primeiro cuidado do Sr. Abresch foi trazer a mulher doente ao Padre Pio. Logo após a confissão, sem saber como começar, esta disse timidamente:

— Padre, os médicos (tratava-se de três sumidades) ordenam-me que me deixe operar. Que devo fazer?

Segundo o seu hábito, o Padre Pio respondeu a princípio, de acordo com o bom-senso.

— Pois bem, minha filha, faça o que dizem os médicos!

Lavada em lágrimas, a Sr.^a Abresch exclamou: — Mas então perco a esperança de ter um filho! O Padre Pio levantou os olhos ao céu, e instantes volvidos retorquiu com inolvidável doçura:

— Nessa caso, nada de ferros. Ficaria arruinada para o resto da vila.

«Entrei em Bolonha cheia de alegria e de esperança. Efectivamente, desde esse momento as hemorragias e todos os sintomas da doença tinham desaparecido sem deixar o menor vestígio. Quando, dois

anos depois, o meu marido procurou de novo o Padre Pio, este anunciou-lhe que eu receberia um filho. Calculem o meu espanto, quando recebi um telegrama de São Giovanni Rotondo com estas palavras (ainda o conservo!): «Estou louco de felicidade. Prepara enxoval...» Na verdade um ano depois, tinha um bebé cujo nascimento não me causou o menor mal, a despeito dos terríveis prognósticos dos médicos que, aliás, tinha deixado de consultar antes da minha gravidez. Meu marido e eu estávamos loucos de felicidade!».

Fechei o livro, absorta em profunda meditação. Esta narrativa tão simples impressionava-me estranhamente. Entretanto o Sr. Abresch despedira os clientes e, virando-se para mim, observou:

— O nosso bebé é hoje padre... tal qual como o Padre Pio no-lo anunciara. Como são admiráveis os caminhos de Deus! Fique com o livro. Poderá informar-se de muitos outros casos, não menos interessantes.

Foi assim que a matéria deste livro me foi fornecida pelos filhos e filhas em espírito do Padre Pio. Para me elucidar em absoluto, consultei em primeiro lugar as fontes vivas. Aos bocados, recortando aqui, colando ali, consegui reconstituir a história do grande capuchinho, mais simples e mais bela do que certos penegiristas baratos pretendem fazer-nos admirar.

Depois de o havermos fixado no seu ambiente natural, prisioneiro, sempre agarrado ao trabalho, dentro do confessionário, receptáculo dos mais belos segredos do amor e da graça ascendamos à sua infância, vejamos como, pouco a pouco, Deus foi modelando a sua alma e o seu corpo à imagem de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

CAPITULO V

A INFÂNCIA DE FRANCISCO FORGIONE. UMA RAÇA PREPARADA POR SÉCULOS DE RUDES FIDELIDADES. ENTRADA NO NOVICIADO DOS PADRES CAPUCHINHOS EM MARCONE. FRANCISCO TORNA-SE FREI PIO. TERMOMETROS QUE ESTALAM, JOVENS EXCEPCIONAIS E NOITES AGITADAS. PRIMEIROS PASSES DE ESGRIMA COM O ARPEU. O PADRE PIO ORDENA-SE PADRE. A MISSA, DITA POR ELE, ALONGA-SE SEM FIM. MILAGRES DA SANTA OBEDIÊNCIA. UM CRISTÃO AFLITO. CARTAS ESCAMOTEADAS. ESTIGMAS INVISÍVEIS. «DIR-SE-IA QUE TOCAS VIOLÃO».

Nasceu a 25 de Maio de 1887 em Pietrelcina «pietra piccina», pedra pequena, em «contraste com um burgo vizinho «Pietra Mayuri», pedra grande, na província de Benevento). Os pais eram tão pobres que o dono da casa se viu obrigado a ir duas vezes à América para angariar o pão para a família, como a tantos outros acontecia. No dia seguinte ao do nascimento, levaram-no à pequena igreja rústica, ainda hoje existente, e deram-lhe o nome de Francisco. Infelizmente, pouco se sabe da sua infância, a não ser algumas anedotas naturalmente edificantes e os lugares comuns, habituais às «infâncias» dos santos. Pertence contudo a um país de belas tradições cristãs e humanas, em que há espíritos, com a gasosa vivacidade do vinho das colinas, e em que a raça, trabalhada por séculos de rudes fidelidades, se compraz em produzir obras-primas.

O seu perfil romano nada tem de excepcional. Na Itália, as gerações dos Catões e dos Cinna manti-

veram-se bem mais intactas, nos meios rurais, do que entre os proprietários. Isolados pelas montanhas, os habitantes de Pietrelcina vivem, há séculos, como que solidamente agarrados à terra ingrata e sempre querida. Cedo ou tarde, voltam sempre ao torrão natal, como aconteceu ao «Zi'Orazio Forgione», o pai do Padre Pio, que tanto e tanto se aborreceu na América, que acabou por renunciar à fortuna e tomar o caminho do regresso, com o coração transbordante de alegria e mais pobre do que nunca.

* Parece que a criança era silenciosa e tímida. Preferia a solidão às brincadeiras ruidosas dos companheiros. Surpreendiam-no banhado em lágrimas, quando, na sua presença, alguém pronunciava uma blasfêmia. Escondia-se nos cantos da casa «para poder rezar à sua vontade». Interrogado sobre as recordações de infância, o Padre Pio respondeu um dia que tinha sido macarrão sem sal (*Macherone senza sale*). É provável que já neste tempo, Deus o fosse trabalhando; a sua vocação, em tenra idade, explica a sua atitude retraída, a sua extrema reserva. Virá o dia em que, em plena maturidade da graça, o Padre Pio há-de manifestar todas as belas qualidades de raça, com esse bom humor, cheio de sol e vivacidade, fonte donde brotam respostas prontas, ditos humorísticos, mordazes, com o sabor do torrão onde nasceu. Ora nem Zi'Orazio nem a mamã Giuseppina pensavam nem por sombras em disputar o filho a Deus. Muito simplesmente, um dia, era por uma bela manhã de Outubro de 1902 o jovem Francisco foi com o pai a Morcone, perto de Benavento, para ser admitido no Convento dos Capuchinhos.

A partir desse instante, o pano desce. Os seus superiores guardam a mais perfeita reserva sobre tudo o que diz respeito ao santo confrade, por tal forma cercado de indiscretas curiosidades. Posso fornecer o meu testemunho; quanto ao Padre Pio, os capuchinhos de Itália não descerram os lábios.

Do seu noviciado só conhecemos o que pôde transpirar por revelações soltas da parte dos pais ou outras «fugas» inevitáveis, em caso tão pouco vulgar. Já desde esta época, em torno da sua pessoa surgem estranhos fenómenos. Durante dias e dias, o pequeno noviço pálido e emaciado passa sem alimento. Basta-lhe a comunhão. Obrigado em nome da santa obediência a comer, lança fora todos os alimentos. Em Venafrò vive unicamente da Eucaristia durante 21 dias.

Uma vez, o mestre dos noviços privou-o da comunhão e quase ia morrendo. Não tornaram a recorrer a este estratagem. Ao fim do ano, impressionado pela sua palidez, Zi'Orazio quis levá-lo para casa, mas o mestre recusou categoricamente deixá-lo partir. Pouco tempo depois, a saúde do noviço deixou de preocupar os pais; resolvera-se não usar para com ele de medidas comuns aos outros. Vinham vê-lo muitas vezes e traziam-lhes provisões. Um belo dia, o Superior do convento disse à mãe: — Donna Giuseppa, o seu filho é demasiado bom; não se lhe conhece um defeito!

O único ponto delicado era a saúde frágil, com bruscos acessos de febre, que faziam estalar regularmente os termómetros do convento. O irmão enfermeiro teve então a boa ideia de se servir do termóme-

tro dos banhos. Qual não foi o seu pasmo, quando um dia o mercúrio subiu até 48! Sabemos bem como nos conventos, sobretudo, de regra austera, não é fácil impressionarem-se com qualquer coisa. Quando chegar a ocasião do serviço militar, o Padre Pio fornecerá aos médicos sérios momentos de conflito e perplexidade.

Eram as febres, eram as penitências, as vigílias, os combates nocturnos. Não era sinecura ser vizinho do quatro do Padre Pio! Julgaram a princípio que era ele quem fazia um barulho infernal. Informados, os superiores absolveram-no da culpa. Acontecia aos condiscípulos não poderem fechar os olhos toda a noite.

Que se passava naquela estreita cela? Sabê-lo-emos um dia; entretanto, contentemo-nos com algumas pobres migalhas. No princípio do seu noviciado, uma noite depois das orações, Frei Pio não conseguia conciliar o sono e, ouvindo ruído na cela vizinha onde habitava Frei Anastácio, inclinou-se à janela para ver melhor o que se passava. De repente viu no espaldar da janela um enorme cão negro, de olhar tão feroz que o pobre irmão soltou um grito e quase desmaiou de terror. O monstro deu um salto formidável, alcançou o telhado em frente e desapareceu. No dia seguinte, Frei Pinto soube que, desde a véspera, o vizinho se ausentara. O caso deu que falar, porque ele teve a ingenuidade de tirar informações na terra acerca do «tremendo cão».

Houve outros incidentes impressionantes e inesperados. Pouco a pouco, Frei Piuccio habituou-se.

O santo Cura d'Ars disse em todo o caso um dia que somente os amigos de Deus conhecem o demónio. Os contemplativos não pasmam com o que nos parece inexplicável a nós. O pai espiritual do Frei tirou destes passos de esgrima nocturna a simples conclusão de que o pequeno noviço estava destinado a grandes coisas. ♦

Entretanto, era necessário deixá-lo arranjar-se só. É claro, havia o anjo da guarda, pronto a protegê-lo! Com a robustez do seu bom senso, Frei Pio sabia recorrer à ajuda, sempre eficiente, do companheiro de viagem, que a nossa abstracta piedade se esquece de invocar. Na vida do Padre Pio, os Anjos continuavam a desempenhar um grande papel! A este propósito contaram-me uma história encantadora! Uma noite, após luta duríssima, Frei Pinto invocou debalde o seu anjo da guarda. Que quereis? Talvez, os anjos sejam sujeitos a qualquer distração... Frei Pio, porém, não o entendia assim. O anjo da guarda tem as suas obrigações a cumprir. Quando, de manhã, enfim, se apresentou, zangado, Frei Pio virou-lhe as costas.

Realmente, as suas noites eram muito agitadas. Ao entrar na cela encontrava tudo em desordem, os livros por terra, o tinteiro quebrado, a cama em desordem. Logo que, obedecendo à santa regra, tentava repousar, surgiram de todos os lados monstros horrendos. De manhã viam-no muitas vezes com cicatrizes, olhos inchados, e coberto de equimoses.

Confessemos que era pouco confortável a presença deste noviço. Pronunciados os votos, alarmados com a sua saúde, os superiores mandaram-no para o país natal para poder restabelecer-se.

A partir deste momento, conhecemos alguns pormenores, fornecidos pelo arcepreste de Pietrelcina, Don Salvatore, confessor interino de Frei Pio. Enquanto seu director espiritual, o Padre Agostinho residia num convento que não nos foi possível identificar, pois, devido ao seu «caso» excepcional, o jovem noviço mudou muitas vezes de residência, sendo transferido sucessivamente para Pianisi, Morcone, Venafro, Serra Capriola e Monte Fusco.

Foi ordenado padre a 10 de Maio de 1910 na Igreja de Benavente. Realizava-se o sonho de toda a sua vida, e a família, profundamente religiosa, compartilhava da sua alegria. Os superiores continuavam a deixá-lo em Pietrelcina... Seria unicamente por motivos de saúde? Em termos velados, um dia o Padre Pio referir-se-á a duras provações, datando dessa época. Em todo o caso, os seus concidadãos preferiam ver nele menos santidade. Um belo dia, foram queixar-se ao arcepreste de que «a missa do Padre Pio não acabava nunca... «É claro, desejavam satisfazer o dever dominical e ir à missa até nos dias da semana, mas não havia tempo a perder, porque os trabalhos do campo não esperam...».

D. Salvatore quis certificar-se da verdade da acusação e viu que, realmente, o jovem padre perdia a noção do tempo, logo que se encontrasse no altar. Mergulhado em êxtase, demorava-se infinitamente nos momentos e na acção de graças, enquanto o bom povo se impacientava a bom impacientar. Que fazer? O arcepreste teve uma ideia luminosa.

«Piuccio, disse-lhe, toma cuidado! Prevenir-te-ei mentalmente em nome da santa obediência, logo que seja preciso continuar».

O estratagema deu óptimos resultados. Logo que, no coro, observava que os transportes do Padre Pio se prolongavam em demasia, D. Salvatore «transmitia-lhe a ordem de continuar», e o jovem padre obedecia imediatamente. Indemnizava-se depois. Escondido atrás do altar principal, permanecia horas e horas em estado de profundo recolhimento. Muitas vezes fechavam-no na igreja, sem que de tal se apercebesse! Um dia, o sacristão, aflito, correu a casa do Arcepreste: «Venha depressa, venha, Senhor Arcepreste. O Padre Pio está morto!» Realmente, D. Salvatore encontrou-o estendido no chão, imóvel, sem sentidos. Chamado à ordem pela santa obediência, ergueu-se e abriu os olhos...

O Arcepreste achou mais prudente dar-lhe a chave da igreja, e, daí em diante, esforçou-se por passar despercebido. Nada saberíamos acerca destes êxtases, se o honesto sacristão não propalasse o facto!

Com penitente tão pouco banal, D. Salvatore devia usar medidas de absoluta circunspecção. Para sua própria orientação e para o bem do Padre Pio, pedia-lhe para lhe trazer, por abrir, as cartas do director espiritual. Dócil como uma criança, o Padre Pio obedecia.

Um dia, depois de rasgar o sobrescrito, D. Salvatore só encontrou uma folha em branco.

— O padre Agostinho enganou-se, com certeza. Reclama-lhe a carta!

— Não, não se enganou, replicou tranquilamente o Padre Pio; foram «quei brutti signori» que me pregaram uma partida.

— Sabes o que a carta continha?

— Sim, sei.

E, palavra por palavra, resumiu tudo o que o director lhe escrevera.

Ao Arcipreste, o caso pareceu demasiado estranho; escreveu imediatamente ao Padre Agostinho para se informar. Qual não foi o seu assombro ao saber como o Padre Pio adivinhara todo o conteúdo da carta! Foi ele quem divulgou o estranho acontecimento. Não é que, desgraçadamente, nada sabemos acerca da matéria da tal missiva. Outra vez, foi mais perturbadora a ocorrência. Em lugar do texto D. Salvatore viu uma enorme mancha de tinta «com a forma dum funil». Arrebatado pela mais santa cólera, o Arcipreste pegou no hissope e aspergiu abundantemente o papel maculado. A mancha logo desapareceu com grande pasmo da sobrinha, testemunha do caso, e que logo o transmitiu às boas mulheres de Pietrelcina.

Talvez que D. Salvatore guardasse silêncio sobre factos tão extraordinários; porém, quando foram revelados, não os desmentiu nem por sombras.

Todavia, o pobre Padre Pio fazia o que podia para evitar os curiosos. Como bom filho de S. Francisco, construíra ele próprio, por detrás da quinta dos pais, uma espécie de eremitério, recoberto de colmo, onde se entregava às coisas de Deus, no grande silêncio da canícula. A mãe, ao corrente do seu segredo, só o chamava para as refeições, engolidas a toda a pressa. Um dia — era a 20 de Setembro de 1915 — Giuseppina atravessou a vinha e pôs-se a gritar: «Padre Pio! Padre Pio!»

Instantes depois, o filho saía da cabana, agitando violentamente as mãos, como se se tivesse queimado.

Alegre por natureza, D. Giuseppa começou a rir.

— Que tens? dir-se-ia que estás a tocar violão!

— Nada de importância, mamã. São umas picadas que nada querem dizer.

Dona Giuseppa não insistiu. Numa quinta há ocupações mais sérias do que tais ninharias.

Ora, o Padre Pio acabava de receber estigmas invisíveis.

A dor foi tão lancinante que o Arcipreste, elucidado, julgou dever dispensá-lo da missa.

Mas o Padre Pio não o entendeu assim. Por coisa nenhuma deste mundo, deixaria de dizer missa. Somente, de acordo com o Arcipreste, rodeou-os daí em diante de precauções, e, para dizer a missa, refugiava-se numa pequena igreja velha e arruinada, dedicada, com por acaso, a São Pio, Mártir.

CAPITULO VI

O PADRE PIO MOBILIZADO. ORDENANÇA, VERBO DE ENCHER, BURRO DE CARGA, SERVIDÃO MILITAR. O SENHOR NÃO QUIS SOCORRE-LO. CONFISSÃO LANCINANTE. LICENÇA DE CONVALESCENÇA. O SOLDADO DE INFANTARIA FRANCISCO FORGIONE É DECLARADO DESERTOR. UM BRIGADEIRO DOS CARABINEIROS EM APUROS. «INTENSIFIQUEM AS PESQUISAS». QUIPROQUO PROVIDENCIAL. O PADRE PIO AGUARDA ORDENS.

Não teria chegado o momento de se refugiar num convento, Padre Pio?

Não! Nos seus designios imutáveis, Deus decidira por forma diversa. Rebentara a guerra. O Padre Pio é considerado apto a partir, o que prova não sofrer de doença orgânica. Ei-lo, substituindo a batina pelo uniforme, com a dupla amplidão para o pobre corpo consumido. Dizem-nos os conterrâneos que, de uniforme, tinha aspecto desolador, constrangido. Naturalmente. Faltava-lhe o hábito! Os chefes militares, vendo a sua falta de competência e pouco entusiasmo, a par da sua extrema doçura e humildade destinaram-no aos trabalhos mais ingratos e menos apetecidos. Foi ordenança, varredor, verbo de encher... e burro de carga. Aliás, tudo isto não tinha importância para ele. Por amor de Deus, do divino Crucificado, todos os trabalhos lhe pareciam suaves. Sofria, porém, horivelmente com a promiscuidade da caserna, as liberdades licenciosas dos camaradas (estava cá atrás, e não na frente, em que a sombra solene da morte purifica sempre), a devassidão,

ingenuamente exposto à linguagem em calão, pragas e blasfêmias, todo o lado sombrio da servidão militar, de que são afectadas, sobretudo, as tropas de reserva. Pois pode lá imaginar-se mergulho mais tremendo do que aquele a que o forçaram, do seu paraíso franciscano para o inferno de torpezas mal pressentidas, talvez até ignoradas?

Deus, porém, tinha a sua ideia, como sempre perturbadora e salutar. Destinado a servir os pecadores, o Padre Pio tinha de aprender a conhecer o pecado, não pelos livros, mas vendo-o de perto, monstruosamente às claras, desafiando a justiça infinita.

Não aprende só a conhecer o pecado. Aprende também a amar os pecadores. Através da lama que desfigura, o seu olhar, iluminado pela graça, distingue almas imortais, algemadas, sim, mas filhas de Deus. Foi no fogo da provação que este contemplativo se foi armando, pouco a pouco, apóstolo.

Nada sabemos da sua permanência em Santa Trindade, em Nápoles, onde mais tarde o empregaram como burro de carga, nos trabalhos mais humildes e mais abjectos. Não há dúvida, contudo, que aí aprendeu a grande piedade pelos corpos doentes ou feridos. Não se passava um dia, sem que a pungente lição das coisas lhe fosse duramente ministrada. Como remediar o desperdício do sofrimento inevitável? Que fazer para o orientar em direcção à cruz redentora? Silencioso, apagado, inábil, metido dentro de um uniforme mal talhado, o soldado Francesco Forgione desempenha como pode as tarefas que lhe são confiadas, e serve de alvo fácil à troca dos camaradas, impiedosos para os «desastrados»: Quem,

entre eles, podia pressentir como cada gesto das mãos, misteriosamente trespassadas, lhe causa dores intoleráveis? Se até a mãe gostava de brincar com ele a este respeito — «dir-se-ia, Padre Pio, que passas o teu tempo a apanhar borboletas» — os camaradas de dormitório esses é claro que riam a bom rir...

Um dia, quando alguém se extasiava perante os seus estigmas, o Padre Pio interrompeu as exclamações admirativas com a sua rudeza habitual:

«Credete forsa che il Signore abra voluto darmi una decorazione?»

«Julga que o Senhor quis dar-me uma condecoração?»

Nesta resposta irónica há decerto como que a lembrança das duras humilhações, sofridas na sua vida da caserna.

Para um dia o erguer tão alto, é necessário que Deus o rebaixe.

Nas cartas dessa época pululam declarações lancinantes da sua «baixeza e extrema abjecção». Pesa-lhe rudemente aquela vida. Como apóstolo a quem se apoia, citando os textos famosos da Epístola aos Filipenses (erradamente atribuída aos Efésios a sua «alma» vê-se comprimida por dois lados.

«Sinto o ardente desejo de partir e unir-me a Cristo, o que há de melhor. Mas é necessário que, por vossa causa, fique na prisão da carne».

Torturado pelo duro esquartejamento, conhecido só pelos santos, inclina-se a princípio para a primeira solução e suplica aos correspondentes «que não roguem a Deus para que viva». Comentando ainda o apóstolo, escreve que ninguém poderia imaginar como

sofrem certas almas, encadeadas a esta terra do exílio. «Não poderíamos fazer a menor ideia de como lhes custa satisfazer as mais elementares necessidades da vida, comer, beber, e dormir. Se Deus, na sua infinita bondade, não lhes valesse, arrebatando-os e, por milagre, privando-as da atenção, em que ameaçaria absorvê-los o cumprimento do menor destes actos, contudo indispensáveis, o seu tormento seria de tal forma cruel que não poderia compará-lo senão ao que experimentaram os mártires, queimados vivos que, brutalmente, (sic: brutalmente) deram a vida por Cristo em testemunho da sua fé».

Que provações invoca este texto? Não era fácil ao soldado Forgione subtrair-se ao rancho, ao dormitório em comum. Há anos que não come e quase não dorme. E eis que o Senhor, autor desta lei de excepção, o condena à vida da caserna. Não é o martírio? Ele insiste: — Há-de pensar talvez, querida Rafaelina, que exagero, mas eu, sei bem, o que digo! A todos que me acreditam, só desejaria vê-los passar por idêntica experiência: «depois disto, fica ainda indiferente? Continuará a não rogar ao Pai Celeste que me leve? Para onde? Para o céu, naturalmente». A correspondente conhece há muito tempo esta ardente queixa. Em carta anterior, escreveu-lhe que era «crueldade não rogar ao Esposo das almas a libertação dos laços que o mantêm prisioneiro do corpo?»

Esta recusa «trespassa-lhe o coração como um gládio, aumentando a sua agonia». «Por que me recusa esta caridade? Serei o único a rezar para tal fim? Em nome da Misericórdia de Deus, tente fazê-lo

daqui para diante; de outra forma tornar-se-á minha assassina!».

A piedosa correspondente, uma freira, não só permanece muda às suas fervorosas súplicas, como continua a rezar pela sua saúde.

O pobre Padre Pio, nesse momento soldado de infantaria, está desolado. As suas preces tornam-se mais instantes e mais humildes. Se a irmã Rafaelina não quer orar para que Deus o chame ao céu, pelo menos que deixe de orar para que viva! Deve ter uma alta opinião da virtude da correspondente, pois inquieta-se seriamente com as preces que neutralizam as suas. Usa de todos os argumentos para a convencer, acusa-a até de sentimentos «vis e egoístas», e continua a expor-lhe as suas razões:

«Se, ao menos, soubesse que sirvo para alguma coisa, ficando na terra, resignar-me-ia a suportar o peso da vida! Receio, porém, e os meus receios são bem fundamentados, não saber cumprir o meu ministério sacerdotal, tornando assim estéril a graça, concedida por meio da imposição das mãos do Bispo, no dia da minha ordenação. No cúmulo da provação, mergulhado nas trevas, morrendo a fogo lento, por não morrer, o pobre Padre Pio não recusa, entretanto, aderir de todo o seu coração à vontade do seu Deus. É isso que nos demonstra a ténpera da sua alma.

«Como um filho, ternamente submisso ao pai, submete-se com gosto a todas as humilhações e cumpre os mais baixos serviços que este pai se digna impor-lhe, não somente para o não conetruar, mas porque deseja dar-lhe prazer em tudo, até nas menores coisas. A frase fica por acabar. Completemos:

«Assim, também eu aceito tudo». Entretanto, o Padre Pio deseja manter as suas razões, pois continua sem demora:

«Todavia esse bom filho que, pelo amor que sente pelo pai, se submete a todas as proações, não deixa igualmente de sentir o peso dos seus sacrificios»!

Ora veja! Como nos aparece simples e humano nestas pobres cartas, cheias de soluços contidos! Como nos encantam as suas réplicas irónicas! Não é necessário ser psicólogo, de forma alguma, para não discernir nesta correspondência da juventude — a única que nos veio às mãos — um maravilhoso equilíbrio de natureza e graça. Decerto o temperamento do Padre Pio não é o de um anjo, e nada tem de exaltado.

Todos os místicos ou os iniciados na divina intimidade hão-de ler estas páginas com delícia.

Enfim, o divino carrasco tem piedade da sua vítima. A libertação chegou debaixo da forma de doença, que lhe valeu licença e convalescença, primeiramente em Foggia, depois em Pietrelcina. De regresso a Nápoles, recaiu doente (foi nesta altura que fez instalar os termómetros da enfermaria com grande surpresa dos médicos) e foi de novo licenciado por seis meses. Desta vez, os superiores enviaram-no a São Giovanni Rotondo.

No fim da licença, Francisco Forgione faltou à chamada e foi declarado desertor. Ao mesmo tempo recebia o brigadeiro dos carabineiros de Pietrelcina ordem para procurar e reenviar imediatamente o assim chamado Francesco Forgione.

De papel na mão, o marechal (título dado em Itália os responsáveis da segurança pública) deu a volta ao pequeno burgo, mas ninguém lhe pôde dizer onde vivia o chamado Francesco Forgione, soldado da infantaria real, desertor. Conheciam bem o Padre Pio, mas, desde a época em que entrara muito novo nos capuchinhos, haviam-lhe esquecido o nome e pronome. Talvez o marechal se limitasse a um inquérito superficial; fosse como fosse, o resultado foi negativo. Ao fim de algum tempo comunicou ao alto comando de Nápoles não ter podido encontrar o mínimo indício do chamado Francesco Forgione, embora tivesse feito os maiores esforços. Passaram dias. O marechal considerava-se livre do desagradável inquérito, quando um belo dia recebeu nova ordem. «Intensifique as pesquisas»! Resmungando observações pouco amáveis, endereçadas aos superiores, partiu para nova surtida, que teria resultado infrutuosa se, por acaso, não tivesse encontrado a irmã do Padre Pio, casada.

— D. Felícia, disse-lhe, tirando o papel da bolsa, conhece por acaso um certo Francesco Forgione? — Que pergunta! Já se vê que conheço — É meu irmão — replicou D. Felícia.

— Como! o seu irmão? Será então o Padre Pio!? — exclamou o pobre marechal, absolutamente pasmado. É claro que conhecia muito bem o jovem capuchinho, mas nunca o teria identificado com o tráfuga perseguido, a quem tinha ordem de capturar. Informado do lugar onde se encontrava, escreveu imediatamente para São Giovanni Rotondo e pediu ao colega a devolução para Nápoles do soldado

Francesco Forgione. Todavia, por um esquecimento providencial, não aludiu ao seu nome em religião. Passados uns quinze dias (no Sul, ninguém conhece a pressa!) recebeu uma resposta alambicada: o chamado Francesco Forgione era desconhecido em São Giovanni Rotondo.

— Como, desconhecido! Irritou-se o brigadeiro de Pietrelcina, se a própria irmã o declarou! «Novas pesquisas, novos inquêritos, novos interrogatórios, absolutamente infrutuosos... Em São Giovanni Rotondo, ninguém conhecia sequer a família dos Forgione!

Começava a impacientar-se o alto comando de Nápoles. Os carabineiros, rudemente censurados, não sabiam que mais fazer. O desertor Francesco Forgione não aparecia. Finalmente, um belo dia, o brigadeiro de São Giovanni Rotondo bateu à porta do Convento dos Capuchinhos e confiou os seus cuidados ao Irmão porteiro.

— Como? Anda à procura de Francisco Forgione? Está aqui. É o Padre Pio.

O Padre Pio! O brigadeiro ia perdendo os sentidos. Por Baco! Toda a gente na terra o conhecia de nome. O Padre Pio, um desertor! Todavia, não havia meio de escapar à ordem terminante, carregada de ameaças. Informado, o Padre Pio logo se pôs a caminho.

Ao chegar a Nápoles, apresentou-se ao capitão que franziu severamente as sobrancelhas.

— Soldado Forgione, sabe que foi declarado desertor?

O Padre Pio não sentia o menor embaraço.

— Mas não, meu capitão! Não sou desertor. Veja a minha guia de licença. Leia: «Licenciado por seis meses; depois, esperar ordens». Obedeci. Esperei... A ordem só ontem me chegou às mãos. Parti sem demora...

O capitão olhou, estupefacto. O pobre homem tinha razão. E dizer que tantos pobres diabos há um ano que davam tratos à cabeça por causa dele! A correspondência sobre o assunto acabara por formar um grosso processo...

— Está bem, está bem, resmungou. Pode retirar-se.

Com ar perfeitamente inocente, o soldado Francesco Forgione deu meia volta e desapareceu. Se o seu bom amigo se divertia a prolongar o quiproquó por razões profundas e insondáveis, nada tinha que ver com o caso! ele apenas obedecera!

«Para fazer a guerra, ia ele pensando, tenho armas bem mais eficazes do que aquelas que desejam forçar-me a manejar». O passado militar do Santo Cura d'Ars foi menos impecável do que o do Padre Pio de Pietrelcina!

CAPÍTULO VII

ZI'ORAZIO VAI A NAPOLES. REFORMAM O PADRE PIO, DOENTE. ORDEM DE PASSAGEM PARA SÃO GIOVANNI ROTONDO. O PADRE PIO TROCA O UNIFORME PELO BUREL. O DIA 20 DE SETEMBRO DE 1918. «OCUPE-SE COM O QUE LHE DIZ RESPEITO». O SUPERIOR FAZ O SEU RELATÓRIO AO PROVINCIAL. NOTICIA QUE DEPRESSA SE PROPALA. O LADO DOLO-ROSO DE CERTAS GRAÇAS ESPECTACULARES. O PADRE PIO OBSERVADO ATRAVÉS DAS SUAS CARTAS. «A ANGÚSTIA É UM MAL, PIOR DO QUE O PRÓPRIO MAL». O PIOR INSULTO QUE PODEMOS FAZER É DUVIDAR DELE.

Anos depois, o velho Zi'Orazio comprazia-se em narrar a sua expedição a Nápoles com um cesto cheio de virtualhas enviado pela mãe inquieta do soldado Francesco Forgione. Parece que o Padre Pio tinha pedido queijo branco e uvas. Almoçaram juntos em casa de D. Carolina, conterrânea, moradora na Via Rettifilo; depois, ao despedir-se, o pai não conteve os soluços.

— Não chores, pediu o Padre Pio; não ficarei por muito tempo no serviço militar! De regresso a Pietrelcina, Zi'Orazio representava o seu papel; O Padre Pio está muito bem. Até parece um velho soldado».

Às escondidas, D. Giuseppa limpava os olhos. Não é coisa fácil enganar uma mãe!

Efectivamente, dez dias após esta viagem memorável, o Padre Pio escreveu aos pais, informando-os que estava doente no hospital. Mas «não venham ver-

-me. Mal nos poderíamos ver durante um escasso quarto de hora. Em breve, estarei de regresso a casa).

O que mais tarde foi creditado à conta de vaticínio profético não era mais do que previsão de bom senso. Os médicos de Nápoles acharam o Padre Pio tão mal, que obteve licença definitiva por motivo de saúde e, pouco depois, era definitivamente reformado com a «quinta pensão de guerra».

Os biógrafos do Padre Pio fixaram a lenda da sua instalação definitiva em São Giovanni Rotondo, a partir de 1916. Ora, pela correspondência que temos em nosso poder, somos forçados a corrigir essas datas. Uma carta, escrita da primeira clínica médica de Nápoles, vem datada de 8 de Março de 1918. Consequentemente, no mês de Março estava ainda mobilizado. A 5 de Maio de 1918, encontrava-se em São Marco La Catola. É pois evidente ter-se reformado só depois dessa data. Sabemos, aliás, que se dirigiu imediatamente a Pietrelcina, onde despachou o equipamento militar, com grande desgosto de Zi'Orazio que pretendia utilizá-lo.

— Não, meu pai, replicara o Padre Pio, isso não me pertence: é do Governo.

Não queria sequer tocar na pensão, porque segundo dizia, não a merecera. Só mais tarde, por ordem dos superiores, é que consentiu em assinar os recibos.*

Depois de ter permanecido por pouco tempo em Pietrelcina, obteve transferência para Foggia, onde passou pouco tempo. Em breve os vizinhos começaram a queixar-se dos «estranhos ruídos» provenientes da sua cela, e que de noite os impediam de dormir.

O Padre Pio calara-se. Os superiores, únicos ao corrente da origem deste barulho insólito, julgaram mais prudente enviá-lo para um convento isolado, em que o clima favorecesse mais rapidamente o seu restabelecimento. Tudo o que de certo sabemos é que, a 20 de Setembro de 1918, já residia em São Giovanni Rotondo. Se, em começos de Maio, estava em São Marco La Catola, todos os acontecimentos que acabamos de narrar sucederam-se pois durante cinco meses, no máximo. Parece-nos isto importante para a história da alma do Padre Pio. Não é um monge, perdido há meses ou anos na mais alta contemplação, mas um soldado, há pouco desmobilizado, que acaba de trocar o uniforme pelo burel, que vamos encontrar em São Giovanni Rotondo, no dia memorável da festa dos estigmas de São Francisco, seu patrono.

Decididamente, o Senhor confunde-nos as ideias sobre a composição do tempo e dos lugares. Imaginações exaltadas muitas fantasias foram tecendo acerca do acontecimento, que, nesse dia, para sempre vinha arrancá-lo à sua querida solidão. Se o Senhor o tivesse consultado, decerto o jovem monge ter-lhe-ia pedido para guardar secreta e zelosamente aquilo a que chama «o segredo do seu Rei»! os estigmas invisíveis.

Segundo o seu hábito, Deus não fez caso dos desejos da sua criatura, e procedeu como melhor lhe pareceu para máximo triunfo dos seus designios de amor. Deus conhece bem a matéria de que somos feitos — não nos criou Ele? — e quão gulosos somos de sinais e testemunhos sensíveis. Ao insigne pescador de almas, que virá a ser o Padre Pio, é-lhe neces-

sário «um reclamo». Não basta que o seu coração se abra de amor pelo seu Senhor Crucificado. É preciso que este amor faça florescer na sua carne chagas visíveis. Eis o engodo; o Padre Pio é o divino anzol que fará correr para Deus incontáveis multidões, vindas de perto e de longe. Ele é o prisioneiro do confessionário; eis-nos no nosso posto de observação. Pouco importa o motivo por que vêm, desde que venham e aceitem este banho de sangue divino, que lhes lava as manchas... Todos nós nos parecemos com esses burricos de Toscana, teimosos e desconfiados, que se obrigam a andar, segurando-lhe debaixo das narinas um feixe de ervas odoríferas. Os carismas têm a mesma finalidade: Fazem-nos andar. Aos curiosos que o cercam, aos desgraçados que o perseguem, o Padre Pio tem qualquer coisa de mais precioso a oferecer do que o espectáculo das mãos e pés trespassados. Todavia não o esqueçamos: se estão aqui no deserto de São Giovanni Rotondo, é por causa das suas mãos e dos seus pés. Engoliram o anzol. Foram apanhados na armadilha. Através do Padre Pio é Cristo que os reconquista.

Tudo se passou muito simplesmente. Conta-se em poucas palavras. *

O Padre Pio está no seu lugar, no coro: na terceira e última fila. À direita uma janela. Em frente, um grande Cristo de madeira de cipreste, a única madeira que resiste ao caruncho. Não está só. Também o Padre Arcângelo se demora, hoje, mais.

Toca a campainha. É a hora. Saem. O Padre Arcângelo nota que as mãos do Padre Pio escorrem sangue.

Feriu-se? — pergunta ingenuamente.

— Vedete ai affari vostri — responde o Padre Pio em tom brusco. «Ocupe-se com o que lhe diz respeito!». O que significa, afinal: «Nada tem que ver com isto»!

A passos trémulos, foi apresentar-se ao Superior que ficou terrivelmente impressionado. Impossível esconder chagas daquela natureza! Além dos estigmas dos pés e das mãos, o Padre Pio apresentava no lado direito um golpe, que sangrava copiosamente. A roupa interior e as meias estavam manchadas. Coisa curiosa! O sangue destas feridas não coagulava, evolvendo um perfume agradável...

O superior pegou na pena e enviou o seu relatório ao Padre Provincial.

Seria ignorar tudo da pobre natureza humana acreditar um tal segredo, ao abrigo das paredes austeras dum convento. A coisa divulgou-se velozmente. Acorreram as multidões. «O Padre Pio é um santo, um santo»!

Continuava a confessar na igreja. Em breve, era tal a afluência, que foi preciso mandar vir carabineiros para manter a ordem. Vindas de longe, as pessoas acampavam em volta do convento, esperando vez, outras amontoavam-se em torno do confessionário. Toda a gente desejava vê-lo, assistir à sua missa. Perseguido, incomodado, rodeado por todos os lados, devorado por milhares de olhos como animal curioso o Padre Pio iniciava-se nessa vida de mártir, que desde então tem sido a sua existência. Certamente, não são simples condecorações os seus estigmas!

Comovido, perseguido, bastante contrariado também, o Padre Provincial exigiu fotografias verídicas

das chagas misteriosas, e enviou-as com um relatório ao Santo Ofício.

Recebeu ordem de submeter o Padre Pio a um exame consciencioso por médicos competentes, e subtraí-lo, entretanto, à curiosidade dos fiéis.

O Padre Pio cala-se e obedece como criança dócil. Ei-lo nas mãos da Faculdade, que não larga a presa com facilidade! Enquanto os doutores discutem a filosofam sobre o caso, abordemos assunto bem mais apaixonante: interroguemos a sua alma.

Fenómenos exteriores, tais como estigmas, estão funcionalmente dependentes da vida interior da alma, escapando mais do que a vida física à nossa observação e ao nosso domínio. Não nos iludamos quanto ao êxito das nossas sondagens. Tudo o que possuímos para lançar um pouco de luz sobre este mistério real resume-se a algumas cartas, escritas pelo Padre Pio entre 1914 e 1922, e ainda algumas palavras, conservadas na memória dos seus fiéis. Atendendo aos desfalecimentos da memória e a certos desvios das locuções originais, provocadas quase sempre por entusiasmos demasiado fáceis, não podemos considerar fonte certa senão a correspondência do Padre Pio. A nossa tarefa é pois humilde e bem limitada: com fragmentos das suas próprias frases, tentaremos, aproximadamente, reconstituir o seu itinerário espiritual. Queremos sublinhar no entanto a nossa preocupação metodológica. Parece-nos que seria possível evitar labirintos, se houvesse o cuidado de estudar os beneficiários de carismas espectaculares como os estigmatizados, não de maneira fragmentária e «especializada», dissecando-os como cadáveres, mas

na sua unidade única e indivisível. A iluminação exclusiva de fenómenos isolados pode conduzir a obras-primas de abstracção: a alma profunda esquivava-se aos escalpelos, sejam quais forem, e guarda a chave do enigma. ✕

Evidentemente todo o estudo de um ser vivo, até de um protozoário, leva-nos ao encontro desse mistério que é a vida. Ora, os sábios não gostam de enfrentar mistérios. A especialização, quando excessiva, dispensa-os e põe-nos ao abrigo de tais casos. Todavia, não é virando-lhes as costas que as coisas deixam de existir! O Padre Pio, estigmatizado, não é somente um problema para psiquiatras ou doutores em teologia moral, mas um ser vivo, mistério que escapa a toda a pesquisa e resiste a todo o desfibramento. Deus nos livre de querer explicá-lo ou pedir-lhe explicações, como esse bom doutor R. que julgou dar provas de extrema astúcia, fazendo-lhe um dia esta pergunta insidiosa:

— Diga-me, Padre, por que tem essas lesões aí, precisamente aí, e não noutro ponto?

— Pertence-lhe a si, Doutor, responder-me. Por que devia tê-las noutro ponto e não onde as tenho?

Como observamos, e muitas vezes mais havemos de observar, ao Padre Pio não faltava bom humor nem resposta pronta. Deixemo-lo entregue nas mãos dos especialistas; escutemos a sua alma.

Em 1914, com vinte e sete anos exerce já a tarefa de director espiritual. Padre, só há quatro anos, não exerce a sua influência unicamente sobre simples devotos, mas sobre um grupo de eleitos. De temperamento ardente, não admite nem hesita-

ções nem compromissos. Persegue as suas ovelhas com santo zelo, tal qual estes cães de pastores que trazem o rebanho ao dono, mostrando as garras quando é preciso.

Escutemos as palavras do Padre Pio:

«Que a paz, a misericórdia e a graça divina sejam sempre consigo e com todos os que amem sinceramente Jesus, Nosso Senhor. Assim seja!

Escrevi-lhe já há algum tempo mas, até hoje, sem obter resposta. Como está? Conhecendo a sua extrema cortesia e diligência, preocupa-me deveras o seu silêncio. Quero esperar que a infinita Misericórdia me concederá prontamente a graça de saber que unicamente as suas ocupações a impediram de me responder, e só por esse motivo esqueceu aquele que reza sem cessar por si e dá graças ao Pai celeste. Espero, pois, cheio de impaciência a sua carta para receber informações certas acerca de toda a sua família, sobretudo no que diz respeito à sua querida Giovina, a cujas preces me recomendo, bem como às da Rosina, e às suas.

Asseguraram-me que estava melhor; não lhe oculto como ouvi contente essas notícias, mas continuo sem resposta da sua parte, sinto-me muito inquieto e receio que desta vez me tenha enganado...

Tenho medo de que o seu longo silêncio seja cilada do inimigo! Livre-se das suas armadilhas; nunca lhes conceda a menor atenção. Não me considere importuno por lhe testemunhar tanta solicitude e preocupar-me tanto com a sua salvação. Lembre-se de que a consagrei esposa de Jesus. Eis por que a defendendo tão ciosamente contra as ciladas que os

outros podem armar-lhe! Pelo amor do Céu, lembre-se de que contraí obrigação estrita de velar sempre por si; em consciência sou obrigado a defendê-la de todo o contacto pestífero a fim de, um dia, poder apresentá-la como virgem castíssima ao divino esposo, que virá reclamá-la. Desgraçado de mim se faltasse a um tal dever! Suplico-lhe pela mansidão de Jesus e pela divina misericórdia que nunca esfrie no caminho do bem e nunca despreze os meus conselhos. Pelo amor de Deus não torne estéril a graça de Deus, tão abundantemente dispensada nos sacramentos. Esteja sempre de guarda, sem afrouxar no caminho do progresso! Tente avançar sempre por meio da caridade. Dilate o coração na grande confiança, para acolher os dons que o Santo Espírito está disposto a espalhar sobre a sua cabeça.

Chegou o tempo de semear. Se quisermos colher, é preciso não só semear abundantemente, mas lançar a semente em boa terra. Já semeamos muito, mas é pouco para podermos alegrar-nos no tempo da ceifa. Lancemos sempre bom grão; que nada nos faça perder o entusiasmo e, quando o grão germinar com o calor e vier a ser trigo, velemos com cuidado, não vá a cizânia abalá-lo». Eis todo um programa da vida espiritual, traçado por mão de mestre. O jovem monge não fala somente da abundância do coração, sabe aplicar os conselhos a casos precisos e concretos, por ele julgados com espantosa clarividência. Dom de discernimento, intuição finíssima, delicadeza, sentido de responsabilidade, perfume de santa ternura, revelando-se em cada palavra, eis as qualidades do director espiritual, que valerão ao Padre Pio o seu

extraordinário império sobre as almas. Logo nas suas primeiras cartas, revela qualidades notáveis na direcção moral.

Destes casos particulares — que ignoramos — desprendem-se em largos traços alguns princípios fundamentais, característicos no Padre Pio. Tente-mos fazer um breve inventário, ilustrando-o com citações.

Como seu Pai e Fundador, Francisco de Assis, centraliza todas as coisas no Amor-Caridade, «eixo, base e chave da abóbada da perfeição». «Deus é caridade. Quem vive em caridade vive em Deus». «Faltar aos deveres da caridade é ferir Deus nos próprios olhos». Como se a comparação lhe não parecesse bastante forte, o Padre Pio acrescenta: *«Faltar à caridade é pecar contra a natureza»*.

Ora, o amor prova-se. Como? Pela confiança naqueles que amamos. Quanto mais se ama, mais nos abandonamos à vontade do ente amado. Deus, o bem-amado, experimenta-nos para nos permitir que lhe provemos o nosso amor.

O mais belo acto de fé irrompe-nos dos lábios nas trevas, na imolação, no sofrimento, no esforço supremo e inflexível para o bem; rasga como um raio a noite da alma, eleva-nos através da tempestade até ao coração de Deus». No auge da tempestade, «a alma repousa nos braços do divino Esposo, como criancinhas nos braços da mãe. Não tenhais medo: dormi tranquilamente, com a firme certeza de como o Senhor vos há-de conduzir até ao que é melhor para vós».

E acrescenta: «Não julguem que falo sem pensar ou que pretendo tratar-vos com doçura: esta é a estrita verdade». «Se Jesus se manifesta, dizei-lhe quanto lhe estais gratos; se se esconde, dizei-lhe como lhe agradeceis sempre. Tudo é acto de amor: Tutto é scherzo d'amore».

É especialmente a quem mais quer que Deus trata com mais rigor. Esconde-se aos olhos amigos. É a eles que se manifesta no meio dos coriscos e nas trevas do Sinai.

«Eis-te na sarça ardente. O ar, em chamas, enche-se de nuvens. O espírito não vê, mas compreende. Deus fala, presente à alma que escuta, atende, ama e estremece».

Unido aos grandes místicos, fiéis à tradição de S. Paulo, o Padre Pio encara o homem como composição tripla. Corpo, alma e espírito. Quando o espírito, por sua fina acuidade, cede à vontade de Deus, nada se perde: tudo se ganha.

«O desejo de amar é já amor. Este desejo, quem to insuflou? Poderemos formar o menor desejo santo sem a graça? O próprio Deus está presente, onde existe o desejo de o amar».

«Que importa que o mundo esteja com os pés para a cabeça, que todas as coisas estejam mergulhadas nas trevas? No meio da sombra das nuvens Deus está comigo.

«Se habita nas trevas do monte Sinai, por entre raios, nuvens, relâmpagos, não estaremos contentes junto d'Ele? Ou antes preferiremos os seus dons ao Bem-Amado?»

«Pois, continua o Padre Pio insistentemente, Deus é tão incompreensível, tão inacessível que, quanto mais uma alma penetra nas profundidades do seu amor, tanto mais diminui o sentimento deste amor, a tal ponto que lhe parece não amar...

Acreditai-me: quanto mais uma alma ama a Deus menos o sente».

Não esqueçamos que o Padre Pio se dirige a almas experimentadas, de que conhece o mal divino, e que trata com mestria, adquirida na grande experiência.

Assim, a maior parte dos seus ensinamentos têm grande valor para os cristãos, facilmente inclinados à angústia, inquietação e desconfiança: «os cancos da alma». A sua influência é sobretudo benévola e apaziguante. Conhece o mal da nossa época e não se cansa de lhe ministrar remédio.

«A angústia é um mal, pior do que o próprio mal... Caminhei com simplicidade na via do Senhor, e não tortureis o espírito! Tende pelos defeitos um horror santo, pacífico, e não esse ódio fastidioso e inquieto que não serve senão para os aumentar! Lembrai-vos, minhas filhas, de que sou inimigo dos desejos inúteis, não menos do que dos desejos perniciosos e maus. O que vale é o que Deus nos destina. «Se deseja falar-vos, como a Moisés, no meio dos relâmpagos e nuvens de sarça ardente, não nos obstinemos a desejar que nos fale na brisa doce e fresca, como a Elias».

Em vez de filosofar sobre os vossos defeitos», «fical na barca onde vos coloquei, em nome da santa obediência». «Pode embora a tempestade desencadear

os seus furores. Viva Jesus! Não morrereis. Ele dorme, mas quando chegar o momento acordará para nos dispensar a calma». São Pedro teria caminhado sobre as ondas sem molhar os pés, se não começasse a ter medo e a duvidar.

E insiste: «O pior insulto que podemos fazer a Deus, é duvidar d'Ele».

Por consequência, «afastemos toda a ansiedade e inquietação no domínio das tribulações espirituais e temporais, seja de que lado vos venham, pois são contrárias à livre actuação do Espírito Santo. A paciência é tanto mais perfeita, quanto mais livre de preocupação e cuidado ansioso». Não peçam nunca contas a Deus, não lhe perguntem nunca: porquê? Não olhem sequer para o caminho, através do qual vos conduz, mas façam assim: «Conjuro-vos pela doce bondade de Jesus». Fixem os olhos naquele que nos guia e na pátria celeste, onde Ele quer conduzir-nos. Que nos faça passar por desertos ou campos, que importa? O que importa é chegar por este caminho que é vosso, «ao único fim de todas as almas que Deus criou, para que se tornem conformes ao seu Filho Bem-Amado e, pouco a pouco, se transfigurem n'Ele».

Tal o ideal bem evangélico que o Padre Pio se não cansa de propor às almas que dirige. Tais são os votos que lhes envia:

«Que Jesus reine como senhor nos vossos corações e neles prossiga a sua obra até à vossa perfeita transformação do amor.

«Todas as almas, amantes de Jesus, devem tentar semelhar-se cada vez mais ao modelo celeste...

«Deus trabalha a tua alma para atingir o seu fim maravilhoso, que é concluir a tua transfiguração n'Ele».

O amor é pois o íman admirável que arranca as almas ao seu torpor e à sua mediocridade para as atrair, mas este amor tem de se crucificar; só se encontra sobre a Cruz.

Eis o motivo por que é tão mal conhecido. Queremos o amor, e recusamos o sofrimento. Ora Jesus estende-nos os braços mas as suas mãos estão pregadas ao lenho. Para chegar até Ele, é preciso abraçar a cruz. Para o encontrar é preciso participar na sua agonia.

Verdades elementares que repugnam à nossa moleza, às nossas fraquezas. A originalidade do Padre Pio é repetir em palavras muito simples o que João, o Apóstolo, disse uma vez para sempre. Ideal abrupto, seja, mas não é verdade ser necessário reconhecerem-se nele as almas, para que encontre público aquele por quem é proposto? O Padre Pio não deita água no vinho do seu Evangelho; mais uma vez, as multidões que o cercam provam como a alma é «naturalmente cristã».

«Toda a alma predestinada deve tornar-se semelhante a Jesus», escreveu ele a um filho espiritual. Permite-lhe, pois, que te trate segundo a sua vontade!»

«Quem escolheu a melhor parte deve passar por todas as dores de Cristo, partilhando com Ele as angústias do deserto, do jardim das Oliveiras, da Cruz.

«Jesus quis sentir o abandono humano. Quis experimentar o indizível tormento de se sentir abandonado pelo Pai celeste».

As provações espirituais, longe de nos abaterem, deveriam alegrar-nos pela «santa semelhança» que imprimem à nossa alma.

«Que Jesus seja sempre senhor do teu coração, escreve o Padre Pio a uma das suas filhas. Que te abençoe nesta provação e te faça uma santa! Afliques-te, minha boa criança, procurando o bem supremo?

Na verdade, esse bem está em ti.

Estendida na cruz, dá-te a força de suportar o martírio insuportável, dá-te coragem para amares amargamente o amor. (Amare amaramente l'Amore.)

«Uma só coisa é necessária: estar perto de Jesus».

Se Ele nos espera sobre a cruz, recusaremos seguir até ao pé da cruz?

Se ele nos marca entrevista por entre as trevas, recusaremos as trevas?

«Escutai-me bem, queridas filhas: no nascimento de Jesus, os pastores ouviram os cânticos angélicos, a Escritura assim nos diz, mas não nos diz que a Santa Virgem e S. José, junto do divino Infante, tenham escutado a voz dos Anjos e tenham visto os esplendores celestes. Pelo contrário, que ouviram eles? O choro do Recém-nascido... que viram à pálida claridade da vil luzinha? Os olhos da criança cheios de lágrimas, e o pobre corpinho transido de frio. Pergunto-vos agora, minhas queridas filhas: onde preferíeis ficar, no obscuro estábulo, cheio de vagidos ou com os pastores arrebatados pela alegria, no meio das doces melodias celestes, no esplendor dessa maravilhosa luz? Conheço a vossa resposta! Teríeis

dito como S. Pedro! «Como é bom ficar aqui». Pois bem, asseguro-vos que vos encontrareis na gruta de Belém, perto de Jesus, tremendo com frio ou, para melhor dizer, com Maria no Calvário, onde só vedes pregos, espinhos, morte, agonia, trevas, abandono. Suplico-vos pois que ameis o Presépio e o Calvário do vosso Deus, Crucificado no meio das trevas...».

CAPÍTULO VIII

OS REBUÇADOS DO PADRE PIO. «O AMOR SÓ FOGE PARA FORTIFICAR O AMOR. DIRECÇÃO PACIFICADORA NO CAMINHO DO PURO AMOR. UMA MAMA COM O SEU MENINO. A EXPLORAÇÃO DAS NOITES. O PADRE PIO ESCRIVE CONTA DA ABUNDANCIA DO CORAÇÃO! UMA PROMOÇÃO A APOSTOLO. «ATÉ O PURGATÓRIO É DOCE, QUANDO SE SOFRE POR AMOR». SÓ É POSSIVEL COMPRAR ALMAS A PREÇO DE SANGUE. UMA CARTA REVELADORA, DATADA DE 23 DE SETEMBRO DE 1918. O PADRE PIO ENSINA AS FILHAS A FAZER BELAS REVERENCIAS.

Alguém, muito da intimidade do Padre Pio, disse-me um dia: os milagres e favores temporais são rebuçados com que o Padre Pio atrai as almas ao caminho da santidade, onde se encontra a cruz nua, mas também a alegria, superior a todas as alegrias. Asseguro-lhes que o Padre Pio não anima os filhos espirituais!»!

Mais ainda: obriga-os à resistência, armando-os para duras provações.

É à força do cinzel salutar, e polindo-as cuidadosamente que o divino Artista prepara as pedras, que devem ser incluídas na construção do edifício eterno», escreve ele a 28 de Setembro de 1915, duas semanas depois de receber os estigmas invisíveis.

«Canta assim a nossa terna mãe, a Santa Igreja, no seu hino da Congregação.

«Pode pois considerar-se pedra de construção, na realidade, toda a alma destinada à glória eterna. É preciso que, antes de a utilizar, o Pai Celeste a vá

cinzelando e polindo com o cinzel e martelo. Que significam os golpes? São, minha querida irmã, as obscuras ansiedades, as tentações e aflições de espírito, assim como as doenças físicas. Agradeça ao Pai Celeste, que se digna tratá-la assim. Sim, querida irmã, porque não há-de glorificar-se do amável tratamento do melhor dos pais? Abra o coração à santa agonia: refugie-se nos braços desse terno pai, que a trata como eleita, pois faz que siga Jesus de muito perto na senda do Calvário».

Não contente de vigorizar as almas experimentadas pela provação, com a mais santa audácia o Padre Pio felicita-as.

«Acredite-me, querida filha, se não a visse assim desolada, ficaria menos contente, pois vê-la-ia menos adornada com as preciosas jóias, com que se enfeita o seu divino esposo».

Quando a pobre criança se lamenta de ter um coração «duro como pedra», o Padre Pio tranquiliza-a.

«O amor só foge para fortificar o amor! Jesus não pede impossíveis. Diga-lhe: «Queres que te ame mais? Na verdade, não posso! Dá-me mais amor, e oferecer-te-ei mais amor». Acredite-me, minha filha, Jesus ficará contente! Que há de mais importante que agradar só a Ele? Ele contente, todos contentes: *«Contento Lui, contenti tutti»*.

Direcção apaziguadora, mas quão implacável! Luva de veludo em mão de ferro, como S. Francisco de Sales, o Padre Pio não hesita em arrastar as almas por meio do mel da ternura, até aos cumes vertiginosos das supremas renúncias. Algumas das suas car-

tas, das mais antigas, são autênticos resumos de teologia mística, tanto mais preciosos quanto mais se sente, através destas linhas febris, a experiência que as dita.

Como haveria de guiar os outros, através desses desertos horríveis e áridos, se ele próprio os não tivesse percorrido? Como escutaria as almas desoladas, se não houvesse verificado o horrível contraste entre o fino agulhão do espírito e o «coração árido», entre a vontade, aparentemente rebelde «na parte inferior da alma, perseguida por aborrecimentos, repugnâncias e penas», e o obscuro desejo de amar a Deus, a despeito de tudo? «A pobre não tem gosto algum pelas coisas sobrenaturais». Está mergulhada em espessas trevas, julga-se repelida e abandonada por Deus».

Devemos lamentá-la? Não! Feliz dela! Feliz a alma que Deus se digna elevar a uma vida de puro amor! Para compreender a sua maneira de agir, diz o Padre Pio, basta observar uma mamã com o seu menino grande. Não há dúvida de que o ama ternamente. Passa a vida inteira a alimentá-lo com o leite do seu seio?

De forma alguma. Chega o dia em que o aparta. A criança chora, grita, lamenta-se. A mãe permanece inflexível. Sabe bem que, para vir a ser um homem, o filho tem necessidade de alimento mais sólido.

É assim, ou antes, bem melhor ainda, que Deus trata as almas. A princípio atrai-as, cumulando-as de doçura e consolações. Há perigo, porém, que a pobre se prenda mais aos presentes que ao Doador!

A esse perigo Deus dá remédio, apartando-a, isto é, mergulhando-a na desolação e nas trevas. «Ei-la pois desamparada, assaltada por pavores mortais, interrogando-se, cheia de angústia, se o seu estado não será causado por qualquer falta que a prive da graça de Deus».

Multiplica os exames de consciência, examina pensamentos e actos, e, nada encontrando, acaba por convencer-se de que Deus a abandonou por causa dos pecados da sua vida passada. Como se engana! O que lhe parece abandono não é senão prova da mais terna solicitude do Pai celeste, que a leva à contemplação, a princípio seca e árida, mas que, pouco a pouco, se permanecer fiel, tornar-se-á doce e saborosa».

É para seu bem que Deus a desprende dos gostos sensíveis, mas como o seu «paladar não está ainda habituado a alimentos mais delicados», não pode apreciá-los e sofre. Contudo, nesta purificação dos sentidos, a alma não poderia gozar da contemplação — «coisa toda espiritual».

A noite dos sentidos é o tempo de apartar... Porém, para atingir plena maturidade, a alma deve passar «por outra provação, chamada noite do espírito». Só então o espírito se purifica de todos os obstáculos e de todas as escórias, que impedem o perfeito desenvolvimento do puríssimo amor.

«Quando o Senhor se comprouver em a pôr nesse estado, a sua alma sentirá tão agudo sofrimento que há-de ultrapassar em muito tudo o que a tal respeito se possa imaginar. Sentir-se-á envolta em espessas trevas, e o seu espírito será mergulhado na mais cruel repugnância. Então servirá e amará a Deus com amor

mais puro, esquecendo-se de si mesma somente, por Ele.

Quanto mais o Senhor a convida à sua divina intimidade, quanto mais pura luz projectar sobre a sua alma, tanto maior será a cegueira com que, a princípio, a fere. As penas, sofridas então pela alma, são tão atrozes e cruéis que só poderíamos compará-las às que sofrem as almas do purgatório, ou antes, os condenados.

Enquanto a alma não está inteiramente purificada, a luz do Senhor parece-lhe noite e trevas; quando, porém, estiver pronta a receber o beijo da perfeita união do amor, iluminá-la-á essa luz, a princípio pena e tortura.

O Padre Pio escrevia estas palavras em Dezembro de 1914. Não cita textos: fala da abundância do coração. Não se deixa enganar por este estilo, aparentemente objectivo, todo aquele que souber ler com atenção. Em algumas palavras, intraduzíveis, sentimos vibrar o choque de emoção directa. Com 27 anos, somente, o jovem capuchinho conhece o segredo das noites de vigília!

A sua experiência, impossível de transmitir, para sempre o condena a extrema solidão. Como mostrar aos que a ignoram essa chama viva, a consumi-lo? Como explicar-lhe que todas as coisas da terra agora só lhe sabem a cinzas?

Ó miserável condição da nossa vida! escreveu ele a 28 de Setembro de 1916. Possa o divino Esposo despedaçar o véu que nos separa dele, e conceder-nos enfim a plenitude do amor, desejada com tantos gemidos e com tantas lágrimas!

Entretanto, Deus vai-o esculpindo. Pouco a pouco o contemplativo sobe de grau; torna-se apóstolo. A nostalgia do céu cede à fome devoradora das almas. A cada dia que passa, o Padre Pio vai verificando quanto custa ser pai! É isso, porém, o que Deus quer. É para isso que Deus o chama e o guarda com vida. Um ano volvido sobre a carta que acabámos de citar, revela-se-nos através dos seus conselhos de director espiritual:

«É bom, é santo o ímpeto, a pedir-nos a paz eterna. Contudo, é necessário moderá-lo pelo abandono total à vontade divina. *Mais vale fazer a vontade de Deus na terra do que gozar no paraíso.* «Sofrer e não morrer», é esta a ordem de Santa Teresa. *Até o purgatório é doce quando se pena pelo amor de Deus!*

Tomamos à letra estas confissões. Manter vivo este apóstolo não é fácil, no meio das multidões que o cercam e pretendem vorazmente absorvê-lo: em toda a acepção do termo, o Padre Pio, é «um homem devorado». No dia em que já lhe não for possível descer ao Confessionário, receptáculo de tantos segredos de amor e misericórdia, nesse dia romper-se-á subitamente o véu que o retém, e cairá enfim, presa bem-aventurada, nos braços do seu Deus.

Ei-lo pois entregue às almas a que, mais e mais, vai apreciando o preço incalculável. Para as arrancar ao mal e ao anjo mau, não bastam palavras piedosas: *toda a redenção é mistério de sangue.*

Antes de ser promovido invisivelmente à semelhança com o Crucificado, o Padre Pio verte nas balanças da justiça todo o sangue das veias e do coração. Os estigmas são unicamente um sinal visível

desse holocausto interior, que o consagra inteiramente ao serviço das almas:

«Como posso esquecer-te, escreve a uma das filhas espirituais, tu que tão duros sacrifícios me custaste, e a quem entreguei a Deus, na extrema dor do meu coração?».

E a um mancebo, vindo de longe: «Comprei-te ao preço do meu sangue».

Filioli quos iterum parturio... «Filhos», concebo dolorosamente, para que Cristo se forme em vós». (Gal 4, 19.) Estas palavras de S. Paulo são, para sempre, o «vade-mécum» dos apóstolos. Julgar que alguém pode ganhar almas para Cristo *sem pagar o preço com a própria pessoa*, é um dos mais insidiosos erros do nosso tempo, e a causa secreta de tantos malogros nas obras de apostolado, seja qual for a excelência da direcção e a sua técnica. Quem sabe? Talvez a mensagem do Padre Pio se dirija principalmente aos padres, presos à cruz do sacerdócio no dia da Ordenação? Não será necessário que os pés e as mãos sangrem visivelmente para que seja aceite o holocausto; não ganhará esta verdade elementar em ser ilustrada pela lição viva das coisas?

A partir de 1916, as cartas do Padre Pio tornam-se mais ardentes, mais inflamadas de amor pelas almas. Não há sacrifício que não esteja pronto a fazer pelo bem espiritual dos filhos e filhas! Pesa-lhe a vida no quartel? Pois bem! «Que posso desejar-lhe deste lugar de reclusão, onde me encontro encarcerado, para que seja realidade a sua santificação?» escreve o Padre Pio, de Nápoles, no dia 1 de Outubro de 1917.

Sede como pequenas abelhas espirituais, que nos alvéolos só recolhem mel e cera...».

Para as incitar, lembra-lhes essa «ternura paterna» que o obriga a velar zelosamente pelo seu progresso espiritual: «Vosso pai, que vos ama como à própria alma», escreveu ele a uma comunidade de terciários.

A luz de certas datas, tais passagens das suas cartas revestem significado pungente:

«Quero viver sempre a morrer, escreve em Janeiro de 1919, a fim de que da minha morte nasça a vida imortal e Aquele que é a vida ressuscite os mortos».

Traça estas palavras com indizível esforço, em letra hesitante, pois há quatro meses que as suas mãos estão trespassadas.

Escritores ingénuos acreditam na lenda dos transportes maravilhosos que teriam empolgado a alma do Padre Pio, quando da recepção dos estigmas. É bem diversa a verdade que se evolva das suas cartas. Sem precisar factos, suplica às filhas que o recomendem à piedade de Deus, pois, diz, «a minha alma sofre, esmagada ao peso duma duríssima e amaríssima provação» (13 de Outubro de 1918).

Eis o texto integral duma carta, escrita a 23 de Setembro de 1918, três dias após o acontecimento memorável, com mão dolorosa em resposta às perguntas ansiosas das suas filhas:

«Que Jesus reine como senhor no teu coração! Que o encha abundantemente com o seu santo amor! Lamento não poder responder pormenorizadamente a todas as tuas perguntas. Há três dias que estou

doente; não largo o leito senão para te escrever. Desculpa ser tão breve...

Que há de mais simples? «Está doente». Toda a gente conhece a sua saúde melindrosa... se dependesse unicamente do Padre Pio, a história dos seus estigmas não se divulgaria assim depressa.

«Asseguro-te, continua, que podes estar tranquila quanto à tua alma. Não posso porém dispensar-te da meditação, pelo simples motivo de julgares nada ter aproveitado com o método imposto! O santo dom da oração está nas mãos do Salvador; quanto mais te descuidares de ti própria, isto é, de todos os laços carnaís, quanto mais te deixares enraizar na santa humildade, tanto mais íntima será a comunicação da tua alma com Deus:

«É preciso perseverar com muita paciência no santo exercício da meditação, é preciso que te contentes em avançar a passos lentos, até teres pernas para correr, ou, antes, asas para voar. Contenta-te em viver na obediência: coisa de não pouca importância para uma alma que escolheu Deus como alvo supremo.

«Resigna-te a ser, de momento, uma pequena abelha, enquanto esperas vir a ser uma abelha grande, hábil, capaz de fabricar bom mel. Humilha-te com muito amor perante Deus e os homens, pois Deus só fala aos que se mantêm diante d'Ele humildemente.

«Todavia o verdadeiro motivo de não conseguires fazer bem a tua meditação, ei-lo! e creio não me enganar. Começas a meditar com uma espécie de excitação, de inquietação e ansiedade, e encarniças-te

por encontrar assunto, capaz de contentar e consolar o teu espírito.

«Pois bem, é o bastante para não encontrares o que procuras, e para que nem o teu espírito nem o teu coração estejam assaz livres para se concentrarem na verdade que meditas.

«Sabe, minha filha, que, quando alguém procura com excesso de pressa e inquietação febril um objecto perdido, embora lhe toque com a mão, embora lhe passe cem vezes debaixo dos olhos, não o descobre!

«Essa inútil ansiedade só te fatigará o teu espírito e tornará o teu pensamento absolutamente inapto a deter-se nos pontos de meditação; daí resultará uma espécie de fricção e embotamento, sobretudo no domínio afectivo.

«Para este mal só conheço um remédio: expulsa para longe a ansiedade, uma das armadilhas mais perigosas à verdadeira virtude e à verdadeira vida interior; sob o pretexto de aquecer a alma, torna-a mais fria; só a obriga a correr para a fazer tropeçar.

«Filha, atende-me. Muitas vezes to disse de viva voz: põe-te de sobreaviso, sobretudo durante a oração: Não esqueças que as graças e o gosto da oração não são coisas da terra mas do céu! Todos os nossos esforços não conseguiriam fazer cair essa água do céu, embora seja necessário dispormo-nos a recebê-la com muito cuidado, mas sempre em paz e humildade.

«Conserva o coração aberto ao influxo do Céu, e espera o celeste orvalho, vindo do alto. Que este pensamento te não abandone durante a oração, minha filha, pois assim aproximas-te de Deus, duplamente, prestando-lhe as honras e homenagens devidas. Ora

tal facto pode dar-se sem que ele nos fale, e sem nós lhe falarmos! Basta reconhecer como é o nosso Deus e somos pobres criaturas suas, prostradas em espírito diante d'Ele, à espera das suas ordens. Quantos cortesãos passam e tornam a passar diante do seu rei, não para lhe falar nem para o escutar, mas simplesmente para fazer acto de presença e fazer-se reconhecer, graças a esta assiduidade, como fiéis servidores? Esta maneira de nos apresentarmos na presença de Deus, para nos fazermos unicamente reconhecer como seus servos, é santa, excelente, muito pura e de eminente perfeição.

«Ri-te à vontade: eu falo a sério!».

Não é magnífico? (Mesmo torturado tem sempre espírito).

«O segundo motivo, por que nos colocamos na presença de Deus enquanto rezamos, é para lhe falar e escutar a sua voz através das suas inspirações e iluminações interiores. Habitualmente, fazemo-lo com grande satisfação, porque é graça maravilhosa poder falar a um tão grande Senhor, que, quando se digna responder, derrama sobre nós mil bálsamos e unguentos preciosos, enchendo-nos a alma de alegria.

«Pois bem, querida filha, uma ou outra destas vantagens não poderá faltar-te nunca nas tuas preces.

«Se podes falar ao Senhor, fala, canta o seu louvor.

«Se não podes falar-lhe, porque o teu espírito se conserva obtuso, não percas o ânimo: imita os cortesãos e faz-lhe a mais bela das reverências. Ele saberá apreciar a tua presença e o teu silêncio e,

uma ou outra vez, o teu coração se alegrará quando te tomar pela mão e conversar contigo, dando mil voltas na tua companhia, através das alamedas do seu jardim de oração. E, se nunca tal acontecesse, o que é pouco provável, pois este Pai tão terno não terá coragem de te deixar em perpétua flutuação, até assim mesmo devias ficar contente. Temos o dever de o seguir, e é grande honra dignar-se Ele tolerar-nos em sua presença!

«Assim, não ficarás nunca embaraçada, perguntando a ti própria: que lhe direi? Porque, permanecendo simplesmente na sua presença, cumpres um dever não menos útil, talvez até mais útil, embora menos conforme aos teus gostos.

«Quando te encontrares diante de Deus, na oração, considera-te banhada na luz da verdade, fala-lhe se puderes e, se não puderes, deixa simplesmente que te veja, e não tenhas preocupação alguma.

«Quanto à tua viagem, será melhor sujeitares-te ao desejo dos outros, isto é, dos teus. Assim evitarás novas preocupações. Não te faltam nunca as minhas preces, pois não posso esquecer-te, a ti que tantos sacrifícios me custas e que te criei para Deus no meio de dores extremas. Espero que, na tua caridade, não esqueças também *o que carrega a cruz por todos*. Abençoo-te com toda a minha alma...».

Salvo a alusão velada da última frase e a caligrafia vacilante, nada nesta carta poderia fazer-nos adivinhar o acontecimento que traz o país em efervescência há três dias.

Algumas semanas depois, a 13 de Outubro de 1918, o Padre Pio escreve ainda à mesma correspon-

dente: «Que te direi de mim? A violência das dores não me deixa falar, paralisa-me os membros». E acrescenta estas palavras que nos fazem estremecer: «Reza para que a minha alma se não perca nesta terrível provação»!

Ah! Com certeza o Senhor — que se compraz em comprometer os amigos — não lhe conferiu condecorações! Enquanto certa gente boa o entrevê em perpétuo êxtase, a alma do Padre Pio debate-se num pobre corpo supliciado. Não foi crucificado Cristo num madeiro infamante e o servo não está acima do Senhor!

Pregado vivo à cruz, sofre em silêncio no opróbrio e na abjecção. Acabara, para sempre, o seu querido isolamento. Ei-lo, marcado a fogo. Tornou-se ponto de mira, campo de experiências. Já não lhe pertence nem sequer o corpo, cúmplice indiscreto do amor, demasiado grande! A santa obediência entregou-o às mãos dos médicos.

CAPÍTULO IX

O PADRE PIO NAS MÃOS DOS MÉDICOS. PERPLEXIDADES DOS ESPECIALISTAS. O DR. BIGNAMI COLOCA SELOS SOBRE OS ENIGMAS. RELATÓRIO DO DR. ROMANELLI. NÃO HÁ FÓRMULA CLÍNICA PARA CLASSIFICAR ESTAS CHAGAS. O MÉDICO ADMITE A PRIORIDADE DOS FACTOS SOBRE AS TEORIAS. O RECLAMO DOS ESTIGMAS. A ESPERA DAS ALMAS. O PADRE PIO PRISIONEIRO NO CONFESSIONÁRIO. COMO A IGREJA O DEFENDE.

Como Deus, também a Igreja não é terna para os exploradores das altitudes espirituais e, decerto, tem suas razões. A grandeza dos dons só pode equilibrar-se em abismos de humildade. Para experimentar os espíritos, Deus e a Igreja metem-nos na forja.

Temos pois o Padre Pio sobre a bigorna. Cumpre o seu ofício o martelo, sob a forma do Dr. Luigi Romanelli, expressamente mandado pelo Padre Provincial de Foggia. Isto quer dizer: exame minucioso das «lesões», sua descrição clínica e tratamento adequado para as fazer desaparecer. Não é dever da Faculdade curar doentes e tratar dos feridos? Para principiar, o médico não tem o direito de admitir causas preternaturais às afecções que trata. O Padre Pio aparece como caso patológico, diante do olhar agudo e perscrutador do Dr. Romanelli. A cada um a sua especialidade!

E, não será um impostor? Chamado como reforço, o Dr. Bignami de Roma achou conveniente colocar selos nas ligaduras, aplicadas pelo médico de

serviço sobre as feridas suspeitas, Sabe-se lá nunca o que podem inventar fanáticos. O Dr. Bignami é descrente e considera os monges como fenómenos, adversos às leis da natureza. É simples o seu raciocínio. Já que há lesões, procuremos-lhe a causa. Os padres são suficientemente falsos para fabricarem um reclamo assim espectacular. Pondo as chagas ao abrigo dos seus estratagemas, em breve será possível desmascará-los. O Dr. Bignami vai observando a impecabilidade dos selos e espera.

Coloquemo-nos agora no lugar do pobre Padre Pio, tratado como cobaia ou animal curioso. Além do sofrimento físico, muitas vezes intolerável (como quando os médicos se comprazem em verificar o vácuo entre os dedos, apoiados sobre os dois lados das chagas), há ainda a agonia espiritual em que Deus o mergulha, o agudo sentimento da profanação do «segredo do rei», e a solidão moral no meio de tão doutas personagens, cujos pensamentos adivinha e que o mantêm em dependência absoluta.

Enfim, volvidos quinze meses, o O Dr. Romanelli decidiu-se a escrever o seguinte relatório:

«As lesões que o Padre Pio tem nas mãos são recobertas de uma delgada membrana de cor avermelhada. Não há pontos sanguinolentos, nem inchaço, nem reacção inflamatória dos tecidos. Tenho a convicção, até a certeza, de que as chagas não são superficiais. Carregando com os dedos senti o vácuo a toda a espessura da mão. Não pude constatar se, carregando com mais força, os meus dedos conseguiriam juntar-se, pois esta experiência, assim como

qualquer outra pressão, provoca no paciente uma dor aguda.

«Todavia, submeti-o a esta prova penosa diversas vezes, de manhã e à noite, e devo confessar ter feito igual constatação de todas as vezes.

«As lesões nos pés apresentam as mesmas características que as das mãos, mas por causa da espessura do pé não pude fazer experiência idêntica à das mãos.

«A ferida do flanco é um golpe nítido, paralelo às costelas, de 7 a 8 centímetros, cortando tecidos moles, de profundidade difícil de verificar, e que sangra abundantemente. Este sangue tem todas as características do sangue arterial; os lábios da chaga mostram não ser esta superficial.

«Os tecidos que circulam a lesão não apresentam reacção inflamatória, e são dolorosos à mínima pressão. Visitei o Padre Pio cinco vezes durante 15 meses e, embora observasse algumas modificações, não pude encontrar forma clínica que me autorize a classificar estas chagas».

Entretanto, com grande pasmo seu, o Dr. Bignami teve de constatar que, a despeito das suas medidas de precaução, os pensos «radicais» aplicados nas chagas do pobre Padre não davam resultado algum, e as estranhas lesões continuavam «sem nunca se infectarem, e sem a menor supuração». Foi preciso pois recorrer a outras explicações, não menos científicas. O Padre Pio foi submetido a exames clínicos extremamente minuciosos, e todos os seus órgãos passaram pelo crivo das análises rigorosas.

Coisa curiosa: não encontraram o menor vestígio das antigas afecções pulmonares, nem sintoma algum de doença orgânica, psíquica ou nervosa. Perplexos, os médicos refugiaram-se, segundo o hábito, ao abrigo duma linguagem, impenetrável aos profanos.

Chegou enfim a vez do Dr. Festa, desconfiado a princípio com os colegas, mas de olhos abertos e suficientemente humilde para admitir a prioridade dos factos sobre as teorias. Teve a feliz ideia de considerar o Padre Pio não somente como um caso a resolver, mas como ser vivo. Após exames não menos rigorosos que os dos colegas, teve a coragem de reconhecer que «este género de lesões» escapava à ciência. Conquistado pela doçura e paciência do seu «doente», dedicou-lhe uma amizade nunca desmentida. O seu relatório inteligente e compreensivo contribuiu para dissipar as prevenções de certos meios do Vaticano e dos superiores do Padre Pio. Deixaram-no, enfim, em paz.

Não esqueçamos, porém, que, além das santas chagas, o pobre Padre partilhou com Cristo, durante mais de dois anos, o opróbrio, a abjecção e as vestes de louco.

Esta provação moral foi ainda mais dura do que a dor persistente dos estigmas. Há trinta e sete anos que assim vive «condecorado», para edificação duns e para escândalo dos outros. Não tenhamos ilusões: até à sua morte, tal como o Mestre, o Padre Pio será pedra de escândalo e sinal de contradição.

A maldade e a estupidez não desarmam nunca. Nos bastidores da história, forças ocultas desenca-deiam o ataque.

Quem sabe? Talvez que alguns dos seus amigos, demasiado fervorosos, o tenham prejudicado mais do que os inimigos declarados, até perante as autoridades da Igreja.

Canonizando-o em vida, não agem somente contra as sábias prescrições da Santa Sé. Prejudicam também a sua obra de apóstolo, que se apaga diante de Aquele que representa. Ouso dizer que, para conhecer o Padre Pio, é necessário ver além do reclame dos estigmas. O que é certo, comovedor e admirável, é que há trinta e sete anos este homem resgata as almas com o seu sangue. Todos os dias, como no-lo afirmam, «perde cerca do conteúdo duma chávina de sangue». Isto obriga-o a contínuas precauções. Quando não diz missa, usa todo o tempo luvas sem dedos, castanhas de dia, brancas de noite, lavadas por ele na cela. Sangra tão abundantemente a ferida do lado, que diversas vezes por dia, tem de mudar os pensos. A Santa Sé proibiu severamente a distribuição das ligaduras maculadas.

Não devia lembrar-nos esta prudente medida que não é só o corpo do Padre Pio que sangra, mas também a sua alma? E que o valor redentor dos seus estigmas está no «sim», incessantemente renovado e livre até ao derradeiro alento, o «sim» dado ao Senhor, que o convida a participar da sua divina agonia? Até mesmo o Padre Pio não tem a graça assegurada! A grandeza dos seus carismas faz-nos presentir a qualidade dos riscos que corre, e o estado do perpétuo cerco, que é a sua vida. O inimigo, «ce brutto cosaccio», como lhe chama o Padre Pio, esse maldito compadre, nunca se cansa de estar à espreita

para pôr esse corpo trespassado em desacordo com a alma, mergulhada nas angústias da morte. Enquanto dura a vida, dura o combate e continua o perigo. Tomando-o por um ser «sobre-humano», termo de que usam e abusam certos admiradores, demasiado ingênuos, far-lhe-íamos grande justiça. A sua grandeza reside toda em ser um retrato vivo do Mestre Crucificado. Homem das dores (e não super-homem), é convidado incessantemente a continuar a sua Paixão. Como Ele, o Padre Pio tem de confirmar em cada instante a sua escolha. Ainda uma vez, as chagas do seu corpo só valem como sinal de uma alma que, ininterruptamente, consente em «completar» o que falta à Paixão, para a salvação do Mundo. Sim, é esta a verdade.

Aos seus íntimos, o Padre Pio pede para ora-rem por ele. Louco seria quem tal estranhasse.

O que a nossa vaidade considera distinção continua a ser para ele a mais dura prova.

Após o choque dos primeiros meses, pouco a pouco foi-se adaptando. O Senhor, com as chagas, confere-lhe a força.

Segundo a maneira de julgar dos que o conhecem desde este dia memorável de 20 de Setembro de 1918, a despeito de contínuas hemorragias e uma alimentação, menos que suficiente, melhorou notavelmente o estado da sua saúde, antes tão fraca. Para não contrariar os companheiros, toma parte na refeição do meio-dia, mas a ementa, há cerca de 40 anos, compõe-se unicamente de salada, legumes verdes, por vezes peixe, queijo, limonada ou cerveja. De manhã, depois de celebrar a missa, toma um grande copo de água.

Quanto mais uma alma sobe, diz S. João da Cruz, tanto mais as suas provações tomam carácter interior. Basta comparar a face ardente, mas ligeiramente crispada e atormentada do jovem Padre Pio, fotografado por ordem dos superiores, depois de receber os estigmas, com a bela figura pacífica, radiosa, da idade madura, para podermos compreender o que tem sido a sua ascensão. Sofre menos agora? Estamos inclinados a acreditar o contrário; porém, na sua alma de servo fiel, domina a alegria. A evolução dentro da graça «transfigura o corpo», torna-o luminoso, como diz o Senhor.

O domínio exercido pelo Padre Pio sobre as turbas que o cercam, deriva evidentemente dos seus dons carismáticos, mas bem mais ainda da Presença que reflecte e incarna. Seria grave erro não passar além da aparência, dos estigmas e do precioso sorriso do Padre Pio até Àquele que é a alma da sua alma e a vida da sua vida!

Promovido pescador de almas pelo seu sacerdócio, associado à Paixão pelos estigmas e toda a gama de sofrimentos físicos e espirituais, que mal suspeitamos, o Padre Pio deu-se todo ao serviço das almas e esse serviço é toda a sua razão de ser. Para tal fim, Deus equipou-o de carismas maravilhosos. As aventuras espirituais, desencadeadas pelos seus milagres, acabam junto das grades do confessionário. Como o Santo Cura d'Ars, com que se parece em tantos aspectos, é literalmente *pasto dos pecadores*.

Os seus camaradas e filhos espirituais deixaram-me entrever o preço que certas conversões lhe custam. Sente-os vir de longe, aos filhos pródigos,

mergulhados em vícios, cobertos de manchas. Dias antes, já começa a disputá-los à Justiça. «Eis outro peixe enorme que corre para a sua rede», dizem-lhe os companheiros, benevolmente. E o Padre Pio continua a oferecer como resgate as suas chagas, o sangue do seu corpo, o sangue da sua alma. «Sem efusão de sangue não há remissão», lemos na Epístola aos Hebreus.

Como é que a nossa memória, tão fraca, não pensa nesta verdade! Se certas almas nos escapam, é que não sabemos pagar o preço exigido.

Evocando a lista das suas conquistas prodigiosas, não percamos de vista estes princípios elementares. O Padre Pio é bem mais do que um santo prestidigitador, com muitas habilidades no saco para alimentar a nossa ânsia do maravilhoso. Os seus milagres não são simples factos mas iscas, atiradas às almas; nada viremos a saber aqui, na terra, dos seus mais belos prodígios que, sem cessar, libertam almas cativas.

Antes de continuar a história dos seus gestos, parece-me necessária uma prévia explicação, pondo todas as coisas no seu devido lugar. A desconfiança, por vezes hostil, que em certos meios testemunham ao grande Apóstolo de São Giovanni Rotondo, parece-nos devida em primeiro lugar a certa literatura de sensação, ingénua e superficial.

*
* *
*

O Padre Pio está definitivamente estabelecido em São Giovanni Rotondo. Após dois anos de exames

escrupulosos, os médicos, encarregados de diagnosticar-lhe as chagas, tiveram de reconhecer que esta espécie de lesões escapava ao estado actual da ciência. Atento, o Vaticano recomenda a mais extrema prudência. Os fanatismos ardem demasiado depressa e os santos, canonizados em vida, podem degenerar em ídolos: não jazem amortecidas, no fundo ignorado dos povos, reminiscências pagãs? Seria comprometer o apostolado do Padre Pio — que continua a confessar — içá-lo com demasias de rapidez a um pináculo. Os superiores recebem ordem de observar extrema vigilância, e interrogam-se: não seria útil transferi-lo para outro ponto, onde fosse menos conhecido?

Divulga-se a notícia. Os espíritos excitam-se. O bom povo de Pouille não o entende assim! Raptar-lhes o seu «santo»? Pois que experimentem...

Uma manhã, o convento dos Padres capuchinhos encontrou-se em estado de sítio. Vindos de todos os lados com machados, foices e marretas, camponeses vigiavam as imediações e velavam, guardando as saídas. Disse-mo alguém — cito textualmente — que se ouvia vociferar: não o deixaremos partir com vida! Ora essa! Um santo é a glória da nossa terra. Uma vez morto fica-se com ele...

Era tão ameaçadora a atitude dos assaltantes, as suas caras tão decididas, que os superiores tiveram de render-se à evidência. Já que o não deixavam partir, pois bem, o Padre Pio não partiria.

Pelo menos, rodearam-no de mil precauções. Nada de «reliquias»! Cuidado com as tesoiras que rodam à volta do seu escapulário! Alguns irmãos vigorosos e com cara de poucos amigos formam-lhe

a escolta necessária. A partir de 1924, é-lhe proibido escrever. Trata-se de medida de prudência e caridade.

Como aumenta constantemente a sua correspondência, diversos secretários revezam-se para transmitir as suas respostas, em geral resumidas a pouca coisa: «O Padre Pio reza por vós. Confiança e coragem!» Não se trata porém de vãs palavras. O Padre Pio toma a peito todas as intenções que lhe recomendam. Em seguida a uma campanha de calúnias desencadeadas por tristes criaturas, a partir de 1924 o Padre Pio foi condenado a reclusão absoluta, e só em 1939 foi autorizado a transpor o limiar do seu convento. Houve até um tempo que era proibido assistir à sua missa.

Onde outros gritam contra a injustiça, vejamos somente uma provação que, por certo, foi de grande proveito para a alma do Padre Pio, e até para o seu apostolado. Como atleta, que concentra forças para melhor saltar, assim acontece ao apóstolo após um retiro, embora seja forçado. Não nos afirma São Paulo, que os amigos de Deus nunca perdem na troca?

Desde 1939, o Padre Pio trabalha de novo em liberdade, o que não significa que o deixem em paz. «Tanto melhor, responde a rir, quando lhe narram qualquer nova inépcia, referente à sua pessoa. Tanto melhor! Quando o diabo se mexe, é porque não está contente. O que deve inquietar-nos é o seu silêncio».

Imperturbável, segue o seu caminho. O seu confessor está sempre cercado.

Devotado a tantos sofrimentos físicos e morais — impossível dar remédios a todos, se tal não é a vontade de Deus, o Padre Pio teve um dia a ideia luminosa de «canalizar» e «explorar» o sofrimento, para assim dizer, fundando a famosa «casa Solievo della Sofferenza» que, há anos, recolhe as ofertas e dons dos peregrinos. Uma soma considerável, oferecida pelo presidente da U N R R A, Fiorello La Guardia, oriundo de Foggia, permitiu levar a bom fim os trabalhos da construção. Aqui, como em todos os outros pontos, o «demasiado humano» opôs-se ao lado divino, e cruéis provações caem sobre esta obra, tão querida ao coração do Padre Pio.

A morte recente do seu filho e amigo, Dr. Sanguinetti, mergulhou-o, segundo acabam de me escrever, num oceano de amargura.

Isto está também no programa. A santidade não se mede pela abundância de êxitos, mas muito mais pelos malogros que amadurecem em frutos redentores, como a cruz na alegria pascal. O que nos interessa nesta construção audaciosa, é a ideia que a anima. Muitas vezes, na terra, o sofrimento é uma força que, girando no vácuo, se perde. Há longos anos, oculto por detrás das grades do confessorário, ou perdido em êxtase divino, o Padre Pio capta essa enorme força, orienta-a arrancando-lhe o veneno, transforma-a em energia motriz, numa palavra: grava-a na cruz. Esta construção branca faz o efeito duma poderosa barragem, transformando uma força elementar e bruta em luz e calor. Não duvidemos: «regular o sofrimento é milagre mais belo do que suprimi-lo».

Tal é, a rápidos traços, a história do Padre Pio, o apóstolo de São Giovanni Rotondo. Vejamo-lo agora em pleno trabalho. Todos os factos narrados por mim foram-me quase todos comunicados, de viva voz, por pessoas dignas de confiança, por vezes testemunhas. Através da lenda dourada que o envolve, e tantas vezes o desfigura, tentemos decifrar o melhor possível os traços do seu rosto e o «novo nome» com que Deus o chama, convidando-o para a grande obra da Redenção.

CAPÍTULO X

VISITAS INESPERADAS E ESTRANHAS «AMNESIAS». A AVENTURA DO GENERAL CADORNA. O PADRE CUMPRE A SUA PALAVRA! SILÊNCIO ELOQUENTE. AS SUAS AUSÊNCIAS. «O PADRE PIO E SANTA TERESA DE LISBOA». COMO ELE EVITA OS INTRUSOS. A SUA PEQUENA FAMÍLIA ESPIRITUAL. PETRUCCIO, O CEGO. «NÃO ME DEIXA TRANQUÍLO. NEM DE NOITE». SALVAÇÃO IN EXTREMIS. «BASTA». UM PASSEIO A SECO, DEBAIXO DE UMA CHUVA TORRENCIAL. PENITÊNCIAS INDISCRETAS. «ESTA CHUVA NÃO MOLHA». UMA EVACUAÇÃO DE LAGARTAS.

Nas cartas do Padre Pio, que temos em mãos, há duas passagens, aludindo discretamente a factos que escapam às leis comuns da natureza, e se iluminam pela textura dos acontecimentos ulteriores.

A 10 de Dezembro de 1914, o jovem monge de 27 anos escreve: «Há alguns dias, o Senhor permitiu-me visitar Giovina e, através de mim, cumulou-a de graças... Pareceu-me então que estava melhor. Peço-lhe sobretudo que não deixe transpirar coisa alguma da minha visita, diante de Giovina. É bom esconder o segredo do Rei.

Isto significa: o Padre Pio faz visitas, de que os beneficiários nem sequer dão fé. Nesta ocorrência, trata-se de uma das suas filhas espirituais, gravemente enferma, que de súbito melhora, depois de misteriosa intervenção.

A segunda passagem é extraída de uma carta de 28 de Setembro de 1915. O mais curioso nestas

confidências, é fazê-las com o ar de quem pede desculpa!

Vocês queixam-se, escreve ele a um grupo de terciários, por eu não satisfazer todos os vossos pedidos, e censurais-me, embora com doçura. Só me resta apresentar-vos as minhas desculpas. Sabei que sofro já há algum tempo de certas amnésias, a despeito do meu grande desejo de vos fazer a vontade. Compreendo, todavia, *ser uma graça muito grande, a que o Senhor me faz, lembrando-me só as pessoas e as coisas que quer*. É o Senhor que, muitas vezes, me apresenta pessoas que eu nunca vi e de quem nunca ouvi falar, só com o fim de eu rezar por elas. Nesses casos, sou sempre atendido. Ao contrário, quando o Senhor não quer escutar-me, faz com que me esqueça de rezar, até por aqueles inscritos nas minhas intenções mais firmes. A minha amnésia estende-se por vezes até às coisas de primeira necessidade. Todavia, dou graças à Providência, por nunca ter permitido que olvide os deveres do meu estado».

O estilo indeciso desta passagem, uma espécie de perplexidade que se desprende das suas confissões, provam-nos claramente como o Padre Pio, no momento de escrever esta carta, não estava ainda familiarizado com a acrobacia espiritual, que virá a ser um dos seus principais carismas.

De todas as maneiras, é evidente que, desde esta época, o Padre Pio conhece a bilocação e, o que importa ainda mais à sua alma, ajusta-se tão inteiramente aos movimentos do Espírito, que Deus pode dispor como quiser das suas preces.

As estranhas amnésias de que se queixa, não passam de paragem no programa providencial do seu apostolado. Certas almas são-lhe expressamente confiadas à sua fidelidade.

Não é demasiado repeti-lo: todos os carismas do Padre Pio estão ao serviço das almas, embora os corpos deles beneficiem. Quantas conversões, desencadeadas por uma cura milagrosa, ou por uma visita inesperada! Citemos factos, escolhendo de preferência os pouco ou mal conhecidos:

Após uma derrota, o general Cadorna, entregue à mais negra misantropia, pensa no suicídio. Uma noite, depois de ter dado ordens às sentinelas, fecha-se na tenda e pega no revólver... De súbito, entra um monge vestido de burel, pára no limiar e levanta o dedo com ar de censura: «Vamos, general, não cometerá tão grande loucura!».

O general dera ordens severas para que ninguém o incomodasse. Louco de cólera, precipita-se para fora e não vê ninguém. As sentinelas, interrogadas, juram por todos os deuses não terem visto entrar alguém, nem muito menos terem dado entrada a pessoa alguma. A cólera cede ao pasmo; a obsessão abrandar; o general concede a si próprio uma pausa e espera: está salvo.

Entretanto, a história preocupa-o como enigma apaixonante, e esforça-se obstinadamente por lhe encontrar solução. Quem seria o jovem franciscano, assaz insolente para desafiar o seu isolamento, e assaz poderoso para lhe fazer cair o revólver da mão! Estava-se no fim da guerra. Começava-se a falar do Padre Pio. Para ter a consciência limpa, o

general Cadorna parte, incógnito, e à civil, para São Giovanni Rotondo. Era a época, porém, em que o Padre Pio estava preso às ordens da Faculdade. Impossível falar com ele. O general insiste. «Deixem-me vê-lo, ao menos!».

«Bem, replica o Superior, fique aí no corredor enquanto que vamos à igreja rezar. Vê-lo-á passar».

Escondido na sombra, o general espera. Os monges passam: Reconhece o visitante nocturno. O Padre Pio olha-o, sorri e levanta o dedo com o mesmo gesto, misto de ironia e ameaça, como se quisesse dizer: «Escapou de boa»!

O reverendo Fernando Damiani, vigário-geral da diocese do Salto no Uruguai, desejava como tantos outros acabar os seus dias junto do Padre Pio, em São Giovanni Rotondo.

— Não, disse-lhe o Padre. O seu lugar é na sua diocese.

— Então, Padre, replicou o Rev.º Damiani, prometa que virá assistir-me à hora da morte.

O Padre Pio recolheu-se um instante: «Sim, prometo-lho».

Em 1941, o Rev.º Alfredo Viola, arcebispo de Salto, celebrava as bodas de prata. Assistiam todos os Bispos do Uruguai e alguns da Argentina. À noite, o Rev.º Barbieri, arcebispo de Montevideo, a quem devemos este relato, ouviu bater à porta. Acordado em sobressalto, exclamou: «Quem está aí?» Entrou um capuchinho desconhecido e disse-lhe: «Vá a casa do Rev.º Damiani, que está a morrer». O Arcebispo acordou alguns padres e correu a casa do Rev.º Damiani, que acabava de ter um gravís-

simo ataque de angina de peito. Com toda a lucidez e muito devotadamente recebeu o viático e a extrema-unção; depois, em seguida a breve agonia, apagou-se docemente em grande paz. Qual não foi o espanto de todos os que lhe assistiram à morte, ao encontrarem sobre a mesinha de noite estas palavras, rabiscadas a lápis, com mão trémula:

«O Padre Pio veio!».

O Arcebispo de Montevideo guardou preciosamente a última mensagem do amigo, e quis verificar com os seus próprios olhos a identidade do religioso, por quem fora chamado à cabeceira do moribundo. No dia 13 de Abril de 1949, por ocasião duma visita *ad limina*, foi ver o Padre Pio e reconheceu-o. Todavia, para ter bem a certeza, fez-lhe a pergunta sem preâmbulos. O Padre Pio não respondeu. Julgando que não tivesse ouvido, o Arcebispo insistiu. O Padre continuava a guardar silêncio. Então, o Rev.º Barbieri começou a rir:

— Compreendo!

— Ah! Sim, vejo que compreendeu! respondeu o Padre Pio com o seu fino sorriso.

*
* * *

Os biógrafos do Padre Pio usam e abusam a seu respeito do termo «ubiquidade», que põe de pé os cabelos nas cabeças dos teólogos. Alguns dos seus devotos, sobretudo algumas das suas devotas, fazem correr o boato de como «ele ouve tudo e está em toda a parte». Nada de mais falso. Os carismas do

Padre Pio têm estritos limites, impostos por Deus. As suas bilocações, que não provoca, por seu livre arbítrio, mas correspondem aos designios da Infinita Misericórdia de que o Padre Pio é servo humilde, nunca são causadas por motivos fúteis ou gratuitos, como estaríamos tentados a pensar, ao ler certos factos colhidos e divulgados por espíritos excitados. O Padre Pio não «deambula» através do mundo, para ter o prazer de passear, mas porque Deus o envia e a sua vontade submete-se em tudo à de Deus. Não confundamos pois a causa com o instrumento, nem simples alucinações com factos indiscutíveis. Esta falta de espírito crítico faz muito mal ao grande apóstolo de São Giovanni Rotondo, que merece mais e melhor do que a fama de mestre prestidigitador em andanças preternaturais. Há algumas façanhas, a ele atribuídas, que fazem sorrir...

A bilocação, bem conhecida na vida dos santos, é como o antegoço da «subtileza» dos corpos gloriosos. Interrogado um dia acerca deste ponto, o Padre Pio respondeu, como é costume seu, com ar aborrecido:

«Ora, ora, não são tão estúpidos, que não se aperecebam que se movem. A forma como mudam de lugar, eis a questão. É a alma que arrasta o corpo, ou o corpo que arrasta a alma? De todas as formas, têm plena consciência do caso, e sabem para onde vão».

Os amigos do Padre Pio conhecem bem estes «momentos» em que, de súbito, se ausenta e se transfigura. Isto apodera-se «dele», não importa onde; muitas vezes no confessionário. Contou-me uma das

suas filhas espirituais que um belo dia, estando ela a confessar-se, o Padre Pio a interrompera bruscamente «Cala-te!». E ficara-se com o aspecto de quem escuta. «A sua face mudara por absoluto, mas não parecia morto», contou-me ela. Pacientemente, permanecera de joelhos. Ao fim de um longo momento, o Padre Pio soltara um fundo suspiro, murmurara alguma coisa, inclinara-se para a rótula, e a confissão prosseguia.

São frequentes casos análogos; todos os companheiros do Padre Pio estão habituados a estas «ausências». Mas aí do que ousasse fazer-lhe «perguntas indiscretas» a tal respeito! Tem uma forma de «de os mandar passear», que logo tira aos curiosos o desejo de insistir. Todavia, certos factos foram observados por tantas testemunhas, ou testemunhas tão respeitáveis, que não há o direito de as pôr em dúvida! Temos, por exemplo, D. Orione — proposto à canonização — que viu com os seus próprios olhos o Padre Pio na Basílica de São Pedro de Roma, no dia da beatificação de Santa Teresa de Lisieux. Interrogado sobre este ponto por um prelado romano, confirmou-o. Ora, nesse momento, o Padre Pio achava-se em rigrosa clausura em São Giovanni Rotondo... De pormenor em pormenor o incidente ilumina-se. Disse um dia alguém, que conhece muito bem o apóstolo de São Giovanni Rotondo, que «Santa Teresa do Menino Jesus é entre todos os santos a mais querida do Padre Pio». O taumaturgo e a humilde carmelita que nunca fez um milagre em vida, seguem o mesmo «caminho» do perfeito abandono, parecendo-se sob muitos aspectos. Um dia, alguns anos antes

da beatificação, Mlle M. B. apresentou ao Padre Pio uma fotografia da jovem carmelita, pedindo-lhe que a benzesse, e o Padre Pio respondeu: «Não posso abençoar a imagem desta religiosa, que não está ainda beatificada, mas um dia vê-la-emos nos altares, pois é uma grande santa».

Deus dispensa aos seus amigos estranhas atenções. Já que o entedimento entre o capuchinho italiano e a carmelita francesa era tão terno e confiante, por que não fazer assistir um à glória do outros?

Apostemos que Santa Teresinha lá apareceu também com as suas rosas.

*
* *
*

Em certos casos, o Padre Pio passa além das portas fechadas, com grande pasmo dos que o observam. É uma maneira elegante de despistar os importunos a ludibriar os curiosos. Passo a narrar dois factos, contados por testemunhas fidedignas.

Um grupo de peregrinos está de vigia diante da porta, por onde o Padre Pio deve passar para se dirigir à igreja. Uma verdadeira emboscada. Passa uma hora; passam duas, três horas...

O tempo começa a parecer longo, mas que importa? O Padre Pio tem de passar por aquela porta, o Padre Pio há-de passar! Um capuchinho surpreende o grupo à espera. «Que desejais, boa gente?» «O Padre Pio, naturalmente».

«Está na igreja há muito tempo a confessar!» Desolados, os peregrinos perguntam: «Por onde passou?» «Pela porta, naturalmente!» «Mas nós não o vimos!» O religioso sorriu: «Se não o viram, é porque ele não queria vê-los. O Padre Pio está lá para confessar mas não para conversar... compreenderam?»

Uma outra vez, os habitantes de São Giovanni Rotondo foram alvoroçados por um belo automóvel, que despejou no limiar da igreja um grupo de «damas» pintadas, de vestidos demasiado curtos, acompanhadas por um elegante chocarreiro. Tratava-se de uma companhia de teatro, que fizera um desvio para ver o «santo» e divertir-se à sua custa. Habitado ao seu papel, o mancebo declamava: «Onde está o Padre Pio? vim para ser convertido»!

As damas abafavam os risos, enquanto o irmão porteiro começava a perder a cabeça.

Tratava-se de uma conversão?... O Padre Pio que desembrulhasse a meada! «Vão à sacristia: Ele está a confessar»!

Com ar de mofa, atravessam a igreja sem sequer esboçarem uma genuflexão diante do altar principal.

«Onde está o Padre Pio?» pergunta o comediante. «Acaba de sair», respondem-lhe — «devem tê-lo encontrado na igreja».

— «Não, não o vimos. Não é possível...». Os peregrinos, reunidos na sacristia, olham com certo pasmo esta ruidosa companhia: habituados, porém, à pescaria do Padre Pio, em busca dos «peixes grandes», oferecem amavelmente os seus serviços. Procuram o Padre Pio na igreja, no convento, no jardim;

impossível encontrá-lo! Impacientes, os trocistas não escondem o seu desapontamento. Os sorrisos de mofa paralisam-se nos lábios. «Desculpem», murmuram os capuchinhos, não o encontramos.

«Saiu então?» «Decerto, não! — «Mas então onde está?» Frei Gerardo encolhe os ombros: «quem saberá dizê-lo?».

Furiosos, perplexos, os intrusos metem-se no carro, que logo abala por entre nuvens de pó, no meio de gritos e pragas. Os que os viam partir, de pé à entrada da igreja, viram-se e fixam os olhos no Padre Pio. «Onde estava, pois, Padre?» O Padre Pio sorriu. «Passei e tornei a passar na vossa frente, mas não me viram». E entrou tranquilamente no confessionário.

Não conhecemos o fim desta aventura; no entanto, os íntimos do Padre Pio ficariam muito admirados se, no fim, não se tivesse dado «grande conversão».

Para acordar certas almas, o Padre Pio não usa de mão leve; não sabe nunca renunciar aos «peixes grandes».

Com que zelo devorador ele se interessa pelo progresso espiritual dos filhos e filhas!

Através duma autêntica selva de lendas douradas, inspiradas na sua obra, é contudo fácil fazer uma bela colheita de factos autênticos, testemunhando todos a qualidade da sua ternura e quais as exigências do seu amor de pai — e é isso o que mais nos interessa.

Quando toma uma alma a seu cargo, nada no mundo pode forçá-lo a largá-la. Perto ou longe que

esteja, segue-a com fidelidade tão inexorável. — disse-me alguém a sorrir — «que é mister progredir de boa-vontade ou à força».

«Não chamo ninguém nem expulso ninguém, diz ele aos que estranham as turbas que o assediam. Certamente que os estigmas e prodígios fazem reclamo; basta, porém, uma breve inquirição à «bela brigada» — (assim chamava Santa Catarina de Siena à sua família espiritual) para compreender como o seu amor insaciável é a maior atracção das almas. Como resistir a quem daria de bom gosto a vida por nós? É assim que o Padre Pio ama os que se lhe entregam.

É certo que não os anima! Os seus filhos mais nutridos devem seguir-lhe as pegadas, comparticipando das suas preocupações e sofrimentos de apostolado.

Pode porventura oferecer-lhes presente mais real do que a semelhança divina? Só pela cruz podemos aproximar-nos de Cristo, Senhor nosso. Os íntimos do Padre Pio encontram a cruz mais cedo ou mais tarde; encontram-na no meio da alegria, que lhe é inseparável e arde em brasa, como o fogo da glória, no triunfo do terceiro dia. A cruz não passa de uma pergunta a que a Páscoa dá a resposta. É esta a lição que o Padre Pio não se cansa de repetir. O seu robusto optimismo comunica aos filhos e filhas um espírito ousado e compreendedor, pronto a todas as imolações, sempre com um sorriso. Se pelos frutos se reconhece a árvore, os filhos do Padre Pio reflectem a alma do pai. Não fazem muito barulho. Dir-se-ia até que, quanto mais intimamente lhe estão

devotados, mais se apagam. Reconhecem-se à primeira vista por certo estilo inconfundível de simplicidade, humildade e alegria franciscana. Eles, que sabem mais do que os outros, são quem menos fala. A uma ingénua pergunta minha, uma das suas queridas filhas espirituais respondeu-me nitidamente: «O Padre Pio proíbe-me que o mostremos, glorioso, ou queiramos erguê-lo até lá acima. Deus encarrega-se de o fazer».

À força de não fazer reclamo algum, o seu mais belo reclamo é esta pequena família espiritual. Ninguém pode aproximar-se dela sem sentir o mais raro perfume.

*
* *
*

Os próprios milagres andam mais na boca dos estranhos e dos «peixes grandes», do que na dos amigos do Padre Pio. Efectivamente, que pode oferecer-lhe de mais belo do que uma promoção na fileira dos apóstolos, isto é «Obreiros da Redenção»? No princípio deste livro, avistamos Petruccio, o cego.

Tem 38 anos. Aos 14 anos, a vista começou a turvar-se-lhe. O Padre Pio ama-o muito. Sondou-o docemente: — «Tu sabes, meu pequeno, por esse mundo fora há muita gente que peca com os olhos»!

— Pois bem, Padre, que Deus me tire os olhos. Ofereço-lhes pelos pecadores.

O Padre Pio não intercedeu pela sua cura!

Ele, que soube dar a vista a olhos sem pupilas, como no caso de Gemma di Giorgi, conserva junto dele Petruccio, o cego, como tesouro muito querido.

Conhecem-no todos os peregrinos de São Giovanni Rotondo! Alegre como um pintassilgo, cheio de entusiasmo e bom humor, circula em liberdade nas proximidades do convento, pronto sempre a prestar serviços, como ir ao correio levar a correspondência do dia, ou dar informações à gente que chega. A sua bela face, iluminada pela luz interior, faz parte da decoração deste lugar de graças e conta-nos muito mais acerca do Padre Pio do que muitos livros.

*
* *
*

«Parece às vezes», disse-me um dos seus filhos «que o Padre Pio está sempre a escutar vozes que o chamam». E contou-me esta anedota: algumas pessoas recentemente chegadas a São Giovanni Rotondo falavam uma noite do Padre Pio. Com toda a ingenuidade, recapitulavam quais as graças que iam pedir-lhe e encarregavam os anjos da guarda de lhas enumerar o mais depressa possível. No dia seguinte, depois da missa, o Padre Pio interpelou-os claramente:

«Marotos. Até de noite não me deixam tranquilos!».

O sorriso desmentia as palavras. Compreenderam como tinham sido atendidos.

*
* *
*

«Não é necessário repetir-lhe dez vezes a mesma coisa, até mentalmente!» assegurava-me uma outra

pessoa, dando-me este lindo exemplo como prova convincente.

Uma boa mulher da terra tem o marido gravemente enfermo. Corre depressa ao convento, mas como conseguir chegar até junto do Padre Pio? Para o ver no confessional é preciso esperar pela vez, o que significa uma demora de três dias, pelo menos. Durante a missa, a pobrezinha agita-se, muda de lugar, passa da direita para a esquerda, da esquerda para a direita e confia em lágrimas a sua desgraça à Nossa Senhora das Graças, por intermédio do seu fiel servidor. Durante as confissões repete o mesmo manejo.

Enfim — o que a mulher quer, Deus o quer — consegue introduzir-se no famoso corredor, onde se pode avistar o Padre Pio. Logo que a vê, o Padre Pio olha-a com ar irritado: «Mulher de pouca fé, quando acabarás de me quebrar a cabeça e importunar os ouvidos? Julgas que sou surdo? Disseste-me cinco vezes, à direita, à esquerda, adiante, atrás... Compreendi muito bem...».

Depois, com um belo sorriso: «Vai depressa para casa. Tudo está bem».

Com efeito, o marido estava curado.

*
* *
*

Em certos casos as salvaçãoes «in extremis» são bastante espectaculares. Durante a libertação, uma das suas filhas foi presa como «fascista» e condenada à morte pelo tribunal dos *maquis*. Estava inocente

dos crimes que lhe imputavam, mas, como prová-lo? No instante em que a algemavam para a conduzir ao lugar da execução, pegou num rosário e numa fotografia do Padre Pio e, entre soluços, rezou: «Padre, Padre, venha em meu auxílio!».

Durante o trajecto, uma multidão em delírio atirava-lhe pedras, de mistura com as piores injúrias. Mais morta do que viva, chegava enfim ao lugar onde a esperava o pelotão da execução, quando, bruscamente, o tráfico foi detido por uma longa coluna de blindados, ambulâncias e tropas que marchavam para o Norte. O chefe do pelotão ordenou que suspendessem a execução, e, esperou, «como que hipnotizado», de pé, sobre um carro.

«Quando passarem todos, pensava a pobre rapariga, então soará a minha última hora. Padre, Padre, por que não está junto de mim?».

O tempo passa, o desfile continua. Cansados e talvez pouco seguros do que pretendiam fazer, os *maquis* vão dispersando. Só o «comandante» fica de pé, direito como um ponto de exclamação, hirto como um sonâmbulo.

Esta suspensão bastara aos amigos da jovem rapariga para estabelecer o alibi e provar a sua inocência. Livres da embriaguez momentânea, os delatores continuavam por sua vez a tremer diante de possíveis represálias, quando alguém trouxe a notícia de que a execução fora suspensa pela passagem das tropas. No momento em que as últimas colunas iam passar pela estrada fatal, o ruído dum motor alvoroçou a jovem. «Um senhor desconhecido, vindo em automóvel», declarou-lhe à queima-roupa, «que podia

considerar-se livre e levou-a, sem mais detença para casa. Nesse tempo o apuramento de contas era bastante sumário...

Mas, ainda não foi dito o melhor da história. Na Itália, como na França, bandos de salteadores saqueavam a casa dos condenados e tiravam a sardinha da brasa... com o pretexto de procurar explosivos. Precisamente no momento em que alguns dos bandoleiros mascarados estavam prestes a saquear o quarto da rapariga, debaixo do olhar horrorizado da irmã, um «Basta» sonoro e imperioso obrigou-os a deterem-se pasmados. Olharam uns para os outros cheios de terror, pois aquela voz parecia vir de um altifalante que não conseguiram descortinar. Um novo «Basta», ainda mais colérico e poderoso, forçou-os a fuga precipitada. Quando a condenada entrou em casa, a irmã caiu-lhe nos braços soluçando perdidamente. Era a voz do Padre Pio! Foi ele quem fez fugir os ladrões!.

Alguns meses mais tarde, quando lhe foi permitido circular, a jovem em questão tomou o comboio para São Giovanni Rotondo. O Padre Pio acolheu-a com um sorriso!

«O que tu me fizeste correr, filha, com a tua fé». E impôs silêncio a explicações mais amplas.

*
* *
*

Noutros casos, as situações são menos trágicas e os salvamentos menos onerosos. Quem, em São

Giovanni Rotondo, ignora a encantadora aventura, acontecida ao Engenheiro Todini, de Roma?

Uma noite, tendo-se demorado no convento, reparou no momento de sair que chovia torrencialmente. «E eu nem sequer trouxe um guarda-chuva!» disse ele ao Padre Pio. Não poderia deixar-me ficar aqui até amanhã? Se assim não for, ficarei encharcado como um «pintainho», «inzupatti come un pulcino».

— Não, filho, não é possível. Mas, não tenhas medo! Acompanhar-te-ei.

O engenheiro pensou com os seus botões que dispensaria de bom gosto esta «penitência», embora adoçada com ajuda espiritual do Padre Pio; ergueu a gola do casaco, enterrou o chapéu e atacou corajosamente os dois quilómetros que o separavam da aldeia. Qual não foi o seu espanto, ao reparar, fora da porta, que a tempestade cessara de repente. Caía leve humidade, quando chegou a casa da boa gente que lhe alugara um quarto.

— Virgem Mãe, exclamou a mulher, ouvindo abrir a porta. Deve estar ensopado até aos ossos.

— De forma alguma, replicou. Não chove.

Os camponeses olharam-se, estupefactos.

— Como, não chove? Mas, é um verdadeiro dilúvio! Ora oiça!

Saíram para a entrada e viram, que na verdade, caíam do céu cataratas.

— Há uma hora, chove sem cessar e torrencialmente. Que fez para passar a seco?

— O Padre Pio disse-me que viria acompanhar-me!

— Ah! se o Padre Pio disse isso...

O incidente resolvera-se. Sentaram-se à mesa. «Já se sabe, continuou a mulher pousando sobre a mesa uma terrina fumegante. O Padre Pio vale por todos os guarda-chuvas do mundo!».

*
* *
*

Com o seu ar de poucos amigos — é a sua maneira de se defender — o Padre Pio é o mais terno dos pais e mede o frio pela lã das suas ovelhas. Especialista dos grandes arrependimentos, pretende reprimir o desejo impetuoso da penitência por meio de medidas prudentes, que implicam, por vezes, derrogação às leis da natureza.

A bela e riquíssima D. Luísa Vairo viera a São Giovanni Rotondo por pura curiosidade, mas também um pouco como desafio à opinião pública.

Logo após a chegada, sentiu-se penetrada de tão viva dor, os seus pecados pareceram-lhe tão monstruosos, tão tremendos, que se desfez em lágrimas, mesmo dentro da igreja. Os seus soluços lancinantes, atraíram algumas filhas espirituais do Padre Pio, que se encontrava no confessionário, a confessar. Posto ao corrente do que se passa, aproximou-se da senhora Vairo e disse-lhe. — Acalme-se, minha filha, a misericórdia não conhece limites; o sangue de Cristo lava todos os crimes do mundo.

— Quero confessar-me, Padre, — disse a desconhecida que, uma hora antes, teria rido a bom rir de tal proposta.

— Acalme-se primeiro, recomendou docemente. Virá amanhã.

A senhora Vairo passou a noite a recapitular os seus pecados. Não se confessava desde criança. Posta em presença do Padre, acontecera-lhe como a tantas outras. Não havia maneira de começar. Sentia um nó na garganta. Vendo-a em tão lastimoso estado, o Padre Pio, docemente, começou a fazer o inventário do sua triste vida.

Por fim disse-lhe.

— Não te lembras de mais nada?

A violência da tentação fê-la estremecer.

Pois seria preciso confessar o pecado maior, o que faltava? Pois não chegara esta onda de vergonha e lama?

O Padre Pio esperava, mordendo docemente os lábios.

Enfim, ela conseguia dizer: — Falta-me ainda isto, meu Padre.

— Deus seja louvado, exclamou alegremente. É por esse que eu esperava. Dar-te-ei a absolvição, minha filha.

Convertida, a senhora Vairo começou a seguir o exemplo dos grandes penitentes, com todo o ardor dos neófitos.

Uma manhã de Inverno, decidiu ir à igreja, descalça. Soprava vento forte, chovia, e estava um frio de enregelar, como acontece muitas vezes nos flancos do Monte Gargano.

Molhada até aos ossos, com os pés a escorrer sangue, (nessa altura o caminho para a igreja ainda estava cheio de calhaus) chegou enfim e desmaiou,

na entrada, de dor e frio. Quando abriu os olhos, viu a face do Padre Pio, curvado sobre ela.

— Minha filha, até na santa penitência devemos ser comedidos. Depois, tocando-lhe levemente no ombro:

— Felizmente, esta água não molha.

Qual não foi o pasmo dos assistentes ao observarem como, num momento, a roupa da senhora Vairo ficara absolutamente seca!

*
* *
*

Filho de camponeses, o Padre Pio é muito sensível aos flagelos que ameaçam as colheitas e dá-lhes remédio, por vezes, de maneira muito activa.

A 15 de Maio de 1932, um grupo de peregrinos de Bolonha dirigia-se para o convento, quando de repente viram um bom troço da estrada literalmente coberto de lagartas negras e buliçosas. Aborrecidos, tentaram passar de lado, mas não havia meio, pois era um caminho cavado entre amendoeiras. Foram, pois, obrigados a caminhar sobre o desagradável tapete; logo que chegaram ao burgo, informaram-se do estranho fenómeno.

— É muito simples, responderam-lhes. Perto do convento há um pomar de amendoeiras, que as lagartas tinham invadido por tal maneira, que a colheita estava seriamente ameaçada. Ora, uma família inteira vivia dos proventos dessa colheita. Desoladas, as pobres criaturas foram ter com o Padre Pio, supli-

cando-lhe que as ajudasse. Então o Padre Pio saiu para o planalto, e com um largo sinal da cruz, abençoou as amendoeiras. Imediatamente, as lagartas se puseram em fuga. Viram quantas eram! Esta pobre gente pode agora dormir em paz. Não lhe faltará o pão, este Inverno.

CAPÍTULO XI

PERPLEXIDADES DO DR. ROMANELLI. UM CAPUCHINHO PERFUMADO? O DR. FESTA DIVERTE-SE, MULTIPLICANDO OS TESTES. É PRECISO ARRANJAR FORMA DE CORRESPONDÊNCIA, QUANDO SE NÃO PODE ESCREVER. UMA MANSARDA CHEIA DE PERFUMES. «NÃO SENTIU NADA?» «ISTO HA-DE SERVIR-TE DE LIÇÃO PARA NÃO ANDARES PARA TRÁS!»

Quando da sua primeira visita a São Giovanni Rotondo, em Junho de 1919, o Dr. Romanelli ficou seriamente chocado, ao observar que o Padre Pio usava perfumes.

Era caso esquisito em capuchinho mortificado, decorado de estigmas. Não se podia admitir sequer! O perfume devia ser caro e de boa qualidade, porque a sua cela estava toda impregnada de um cheiro «raro e delicioso». «Presente decerto de qualquer beata», resmungou o médico, e foi confiar a sua perplexidade ao Padre Valenziano.

Este, como única resposta, soltou uma gargalhada.

— Um capuchinho usar perfumes! Não faltava mais nada! E é assim que se fabricam histórias e essas histórias circulam depois no mundo.

E que história! Nada de perfumes, querido doutor. O sangue do Padre Pio é que exala esse cheiro.

O Dr. Romanelli fez um sinal negativo com a cabeça. Mais uma das tais lendas dos frades. O san-

gue que se decompõe, *cheira mal*. Ora as «lesões» do Padre Pio sangram abundantemente, e desafiam todas as leis da higiene.

Para ter a consciência sossegada, voltou à cela do capuchinho estigmatizado e sofreu grande desapontamento. Desta vez, nenhum cheiro, nem bom nem mau. Por mais que aspirasse o ar, nada. São raras e dificilmente explicáveis as ilusões olfactivas; todavia, também a esse respeito a ciência não disse ainda a última palavra. Durante dois dias, o bom do médico andou como um cão de nariz no ar. Nada...

Pouco antes de partir, subia pensativo a escada do convento quando, de súbito, se sentiu invadido pela mesma onda de perfume violento. Foi só durante alguns segundos, mas o bastante para marcar novo ponto de interrogação no espírito do médico. «Queira observar, reverendo Padre, escrevia ele alguns dias depois no seu relatório ao Provincial, que não pode tratar-se de auto-sugestão. Primeiramente, ninguém aludira diante de mim a tal fenómeno, e depois, no caso de auto-sugestão deveria ter sentido este perfume todo o tempo, ou mais do que uma vez, e não com tão longo intervalo. Declaro lealmente, pois: por hábito, sentimo-nos demasiado propensos a atribuir à sugestão fenómenos difficilmente explicáveis».

Depois do Dr. Romanelli outras personagens se viram a braços com idênticos embarços. Os testes mais belos foram-nos fornecidos pelo Dr. Festa, de Roma, privado desde o nascimento do sentido do olfacto, por consequência fora de causa.

Tendo terminado as pesquisas em São Giovanni Rotondo, regressava a Roma com uma «amostra» de

roupa, maculada pela «lesão costal» do Padre Pio, que desejava submeter a uma análise do laboratório, quando, de repente, os companheiros de viagem começaram a perguntar uns aos outros: «que perfume tão bom! tão esquisito! Donde virá? Que pode ser? Não se parece com nada de conhecido...».

O médico divertia-se visivelmente. Ele próprio não sentia nada. Todavia, a ocasião era demasiado bela. Tentou precisar as sensações dos viajantes.

Estes, porém, debalde procuravam o nome desse estranho perfume; nem sequer estavam de acordo quanto às suas finalidades. Âmbar? Violeta? Heliotrópio? Nardo? Incenso? Jasmim? A discussão ia aquecendo no compartimento bem aberto. O comboio rolava a cem à hora, e bastaria a corrente de ar para liquidar em caso normal a emanção de perfumes! Isto durou cerca de um quarto de hora; depois desvaneceu-se e estranha exalação e começou-se a falar de outros assuntos.

Interdito, o Dr. Festa multiplicou os testes.

Propositadamente, guardou a famosa peça na sua gaveta. Entre os doentes que vieram consultá-lo durante os dias seguintes, alguns ficaram impressionados «por este maravilhoso perfume», informando-se do nome e origem. Outros nada sentiram, e não era por defeito olfactivo.

Há trinta e sete anos multiplicaram-se por tal forma os depoimentos das pessoas, beneficiadas por estes eflúvios, que não se admite a menor dúvida acerca deste estranho fenómeno, seja qual for a maneira de discutir-lhe o significado.

É facto provado que os objectos pessoais e até coisas, tocadas pelo Padre Pio, exalam perfume delicioso. É também facto irrevogavelmente certo que este perfume «não se parece com nenhum outro», embora evoque uma grande gama de cheiros conhecidos.

É facto poder actuar à distância. Enfim, não subsiste dúvida alguma que estes eflúvios têm significado bem determinado, integrando-se no arsenal apostólico do Padre Pio entre os carismas, concedidos por Deus para ajudar, atrair, consolar ou pôr de sobreaviso as almas, que lhe são confiadas.

Citemos, a este propósito, um episódio inédito, cujo valor é bem comprovativo, tanto mais que as testemunhas ignoravam por absoluto os «eflúvios» do Padre Pio.

Certo par de jovens polacos, residentes na Inglaterra, tinham uma grave decisão a tomar. Pesaram longamente «prós e contras»; viam-se em beco sem saída e perderam a cabeça. Humanamente falando, consideravam a sua situação sem solução possível. Que fazer? Alguém lembrou-lhes o nome do Padre Pio. Escreveram-lhe. Nenhuma resposta lhes veio às mãos! Decidiram então ir a São Giovanni Rotondo para pedir, de viva voz, ajuda e conselho. De Inglaterra a Pouille o trajecto é longo. Os nossos viajantes detiveram-se em Berna, e interrogaram-se, cheios de angústia, se valeria a pena continuar. Suponhamos que o Padre os não recebia? Ao partirem, alguém lhes dissera que estava «sob sequestro» (sic.). Toda a viagem, todas as despesas seriam em vão?

Era de noite. Conversavam tristemente num quarto de hotel, de aspecto sórdido e miserável. Por economia, tinham alugado uma mansarda «da última categoria». Era Inverno e nevava. Transidos de frio, desanimados, estavam prestes a arripiar caminho, quando, de súbito, se sentiram «penetrados por um perfume, esquisito e forte, tão agradável, que logo se sentiram reconfortados».

Prática, a jovem mulher pôs-se a inspeccionar a cómoda e gavetas para encontrar «o frasco de perfume, esquecido por qualquer viajante distraído, causa dos deliciosos eflúvios». Pesquisas baldadas! Ao fim de alguns instantes, o fino odor evaporou-se e o quarto voltou a exalar relentos fétidos de cloaca e mofo. Intrigados, os viajantes interrogaram o dono da casa, que caiu das nuvens a tão insólita pergunta. Era a primeira vez que os clientes da sua hospedaria, na verdade longe de cheirar a água de rosas, julgavam sentir vestígios de perfume! Entretanto «a aventura tinha-lhes incutido nova coragem, e decidiram finalmente prosseguir a viagem, custasse o que custasse».

Logo que chegaram a São Giovanni Rotondo, foram imediatamente a casa do Padre Pio, por quem foram recebidos de braços abertos. O mancebo, conhecedor da língua italiana, balbuciou umas desculpas:

«Escrevemos-lhe, Padre, mas como não nos respondeu...

— O quê? Não respondi? E aquela noite na hospedaria suíça, *então não sentiram nada?*»

Com algumas palavras, resolveu-lhes as dificuldades, e mandou-os embora.

Encantados, transbordantes de alegria e reconhecimento, só então compreenderam «essa maneira de responder» do Padre Pio àqueles que o chamam em seu socorro.

O critério decisivo dos eflúvios é a sua finalidade. O Padre Pio não exala perfume pelo prazer do perfume, (como alguns dos seus admiradores queriam fazer-nos acreditar, apoiando-se em exemplos pouco comprovativos), mas com o fim de apostolizar ou fazer bem. Ao perto ou ao longe, os seus «perfumes» reanimam, encorajam, chamam a atenção para um perigo iminente, acautelam, lembram a sua presença, os seus conselhos, a sua direcção.

«É como se nos dissessem: segue pelo caminho direito, caso contrário apanhas o castigo», contou-me a rir um dos seus filhos em espírito.

Em certos casos, estas ondas de perfume podem salvar de um perigo mortal: Um dia, nas imediações de São Giovanni Rotondo, uma pobre mulher apanhava castanhas sobre um caminho em declive e arrastava-se de costas para trás. De súbito, sentiu um aroma delicioso e levantou a cabeça: «Minha Nossa Senhora!»! Mais um passo e teria rolado no fundo do precipício... Ao vê-la, mais tarde, o Padre Pio increpou-a vigorosamente: «Espero que a lição te sirva e não tornes a fazer o mesmo, minha filha!».

*
* *
*

As curas, obtidas por intermédio do Padre Pio, são muitas vezes precedidas e anunciadas por característica onda de perfume.

Tomemos ao acaso um exemplo tanto mais impressionante, quanto é certo relacionar-se com a cirurgia, pouco favorável a auto-sugestão.

Josefina Marcchetti, de Bolonha, com 24 anos fractura o braço direito que, três anos antes, havia sido operado, em seguida a um grave acidente. Após nova operação, tendo tentado longo e penoso tratamento, o cirurgião, declarou ao pai da rapariga que nunca mais esta recuperaria o uso do braço, completamente anquilosado devido à excisão duma parte da omoplata, pois desgraçadamente não tinha tido êxito um enxerto nos ossos.

Desolados, pai e filha pertem para São Giovanni Rotondo. O Padre Pio recebe-os, abençoa-os: «Sobretudo, nada de desesperos! Fiem-se no Senhor! O braço há-de sarar».

Era pelos fins de Julho de 1930. A enferma entra em Bolonha sem que se possam observar melhoras. O Padre Pio enganara-se. Não se pensa mais no caso e os meses vão passando.

A 17 de Setembro, dia dos estigmas de S. Francisco, «de súbito o aposento dos Marcchetti é invadido pelo delicioso aroma de junquinhos e rosas». Esta onda dura «cerca de um quarto de hora», com grande pasmo dos locatários, perplexos acerca da origem destes eflúvios. A partir dessa hora a jovem rapariga recupera o uso do braço. Uma radiografia — conservada religiosamente — mostra a cura absoluta do osso e cartilagens.

*
* *
*

Só o embaraço da escolha nos detém, tal a abundância de casos análogos. Muito nos poderiam contar os filhos e as filhas do Padre Pio a seu próprio respeito, se não lhes selasse os lábios a «santa obediência». Mas, há também os peregrinos de passagem e beneficiários inesperados das graças; esses falam, falam por vezes até em demasia.

As mulheres de São Giovanni Rotondo disputam entre si o direito de lavar a roupa do convento porque, segundo a própria e ingénua confissão, «tudo o que toca o corpo do Padre Pio cheira tão bem, que logo até as roupas restantes ficam perfumadas».

*
* *

Os perfumes do Padre Pio evocam curiosamente os da veneranda Benoite Rencurel du Lans. Em vida, avisava assim os grandes pecadores. Desde o dia da sua morte — em breve serão volvidos três séculos — continua ainda o lindo milagre. «Nunca colocamos flores sobre os altares do santuário — disse-me há dois anos o Reitor, para que não possa haver confusão».

No santuário du Lans ⁽¹⁾ como em São Giovanni Rotondo, asseguraram-me felizmente, que a permea-

[1] Via Gap. Os altos Alpes; importante peregrinação a Nossa Senhora.

bilidade a estes misteriosos eflúvios não era critério accrea de bom estado de consciência.

Por mim, embora possua olfacto muito desenvolvido, nunca senti alguma coisa de extranatural. «Que quer, disse-me o Padre X, com um malicioso sorriso. Lá em cima há medidas de economia e não gostam de prodigalizar à-toa os carismas». Acrescentemos depressa que este Padre é afectado por um nariz refractário.

CAPÍTULO XII

OS TROFÉUS DO PADRE PIO. DEUS CRÊ EM TI. «GENOVÊS, TENS A CARA
SUA». UM MOTORISTA DESMASCARADO. «QUE PROMETERAM AO SEU
PAI?». GIOVANNINO O LIMPA-CHAMINÉS PREFERIDO A UM MONARCA.
NÃO É ACEITE PESSOA ALGUMA. PRIORIDADE DOS FILHOS PRÓDIGOS.
CONVERSÃO DE ALBERTO DEL FANTE. EM LUTA COM OS INTELEC-
TUAIS. O PADRE PIO E AS CRIANÇAS. UM MÉDICO ATEU. AS REPRESENTAÇÕES DOS SANTOS.

Fiel ao nosso propósito, escolhemos propositadamente entre os gestos e acções do Padre Pio os que melhor o retratam e mais nos ajudam a entrever a sua face.

As graças por ele obtidas — não nos cansamos de o repetir — são sempre em serviço do seu apostolado. Através dos corpos, doentes ou defeituosos, o seu caminho segue até às almas. Os seus mais belos troféus foram obtidos no confessional.

Mas há ainda o trabalho de aproximação, semeado de carismas, há respostas à queima-roupa, sátiras, cheias de espírito, réplicas de bom senso, cheirando à terra. Longe de desencarnar, a graça enraíza e faz evoluir formosamente todos os recursos da natureza. O Padre Pio faz milagres, é certo, mas é ingenuidade pensar como conclusão ser esse o seu único meio de atrair! Na multidão compacta que, dia e noite o cerca, são raros os beneficiários dos seus prodígios, o que de forma alguma faz deter ou desa-

nimar os outros. Mais ainda do que «perfume» sensível, o que eles procuram perdidamente, embora muitas vezes o não saibam, é «odor de santidade» que não delicia as narinas, mas inebria as almas. Com o faro infalível, infundido pela graça do baptismo, o povo de Deus reconhece no servo a semelhança com o Senhor. O Padre Pio atrai as multidões por meio de Aquele que vive nele com maior realidade do que ele próprio vive.

É através das conversões, operadas por ele, que melhor saberemos contemplá-lo.

Não pensemos sobretudo que persegue presas fáceis de captar. Convencer-nos-á do contrário um exame atento dos factos.

Entre aqueles sobre quem a graça actuou, contam-se pedreiros - livres, protestantes, teósofos, marxistas, espirítistas, ateus virulentos, devassos inveterados, assassinos, impostores, cortesãos, histriões, possessos, malfeitores, dignos de força...

Dir-se-ia que se especializa até nos casos graves e põe de lado o peixe miúdo!

Quase sempre, é o «reclamo» dos estigmas que atrai de longe os grandes pecadores.

Não faltam exemplos. Escolhamos ao acaso alguns «casos» característicos.

*
* *
*

O anzol trabalha. Lá está um grande peixe em contorsões. Hábil pescador, o Padre Pio puxa-o bruscamente, e é muitas vezes uma simples palavra,

incrustada na carne como um dardo, que opera o golpe de misericórdia.

*
* *

— Padre, não creio em Deus!

— *Mas Deus, meu filho, crê em ti.*

Tentai não perder pé no abismo revelado por estas palavras!

*
* *

— Padre, pequei tanto, tanto, que perdi a esperança!

— Meu filho, Deus persegue sem descanso as almas mais obstinadas; pagou demasiado caro por ti para agora te abandonar.

*
* *

Certo visitante, vindo por curiosidade, tenta esconder-se por detrás de um grupo de homens, reunidos na sacristia. Mal entrou, o Padre Pio logo o descobriu.

— Genovês, interpela-o por cima de todas as cabeças, tens a cara suja! A dois passos do mar, não sabes lavar-te?

É fácil imaginar a consternação do desgraçado. Naturalmente todos os olhares convergem sobre ele. O Padre Pio não larga a presa:

— A tua barca é sólida, mas não vai ninguém ao leme.

Bem entendido, o incidente acaba no confessional.

*
* * *

A certos peregrinos, recusa a sagrada hóstia. Podem ajoelhar-se três, cinco, dez vezes à mesa da comunhão. Passa adiante. Virou-se um dia para o homem que o seguia até à sacristia:

— Vai, casa com a mulher com quem vives, e depois volta!

*
* * *

Um motorista de um automóvel conta a sua confissão ao Padre Pio, a quem quisera ouvir. Realmente, não tinha intenção de se confessar. Esperava ao fundo da sacristia pelo grupo com que viera, quando o Padre Pio lhe fez sinal para se aproximar.

— E tu, filho, não pedes sequer uma bênção?

O motorista ajoelhou desajeitadamente.

— Pois bem, o que tens feito?

O motorista, um bom homem, tinha a consciência tranquila.

— Nada, Padre; confessei-me não há ainda muito tempo e estive a ouvir missa com estes senhores no Monte Gargano.

— E depois?

Comprámos objectos de piedade...

— Não foram as imagens santas que te obrigaram a blasfemar, mas essas coisas não se comem.

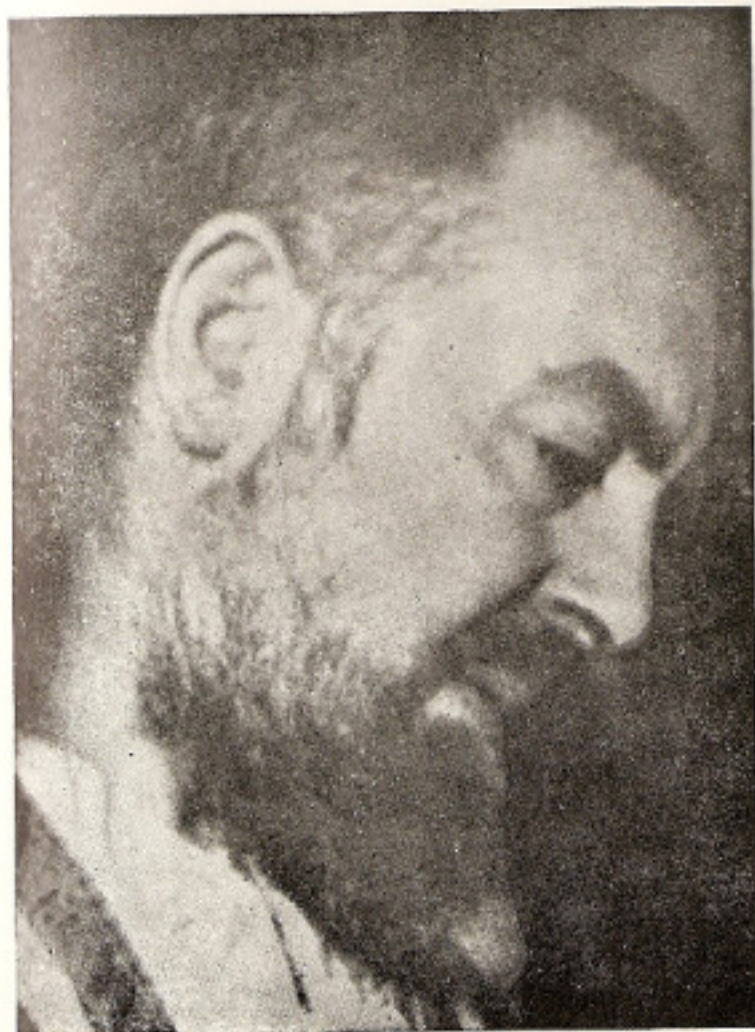
O motorista ficou de boca aberta. Em Monte



«Um sacerdote que ora». Eis o que ele pretende ser e como ele quer que o considerem, antes de mais.



As mãos do Padre Pio, recobertas de severas miteres, pousam,
um instante, sobre a cabeça de dois jovens casados





Os pais do Padre Pio



O convento de San Giovanni Rotondo

Angelo, tinha querido dar a provar aos viajantes a especialidade do lugar, — uma espécie de bolos com amêndoas torradas — e, não tendo encontrado o que desejava em quantidade suficiente, deixara escapar uma praga.

Impedoso, o Padre Pio continuou:

— E, depois invectivaste esse honesto carreteiro na estrada, por não seguir pela direita. Achas bem isso?

O pobre homem não sabia onde esconder-se. O Padre Pio «tinha visto tudo».

*
* *
*

Não gosta que brinquem com a palavra dada!

Um belo dia duas raparigas, desembarcadas há pouco, quiseram beijar-lhe as mãos, como faziam as outras. O Padre Pio escondeu as mãos atrás das costas.

— Ora essa, que prometeram ao pai?

As raparigas puseram-se vermelhas como papoilas. Efectivamente, tinham extorquido ao pai, um engenheiro, licença para ir ver o Padre Pio com uma condição. «Não lhe tocariam nas mãos, cobertas por chagas de origem tuberculosa».

É inútil acrescentar como este incidente fez sensação, na dita família, e trouxe ao Padre Pio o pai, puxado pelas filhas.

*
* *

Com os filhos em espírito, o Padre Pio não tem mão leve, e quando por vezes gemem com rigor tão extremo o Padre replica rindo:

«Mazzate e pannelli fanno li figli belli — «Açoi-tes e bolos fazem bem às crianças».

*
* *

Não quer dizer isto que favoreça austeridades indiscretas. A uma pessoa inclinada a penitências demasiado rigorosas disse um dia:

«Atenção, minha filha! Se maltratares teu irmão, o burro, quem te transportará?» «Não te servirá de nada matá-lo... É preciso mantê-lo obediente, mas não com excessos de violência...». Aconselha a todos a moderação.

«Não te permito senão um único excesso, diz ele, o do santo amor. Nisso, não há limites, nem corremos o risco de ultrapassar a medida! A caridade é a rainha das virtudes. Como, num colar, o fio único retém todas as pérolas, assim na vida espiritual o amor une todas as virtudes. Quando o fio quebra, as pérolas soltas perdem-se; onde não há amor, as virtudes dispersam-se e estiolam».

Toda a gente sabe em São Giovanni Rotondo que o Padre Pio não faz distinção de pessoas. Títulos, honrarias, cargos honoríficos, brasões e comendas, aos seus olhos não têm o mínimo valor no santo tribu-

nal, onde as almas surgem nuas. Se alguma preferência tem é pelos grandes pecadores. Junto dele, muitas vezes os primeiros são os últimos.

Conta-se a este propósito em São Giovanni Rotondo uma história divertida.

Grande sensação no burgo. Anunciam a chegada de um destes monarcas destronados e errantes que pululam na Europa há algum tempo. O bom povo forma-lhe a escolta de honra até à igreja. Naturalmente, o dito monarca pretende ver o Padre Pio.

Este não deseja de maneira alguma afadigar-se por causa dele e não faz menção de se apressar. Aos que o interpelam, excitados, responde:

— E a vez de Giovannino.

E Giovannino, limpa-chaminés, é atendido antes do monarca.

Vexado, este encurta a entrevista e esquivase prudentemente ao confessional.

— Padre, pergunta-lhe depois um filho em espírito, como pôde infligir-lhe uma tal humilhação?

Que humilhação? Não é o direito a uma coroa que torna uma alma mais bela. Giovannino é negro por fora, e branco por dentro, enquanto o outro, branco por fora, tem uma alma negra». E ajuntou: «No tribunal de Deus não há privilégios. Se há alguém com mais direitos só o filho pródigo...».

Mas, sob a condição de se reconhecer culpado e dizer: «Pequei». Para o conduzir a esta confissão, que maravilhas de estratégia não desenvolve a misericórdia, sempre à espreita!

Através das selvas, através dos desertos, o caçador celeste persegue a caça! Ei-lo, enfim, ofegante,

sem poder resistir mais, caído junto das grades do confessionário. O Padre Pio espera-o, de braços bem abertos:

«A misericórdia, meu filho, diz-lhe ele, ultrapassa infinitamente a tua malícia».

E das suas mãos consagradas escorre o sangue de Deus, pronto para lavar todas as manchas, reconhecidas e manifestas. Tal qual como Ars, São Giovanni Rotondo é uma forja dos grandes arrependimentos. Nasce dos corações em paz, junto do confessionário, a alegria que vemos brilhar nas faces dos peregrinos.

*
*
*

A maior parte, vindos de longe, guardam o seu segredo. Ouvimo-los, nas proximidades da igreja, na estrada, nas hospedarias! Para mais fundo relevo, deixam escrito o seu testemunho, juntamente com o nome e a direcção. «Para a história», diz Alberto del Fante, cronista oficial de São Giovanni Rotondo, autor de um grosso volume com este título, volume repleto de Relatórios, todos devidamente assinados.

«A Igreja que faça como lhe aprouver, diz humildemente o autor; o nosso dever é submeter-lhe os factos, apoiados por provas. Aceitamos o seu veredictum; seria, porém, grave pecado de omissão não a informar».

Todos os que têm escrito sobre o Padre Pio saqueiam a obra de Alberto del Fante sem escrúpulos nem referências.

Certos livros, publicados no estrangeiro, não passam de simples paráfrases deste precioso documento.

Razão maior, pois, para reconhecer a nossa dívida. Um inquérito apertadíssimo junto dos filhos em espírito do Padre Pio leva-nos a crer que del Fante realiza a sua tarefa com extrema lealdade. Se, por vezes, lhe falta o espírito crítico, consignando testemunhos de somenos qualidade, este embaraço de riqueza prejudica menos o Padre Pio do que a exaltação de alguns dos seus admiradores. Na história, todas as verdades têm guarnição de lendas de difícil discernimento devidas à disposição do agente receptor. *Quidquid recipitur...* Todavia, seleccionado com prudência, encontramos testemunhos de primeira ordem em primeira mão no livro de Alberto del Fante, inspirado pela mais terna devoção filial.

Damos aqui alguns, tomados ao acaso e confirmados de viva voz pelos filhos em espírito do Padre Pio. Para evitar equívocos, indico como única fonte o livro de Alberto del Fante.

Ele próprio é um belo troféu do Padre Pio. Como tantos outros, começara por combatê-lo, numa série de artigos virulentos, publicados na Itália laica, em que chamava ao capuchinho estigmatizado «mistificador», «charlatão» e «patife», abusando da ignorância de uma multidão ingénuo e crédulo.

A resposta do céu não se fez esperar sob a forma — sim! — da cura extraordinária e «indiscutível» dum sobrinho seu, mortalmente atingido. Contra vontade sua, um amigo fora solicitar a intervenção do «Impostor» de São Giovanni Rotondo, e, vinte e quatro horas depois, com supremo pasmo dos médicos o rapaz estava curado.

Intrigado, Alberto del Fante decide ir ver no seu campo o estranho taumaturgo. Para maior segurança, consignava as suas impressões dia a dia. «Mistificador ou santo?» perguntava a si próprio logo no dia da chegada a São Giovanni Rotondo. O Padre Pio parece-lhe ser «uma pessoa como as outras» e, ao olhá-lo, sente o desejo de o desafiar.

«Confessei-me sem fé, sem entusiasmo, como faria com qualquer outro padre. Impressionou-me uma única coisa. Este homem *conhecia os meus pecados*. Logo à primeira vista, disse-me que eu pertencia «a uma sociedade que reconhece Deus, mas não estima os seus ministros». Suponhamos que a minha maneira da falar o fizera adivinhar ser eu pedreiro-livre! Falámos longamente da filosofia, que substitui a fé pela consciência. Diante de nós desfilaram Santo Agostinho, Spinoza, Descartes, Stuart Mill, Spencer, Darwin e outros filósofos modernos.

Finalmente, disse-lhe: «Padre, apliquei-me sempre a orientar as minhas acções para o bem e, se por vezes o animal triunfava do homem, depressa a minha consciência me dizia: Faz isto, não faças aquilo... Nunca tive fé, o que não me impediu de ser honesto...»

«Honesto?! replicou o Padre Pio, honesto?! Lembra-te destas circunstâncias...

«E disse-me coisas que não podia saber».

* * *

Leva tempo a limpar as estrebarias de Augias!

No seu diário, Alberto del Fante marca humildemente os degraus sucessivos da sua conversão.

«Lutei, chorei de raiva...». Rendeu-se, enfim, e como era homem de uma só fé, fê-lo a valer, para sempre.

Antes de partir, pediu ao Padre para rezar pela sua jovem mulher, que em breve seria mãe.

«Decerto, decerto, respondeu o Padre Pio. Deus disse: «Crescei e multiplicai-vos. Deus ama quem dá a vida: Dio ama chi crea».

E perguntou-lhe sem mais preâmbulos:

«A tua mulher tem leite para criar?»

Estupefacto, o jornalista respondeu: «É isso exactamente o que eu queria recomendar-lhe!»

«Pois vai ter leite, respondeu o Padre; é justo que a mãe aleite o filho, tanto mais que os dois últimos tiveram ama!»

No seu passo pesado e vacilante, dirigiu-se para a porta da sacristia, deixando del Fante boquiaberto. Como é que o Padre Pio conhecia aqueles pormenores? Fosse como fosse, a sua predição realizou-se à letra.

* * *

O Padre Pio sabe falar aos intelectuais; os filósofos modernos não lhe metem medo!

Num monge, tão humilde, eis um aspecto pouco banal. Muitas vezes no confessionário afronta objecções, deita abaixo obstáculos, liquida controvérsias. Os seus carismas não são contrários à inteligência. Longe de ser feudo de devotos, como queriam fazer-

-nos acreditar, São Giovanni Rotondo vê afluir de todos os lados, universitários, artistas, escritores, filósofos, intelectuais, ávidos de conhecerem as coisas da fé.

Um deles, Feruccio Caponetti, materialista militante, distintíssimo, escreve:

«No monte Gargano encontrei um Mestre. Acoheu-me com alegria, escutou com um sorriso as minhas dúvidas e dificuldades; depois, em palavras muito simples, mas orientadas por insondável profundidade de pensamento, demoliu uma a uma todas as objecções que me formigavam na cabeça, eliminou um a um todos os meus argumentos, pôs-me a alma bem nua, e, mostrando-me os ensinamentos do Senhor, abriu-me os olhos do espírito. Vi a luz. Tocou-me o coração, e pude dizer: eu creio.»

Estas poucas linhas, frementes de emoção, focam maravilhosamente a passagem para a luz no drama do descrente. O Padre Pio não evita as dificuldades com habilidades carismáticas. Se, por fim, faz entender ao intelectual revoltado que lê na sua consciência, é com admirável paciência e extrema cortesia que examina de frente os pobres obstáculos que lhe bloqueiam a inteligência. Se não fosse assim, seria ele recebido, como é, nos meios intelectuais?

Foi a um universitário, contudo, que disse um dia:

«Nos livros procuramos Deus. Na oração encontramos-Lo».

* *

Certos factos contados por Alberto del Fante mostram-nos o Padre Pio sob um aspecto pouco

conhecido: não como taumaturgo somente, mas como «pai das almas», infinitamente terno, caritativo e humano.

*
* *

É extremamente severo para com os pecados «contra a vida e a natureza», vela ciosamente pela santidade da família cristã, e multiplica a sua graciosa intervenção a favor das mulheres que vão ser mães e das criancinhas. Neste ponto, a sua reputação está há muito estabelecida na terra. Todos os recém-casados vão pedir-lhe a bênção. Todos os bebés lhe passam pelas mãos. Muitas vezes, pedem-lhe que escolha um nome para a criança. Com todo o carinho o Padre aceita a missão.

Um dia, um carabineiro veio procurá-lo à sacristia.

— Padre, a minha mulher está grávida! Que nome daremos à criança?

— Chama-lhe Pio, disse o Padre rapidamente, chama-lhe Pio.

O carabineiro ficou encantado — era o que desejava — mas havia outra probabilidade.

— E, se for uma rapariga?

— Chama-lhe Pio. Já to disse — ordena o Padre Pio em tom que não admite réplica.

E foi um rapaz.

Dois anos depois, o mesmo carabineiro bate de novo à porta do convento.

— Padre, a minha mulher espera bebé. Dai-lhe um nome.

— Chama-lhe Francisco, respondeu o Padre Pio. Timidamente o carabineiro protesta.

— Mas, Padre, uma vez tudo correu bem, mas, não se trabalha em série e pode ser uma rapariga.

— Homem de pouca fé! exclamou o Padre Pio. Veio ainda um rapaz.

Não admira, pois não? que o honesto carabineiro delire pelo Padre Pio.

Houve, porém, uma época em que falava contra ele. Depois, como tantos outros, veio procurá-lo. O Padre Pio interpelou-o então: — Para que é que contavas a meu respeito tantas baboseiras, tu que nunca me tinhas visto? Primeiramente, olha para mim e fala depois.

Impressionado, o carabineiro balbuciou umas desculpas, ergueu os olhos para a cara do Padre Pio e ei-lo conquistado para sempre.

Figura notável no pequeno mundo do Padre Pio, a deste honesto carabineiro! Encarregado duma missão delicada, desempenha-a com brio. Em outros tempos, os seus predecessores procuravam um certo Francesco Forgione. Ele, faz a guarda ao Padre Pio, bem resolvido a não consentir que lho levem. Embora seja carabineiro, o seu patriotismo leal não difere do do bom povo de Gargano. Quando se tem sorte de possuir um santo, é para o guardar!

Naturalmente, o Padre Pio ama as crianças e estas pagam-lhe na mesma moeda. Quantas vezes não tem ele precipitado o dia da primeira comunhão, ansioso por lhes entregar Deus; «É preciso que Jesus lhes entre nos pequenos corações antes do mal», costuma ele dizer.

Toda a gente da terra conhece a esquisita aventura da pequena Gemma di Giorgi; nascera cega e sem pupilas. Depois de comungar da mão do Padre Pio, a 18 de Junho de 1947, recuperou bruscamente a vista, mas não as pupilas.

Foi um desafio à ciência. Quatro meses após o prodígio, o afamado oculista de Periggia, o Dr. Caramazza, submeteu a criança a um exame minucioso e constatou que *não podia ver*.

Ora a rapariga — que conta hoje 15 anos — fez os seus estudos e continua a gozar de vista esplêndida. Vem muitas vezes com a avó a São Giovanni Rotondo. O Padre Pio diz, abanando a cabeça: «Não misturem o meu nome com essas coisas, minha gente! Não fui eu, foi Nossa Senhora!».

— Mas foi preciso ser o Padre Pio quem solicitou essa graça — retorquiu do lado alguém, cheio de bom senso.

Não são unicamente os peregrinos de longe que recolhem as graças da Madonna delle Grazie, por intermédio do Padre Pio, seu fiel servidor! Ninguém ignora a aventura do Dr. Francesco Ricciardi, ateu militante, que durante anos dirigira uma campanha difamadora contra a religião e o capuchinho estigmatizado. Estava bem colocado para tudo ver, o doutor. A dois passos do convento, em São Giovanni, perto desse foco de obscurantismo e dessa fábrica de charlatães!

Reunia as notabilidades do burgo para as convencer da razão. Apoiando-se na ciência, azorragava de tal maneira os frades, que teve a honra de organizar

uma vigorosa oposição. O Padre Pio sofria, e calava-se.

Finalmente, passados anos, chegou a hora das represálias. Os amigos de Deus vingam-se à sua maneira. Vejamos este exemplo.

O médico adoeceu. Unanimemente, os colegas diagnosticaram um cancro no estômago. Era demasiado tarde para ser operado! Um belo dia, correu a notícia que o Dr. Ricciardi estava a morrer.

Ora na terra toda a gente o amava, porque tinha um coração generoso e, embora fosse ateu, tratava os pobres de graça. Os aldeãos, acorreram de todos os lados, e puseram-se a rezar, ajoelhados na rua, para que se reconciliasse com Deus.

O cura D. Giuseppe Príncipe, num rasgo de coragem, aproximou-se do moribundo.

— Non voglio preti! uivou este, furioso, e para dar mais eloquência à sua recusa atirou com um sapato de quarto à cara do cura.

Sem se deixar desanimar, D. Giuseppe insistiu.

— Deixe-me em paz, gritava o doente, só me confessaria ao Padre Pio. Mas ofendi-o demasiado para que venha. De mais a mais, ele não pode abandonar o convento. Morrerei pois como vivi. Pronto!

Apressaram-se a avisar o Padre Pio. Este dirigiu-se logo à Igreja, pegou nos óleos e no viático e, a mancar sobre os pobres pés transverberados, correu a casa do médico. Contaram-me a cena algumas pessoas que a ela assistiram. A neve caía implacável, sobre a multidão ajoelhada e sobre o Padre, alheio a tudo, com o seu Deus bem encostado ao coração. Como seria este diálogo? que pacto teriam concluído?

O Padre Pio entrou, abriu os braços e sorriu, como só ele sabe sorrir, com o seu sorriso de criança.

O velho ateu olhou-o, estupefacto e exclamou, com a face subitamente iluminada: «Perdoe-me, Padre Pio».

Confessado, perdoado, com todos os sacramentos, teria podido morrer tranquilamente, mas a «vingança» não seria assaz bela e, a pedido do Padre Pio, Deus decidiu doutra maneira. Ao fim de três dias estava curado.

O cancro desaparecera, sem deixar o menor vestígio. Com pele nova, externa e interiormente, o velho lutador mudou de campo, e começou a atacar freneticamente os adversários do Padre Pio. Ninguém, em Pouille, ignora a linda história do Dr. Ricciardi, as suas proezas, os seus exageros e o seu coração de ouro...

CAPÍTULO XIII

A PROFISSÃO DO TAUMATURGO É ESPADA DE DOIS GUMES. OS MAIS BELOS MILAGRES DO PADRE PIO. «AGRADECE A DEUS E NÃO A MIMI». UM LENÇO, ENSOPADO EM LÁGRIMAS. UMA OPERAÇÃO SEM ANESTÉSICO. «O PREÇO DAS ALMAS». A CABECEIRA DA MÃE MORIBUNDA. O PADRE PIO HONRA OS MÉDICOS QUE USAM BISTURI, ENVOLTO EM ORAÇÕES. A CONCORRÊNCIA CELESTE. UM ESCRITÓRIO IMPROVISADO.

«Padre, ó Padre, faça-me esta graça. O senhor pode tudo!».

O Padre Pio vira-se bruscamente para a mulher que o implora, e exclama indignado:

— Em resumo, filha, dizes que não passo de um autêntico canalha. Se posso tudo, e não faço o que posso, é isso o que sou: um canalha!

Confessemos que isto é lógico! Cercado por todos os lados, esmagado, afogado em mar de súplicas, o Padre Pio protesta violentamente contra o poder que lhe conferem de fazer milagres, *à sua vontade*. Certamente, Deus não gosta de recusar o que lhe pede este homem, assinalado com as chagas do seu Filho. Estas chagas, porém, significam outra coisa: um «Fiat» total, sem fissuras, a perfeita identificação da vontade do homem bom com a vontade insondável do seu Deus. Se Deus concede aos amigos que ultrapassem a lei da natureza, é porque na economia da salvação é esse o seu desejo. O milagre, só o bem da alma o determina. Todavia, como se insere

na ordem de tudo quanto é criado, é sujeito a imitações. A Igreja sabe muito bem como é preciso duvidar dos falsos prodígios de que se serve o Príncipe do mundo para ludíbrio dos homens. Sabe-o porque o Senhor o põe de sobreaviso. Eis aqui a razão, por que trata os taumaturgos com extrema reserva. Este poder, de que dispõem, não é deles; há alguém nos bastidores da história que se esforça furiosamente por baralhar as cartas, possuindo, no entanto, sobre a natureza um poder evangélico. Os verdadeiros milagres como que surgem aos nossos olhos, desfigurados pelos cortejos de lama, de falsidade. O artista maligno «*maligno fabro*» não se desinteressa dos actos de salvamento, de que é testemunha o humilde confessor de São Giovanni Rotondo. Se, a pedido do Padre Pio que não queria incomodar os companheiros, o inimigo interrompeu as danças nocturnas e mudou de tática, temos motivos, contudo, para acreditar que não desarma.

Nada de mais simples do que imputar ao capuchinho estigmatizado prodígios da própria lavra, insensatos e ridículos! Se ousam atacar Lourdes, quanto mais São Giovanni Rotondo! Seria difícil explicar por outra forma a toada de escândalo, que em certos meios rodeia o culto tão claro do Padre Pio, bem como as proezas ineptas que lhe são atribuídas e enchem literalmente certos livros, que gostam de explorar o lado mercantil de certos aspectos. Parece-me fundamentar-se nestas pífidas imitações a extrema desconfiança do clérigo em relação a este Padre, devorado pelo seu ministério, prisioneiro do confessor e escravo das almas.

No princípio deste livro, não ocultámos a nossa própria resistência!

A profissão de taumaturgo é espada de dois gumes, e o Padre Pio sabe-o! Por isso, desarma vigorosamente entusiasmos demasiado ingénuos. Se dependesse unicamente dele, os beneficiários dos milagres não se enganariam na direcção! «Boa gente, não é a mim, é a Deus que deveis agradecer!».

Todos os testemunhos, recolhidos por Alberto del Fante, estão cheios destas «rectificações»:

«Foi Deus quem te concedeu esta graça. Agradece a Deus, não a mim!».

«Rezemos à Madonna delle Grazie. É ela quem te obterá a cura!»

«Foi Nossa Senhora quem te curou! Eu em nada intervim»...

A alguém, que lhe pedia um milagre — e o obteve o Padre Pio cortou-lhe bruscamente a palavra:

«Os homens nada podem, meu filho».

Depois, apontando o céu com o dedo:

«Solo Quello lassù: só Aquele, lá em cima.

Persevera na oração *Também eu rezarei por ti...*»

Aqui temos a chave dos milagres! Reza. Como é que Deus recusaria alguma coisa a quem nada lhe recusa?

Fixemos, pois, o Padre Pio na sua realidade humana, bem mais impressionante do que o clima de super-homem, com que o enfeitam certos admiradores ingénuos!

O Padre Pio reza e sofre. Quanto ao resto, entrega-se ternamente nas mãos do Senhor.

Quando lhe pedem uma graça, responde: «Sim, filho, rezarei por ti».

E dá-se muitas vezes o milagre. São assim feitas certas almas. Precisam de um corpo, que as arraste e reboque. Intercedendo pela cura física, o Padre Pio advoga a causa das almas. Outras vezes, o milagre não está inscrito nos designios providenciais, e o Padre Pio não insiste. Não está ele ao serviço do maior Amor? O que obtém sempre, a menos que a alma se recuse, é o «santo abandono» que ultrapassa em qualidade os prodígios mais espectaculares.

Não é nunca debalde que vamos a São Giovanni Rotondo, mas não é menos certo que os mais belos milagres do Padre Pio escapam a todas as investigações. Sabemos como um segredo pudor impede de confessar tudo o que poderia tocar ao de leve no segredo do Rei. Uma convertida do Padre Pio recusou-me terminantemente licença para publicar o relato da sua conversão. «Deixemos isso para o dia do Juízo final, em que tudo será revelado», disse-me ela. Sim, não passamos de pobres mendigos reduzidos a apanhar as migalhas, caídas da mesa do Rei, mas, pelo menos, tenhamos a lealdade de o confessar aos nossos leitores!

*
* *
*

Conta-nos o que se segue o Padre Leon que entre 1903 a 1908, fora condiscípulo do Padre Pio nos preparatórios escolásticos.

«Enquanto rezava, o Padre Pio chorava sempre, em silêncio, e tão abundantemente que as lágrimas

molhavam as grades do coro. Nós, os mais novos trocávamos dele.

Então, ganhou o hábito de estender por terra, na sua frente, o seu enorme lenço, quando ajoelhava para rezar. Depois, levantava o lenço tão encharcado que seria necessário pô-lo a secar!

Nunca faltou ao apóstolo de São Giovanni Rotondo o dom das lágrimas — que a Igreja solicita em orações especiais.

Vemo-lo, soluçando vivamente junto do altar. Grandes lágrimas lhe correm ao longo das faces, caindo sobre a toalha e sobre os paramentos. No confessionário, a sua mão não larga o lenço de quadrados e, nesses dias de calor tórrido, não são unicamente gotas de suor que enxuga sem cessar. Vimo-lo crispado, ofegante, não podendo mais diante da maré alta de lama, à vista. Algumas vezes, sufocado pela náusea, grita: «Basta per oggi: por hoje, basta!»

Depois de certas confissões, particularmente laboriosas, os seus soluços junto do altar redobram de intensidade lancinante e as lágrimas caem-lhe em torrentes.

Contam grandes pecadores terem sido acolhidos em pleno Inverno, com um frio de gelar, e terem visto o Padre Pio «com a fronte banhada de suor».

*
* *
*

Por que e por quem chora o Padre Pio?

Disse um santo que se vissemos o horror do pecado, morreríamos de desgosto.

Ai de nós! Habitados como estamos, não nos incomoda o que vimos e sentimo-nos bem, em face da lama.

Há, porém, entre nós homens incapazes de pactuar com o mal. O Padre Pio pertence a esse número: daí as lágrimas.

Chora pelo pecador, que prefere o pecado à sua alma preciosa. Chora pelo sangue de Cristo, a correr baldadamente por tantos desgraçados. Chora pela criação profana e pelos malogros da graça. Chora, enfim, porque Cristo chorou.

Eis o motivo por que não regateia a Deus o preço das almas. Sabe muito bem como se paga. A cada instante do dia e da noite, está pronto a resgatá-las, custe o que custar. Em plena maturidade da alma, chegado ao grau do santo domínio que confere o perfeito equilíbrio, com o seu sorriso e ar jovial o Padre Pio poderia facilmente enganar-nos. Não nos iludamos: é ainda o mesmo homem, que, em tempos passados, exigiu ser operado sem anestésicos.

*
* *
*

Lembremos o facto em breves palavras. Era em 1925; tratava-se de uma hérnia má com aderências. O Dr. Festa, a quem devemos este relato, propôs ao Padre Pio beber, pelo menos, um bom copo de licor «benedictino».

O Padre Pio humedeceu os lábios, depois disse sorrindo: «Em todo o caso não quero questões entre capuchinhos e beneditinos».

A operação durou mais tempo do que estava previsto. O Padre Pio contemplava o crucifixo, enquanto grandes lágrimas lhe corriam pelas faces. Em certo momento, não pôde deixar de dizer aos médicos: «Por caridade, andem depressa. Não posso mais».

Mas, logo caiu em si e acrescentou humildemente, com os olhos cravados no crucifixo:

«Perdoa-me, meu Deus! Nunca te ofereci nada que valha, e agora que me dás esta pobre ocasião, lastimo-me tolamente!»

Isto não é nada, comparado com o que sofreste na cruz! Meu Deus, perdoa-me...».

A operação durou aproximadamente duas horas. Quando os médicos partiram, o Padre Pio fez sinal a um padre, que se inclinou sobre ele:

— Julga — começou ele em voz que não era mais do que um sopro — que o Senhor terá aceitado o meu sacrifício por X?

*
* *
*

Os milagres são para os outros. Para ele, a cruz. Quando lhe pediram um dia que rezasse ao Senhor para lhe ser poupada uma grande provação, o Padre Pio exclamou:

— Era o que faltava!

Os habitantes de São Giovanni Rotondo recordam-se bem da morte de sua mãe, dois meses após a cura miraculosa do ateu, o Dr. Ricciardi, no princípio de Janeiro de 1930. A idosa mulher fora recolhida por Miss Mary Pyle que, com a mais devotada

ternura também havia de velar até à morte (em 1947) pelo pai do Padre Pio.

Nunca D. Giuseppa quis trocar o vestuário de camponesa pelo bom e fofo casaco, que a dona da casa lhe oferecera de todo o coração.

Pelo Natal, durante a missa da meia-noite, celebrada pelo filho, apanhou frio. Fulminada por uma congestão pulmonar, em breve o seu estado foi de extrema gravidade.

O Padre Pio, junto da cabeceira do leito, preparou-a para a grande partida, rodeando-a dos mais ternos cuidados. Viam correr fios de sangue ao longo dos dedos, que estendiam à enferma uma poção ou um remédio.

Um médico perguntou-lhe: «Padre, não pede a Deus a cura de sua mãe?»

Levantou os olhos ao céu, calou-se um instante e disse depois docemente:

«Que a vontade de Deus se faça».

Todavia, quando Deus a chamou, foi atroz a sua dor. Contaram-me que se lamentava como uma criança, chamando dolorosamente: «Mamã, mamã!» Certos espíritos fortes escandalizaram-se com esta dor. Como é que um homem que há dez anos suporta ininterruptamente um verdadeiro martírio do corpo e alma, pode manifestar tamanho sofrimento? O podestade de São Giovanni Rotondo, Franco Morcaldi, disse-lhe:

«Diga, Padre, não nos ensinou que a dor só deve ser expressão do amor que devemos oferecer a Deus? Por que é, então, que chora de maneira tão lancinante?».

O Padre Pio tornou-se muito grave e respondeu: — São lágrimas de amor, só de amor.

O bom povo de Monte Gargano não esquecera como, algumas semanas antes, o mesmo Padre Pio tinha obtido a cura e conversão dum médico descrente. O enterro da humilde camponesa foi uma apoteose, ditada «por um plebiscito dos corações».

*
* *
*

Não, o Padre Pio não tira vantagem alguma dos seus dons de taumaturgo; não, os médicos não têm o direito de se irritarem contra ele.

Ao folhear os testemunhos recolhidos por Alberto del Fante, impressionou-nos a insistência com que o Padre Pio envia os doentes... aos médicos. O seu bom senso de filho de camponeses faz-lhe observar a hierarquia dos valores: é preciso primeiramente esgotar os recursos naturais, depois ver-se-á o que o Senhor deseja.

A partir do ano de 1916, lemos numa das suas cartas: «O Senhor quer que escutemos, tanto quanto possível, os conselhos dos médicos, na parte que diz respeito ao clima. Faça isso e tenha a certeza que se não engana. Aliás, a própria Escritura Santa o diz: «É necessário honrar o médico por amor de Deus».

Em certos casos atribuem-lhe milagres, devidos também aos bons cuidados dos esculápios. Eis o caso de Graziella, uma rapariguinha que nascera cega. O Padre Pio diz-lhe: «Tens de ser operada». Operaram-na; Graziella vê... Um milagre do Padre Pio!

Referimos a verdade nua: a oração ajuda o bisturi; a operação tem bom êxito. Onde está o operador crente, capaz de recusar em tal momento as orações dum santo? Sim: «ajuda-te e Deus te ajudará». Não existe ninguém menos quietista do que o Padre Pio.

Quantas vezes lhe submetem casos análogos!

Só existe uma probabilidade para o doente: recorrer à operação. Ora, a operação é difícil; os médicos não alimentam grande esperança. Que fazer? A sua resposta é invariável: «Faça a operação». Reza-rei muito. ⁽¹⁾

Não admira, pois não, que o Padre Pio tenha tantos amigos e tão queridos, sobretudo na classe médica. Com a sua habitual franqueza, uma só vez e em determinado caso deu certa resposta irónica, muito merecida na ocorrência. A uma mulher a quem curara de súbito disse ele a sorrir: «Não contes nada disto ao teu médico, não vá ele provocar uma recaída».

Só há um ponto em que o Padre Pio é inquebrantável. Quando se trata de sacrificar a criança, ou até a probabilidade de ter filhos. Os seus mais belos milagres têm sido sempre a favor da maternidade. Lembremo-nos da comovedora história de Giovannino, ou a de M.^{ma} Abresch a quem proibiu formalmente a operação.

(1) Em certos casos, pode simplesmente que adiem a operação por uns instantes, enquanto ele reza. Tendo criado o tempo, Deus respeita-o, e certas demoras podem servir Deus e a natureza.

«Niente ferri». (1)

Qual o médico crente, capaz de lhe levar a mal haver alguma coisa de maior do que os médicos?

Quanto aos descrentes, a esses basta-lhes verificar os «sinais», tal como fez Tomé, o Apóstolo. Quando a medicina esgotou todos os recursos, só então deve entrar em jogo a celeste concorrência, pensa o Padre Pio. É então que solicita e obtém curas surpreendentes. No seu livro, Alberto del Fante reuniu quarenta e sete casos, devidamente expostos pelos beneficiários destes milagres e corroborados, por certificados médicos que, por vezes, revelam pouca boa-vontade. Este escritório de averiguações, improvisado por um homem de coração, será um dia de grande peso para a história do Padre Pio. São muito mais preciosas as peças de convicção, por serem vivos ainda em grande maioria os signatários e ser extremamente fácil verificar a autenticidade dos depoimentos, pois conhecemos nomes e endereços. Até agora, que eu saiba, nunca houve retratações ou desmentidos, embora o livro esteja já na oitava edição. Se, sob o ponto de vista médico, todos estes casos não apresentam o mesmo interesse, no número há alguns que podem rivalizar com as mais belas curas de Lourdes. Ora essa! — dizia o Padre Pio; pois não é a mesma Mãe do Céu que opera? Em todo o caso, temos o direito de lhe responder ser neces-

(1) Esta verídica ocorrência aparece completamente alterada na tradução francesa do livro de Mortimer Carty, que parece insinuar a pág. 139, que o Padre Pio autoriza M.^{ma} Abresch a «tentar a sorte», deixando-se operar.

sário oferecer-lhe ocasião para a capacidade de oferecer a graça, dispensada pelo maior amor. Os santos captam raios que a tibieza deixa apagar, dizia Nossa Senhora a Catarina Labouré, mostrando as mãos carregadas de graças, que ninguém pede nem sabe pedir.

Não merece, decerto, tal censura o Padre Pio, que pertence à raça dos violentos e obstinados, exaltados pelo Evangelho. O inventário dos seus milagres não deve fazer-nos esquecer como esses prodígios foram «arrancados» à força de preces e sofrimentos. Mandamos pois o leitor, ávido de pormenores e precisão ao livro de Alberto del Fante.

O cancro, a poliomielite, a meningite cerebral, a tuberculose renal e pulmonar, o tifo, a paralisia infantil, a angina de peito, a parotidite... não enumerando outras doenças de nomes bárbaros ou científicos, todo o amálgama forma a rede dolorosa dos testemunhos, desafogando todos em acção de graças.

Muitas vezes me foi dito e repetido em São Giovanni Rotondo que grande quantidade de miraculados guardam o seu segredo por diversos motivos, mais ou menos plausíveis. Alguns exigem o anonimato. Outros calam-se por respeito humanos; por que o não declarar francamente?! Ai de nós! O Padre Pio tem ainda muitos inimigos... certos solicitantes procuram-no como Nicodemos ao abrigo das sombras da noite, com receio «de se comprometerem».

Na filigrana da vida do Padre Pio, nunca deixamos de decifrar o Evangelho.

CAPÍTULO XIV

UM HOMEM DEVORADO VIVO. O PADRE PIO NA EXISTÊNCIA DE CADA DIA. O SEU BOM HUMOR, A IRONIA DAS SUAS RESPOSTAS ENGANAM MUITO. «MINHA QUERIDA PIETRELCINA», OFENSIVAS DE JORNALISTAS E CIENTISTAS. FREI GERARDO RECORRE À FORÇA. PITIGRILLI E O NEGOCIANTE DE GÉNOVA. «O HOMEM SEM DEUS É UM SER MUTILADO». NEGLIGÊNCIA OFENSIVA PARA COM O SENHOR. «NA PRÓXIMA VEZ APANHARAS UMA BOFETADA». JEIUM QUE ENGORDA, SURPRESAS DE UM PADRE DOMINICANO, SOB DISFARCE. UM BISPO QUE ARREPIA CAMINHO. «O PADRE PIO É NA VERDADE UM HOMEM DE DEUS».

Em 1919 o Padre Pio escrevia ao mestre e amigo D. Caccavo: «De saúde estou bem, mas esmagado pelo trabalho; confesso todo dia e muitas vezes durante parte da noite centenas e até milhares de pessoas. Não tenho um instante meu; Deus, porém, ajuda-me eficazmente no meu ministério».

Há trinta e seis anos que é sempre o mesmo programa, a mesma vida extenuante sem tréguas nem interrupções. Na realidade, o Padre Pio é o prisioneiro do confessional. Isso não o impede de participar na vida comum «de maneira exemplar», dizem os superiores. Se os pés feridos lhe não permitem recitar o Offício no coro, indemniza-se multiplicando as horas de oração. O primeiro a levantar-se (às 3h30), é o último a sair da igreja. Em

casos graves e urgentes, passa a noite inteira a rezar.

*
* *
*

Muitas vezes, as chagas fazem-no sofrer atrozmente. Quando os passos se lhe arrastam, pesados, incertos, acolhe com um sorriso os olhares que o envolvem, cheios de piedade. Disse um dia a um outro frade desejar ardentemente poder caminhar sobre as mãos. Descansaria um pouco os pés...».

*
* *

Sempre de bom humor, diverte os companheiros, durante os descansos, com anedotas, francamente espirituosas e até habilidades mais espectaculares, como o «concurso de espirros», em que decerto não recusaria tomar parte S. Filipe de Néri, o «bobo de Deus» — concurso que provocou muitas risadas alegres entre os padres, comparsas no jogo.

As perguntas indiscretas, o Padre Pio riposta com espírito bem napolitano, espírito que faz ficar de boca aberta o interlocutor.

— Por que escolheu a ordem dos capuchinhos? perguntou-lhe uma vez uma pessoa excessivamente curiosa.

— Porque gosto muito dos monges barbados, replicou o Padre Pio.

Evita os pedantes com soberania perfeita e nada lhe é mais detestável do que confundirem-no com algum adivinho. Todos os que vêm a São Giovanni Rotondo, impulsionados por motivos profanos, recebem uma boa lição e perdem o tempo e o latim. Em certos casos, o Padre Pio não hesita em fazer-se passar por imbecil.

— Quem escreve aí em latim? perguntou ele a um douto investigador. Não sabe que aqui, só falamos o italiano e o napolitano?

O inquiridor teve de se retirar, interdito.

A um padre francês, o abade Benoit de Lille, em luta com um grave problema de teologia moral que não ousava submeter a ninguém, o Padre Pio escreveu a resposta em latim, numa folha branca do seu breviário, com grande e maravilhoso pasmo seu, pois «só Deus, dizia ele, pudera iluminá-lo nas suas dúvidas e na maneira de as solucionar».

*
* *

O Padre Pio gosta muito do seu dialecto e usa-o com extremo prazer com os conterrâneos. Uma das suas filhas em espírito, oriunda de Pietrelcina, contou-me ter «sonhado» uma noite que o Padre lhe ralhava duramente. Apressou-se a ir a São Giovanni Rotondo e perguntou-lhe com toda a ingenuidade:

«Foi o Padre Pio, foi?»

— Quem queres que tivesse sido? respondeu ele

em tom aborrecido. T'aggio fatta'na bona scopu-bliatta? — Apanhaste uma boa sova?

*
* *
*

Ainda muito novo vaticinara que um convento seria construído na sua «querida terra de Pietrelcina». Há alguns anos, graças a um presente de Miss Mary Pyle, e no ponto exacto designado outrora pelo Padre, ergue-se esse convento, e os monges percorrem o país com a sua mensagem de amor e de paz. O Padre Pio não pode ir visitá-lo, mas o seu coração vibra com as notícias vindas do seu burgo natal. Quando os architectos, desesperados com a falta de água, submeteram ao Padre Pio os planos de Pietrelcina, sem a menor hesitação o Padre Pio indicou com o dedo o local onde deveriam cavar. Gritaram tratar-se de um milagre. Todavia a proeza não excede os poderes de um bom feiticeiro. Sem estar presente, o Padre Pio conhece contudo cada palmo do terreno e podia servir-se neste caso de antigas intuições ou experiências.

De qualquer forma, graças ao Padre Pio, Pietrelcina tem água e, em tempo de estiagem, só não seca o poço do convento. Quando algum amigo vem falar-lhe de Pietrelcina, o Padre Pio escuta avidamente, os olhos enchem-se-lhe de lágrimas e diz com um longo suspiro:

— O mia cara Pietrelcina!

Este grito do coração, tão humano, aproxima o Padre Pio de nós, torna-o mais simpático, sentimos melhor a sua ternura. O amor a Deus não suprime as

raízes que nos prendem à terra. No Reino do Pai não existem santos sem pátria, santos desencarnados...

* * *

Até a suas frases chistosas cheiram ao torrão. Um dia, um pai em lágrimas levou-lhe a filha, tuberculosa no último grau. Mal entrara na sacristia, o Padre virou-se e disse-lhe:

— És tu, Maria Pennisi, tu, uma doente? Enganas-te, minha, filha. Tens mais saúde do que eu. E pousou-lhe a mão no ombro. Estupefacto, em êxtase, o Sr. Pennisi balbuciou algumas palavras incompreensíveis.

— Isto vai, isto vai. Encarrego-me do caso, disse o Padre Pio com o seu bom sorriso.

No dia seguinte, a jovem estava curada. E foi com o pai agradecer-lhe e dizer-lhe adeus.

— Ah! não! É preciso que fiques aqui ainda uns oito dias: não esqueças o velho provérbio: *I'occhio del padrone ingrassa il cavallo*. «O olhar do patrão engorda o cavalo».

Pensava na saúde física da jovem ou na sua alma? Sem dúvida alguma, para o Padre Pio a alma importa bem mais do que o corpo.

* * *

Estejam de sobreaviso curiosos e... jornalistas! Com faro infalível, o Padre Pio desmascara-lhes os fins interesseiros e, num ápice, despede-os.

— Viagem tão longa, só para ver? disse ele a Orio Bergani, repórter do *«Corriere della Sera»*.

Valia-lhe a pena! Não há ao seu dispor em Milão livros de orações? Que Deus o abençoe! Uma Ave-Maria vale mais do que toda a viagem, meu filho...

*
* *
*

Ah! Os intrusos e os importunos! Passaram por nós, desde o princípio deste livro. Apesar do «filtro», que devia ser mais espesso, constituído pela guarda pessoal do Padre Pio, há ainda quem consiga infiltrar-se, sobretudo os cineastas. Pouco antes da minha passagem em São Giovanni Rotondo, alguns americanos tentaram a sorte. O Irmão sacristão tentou explicar-lhes docemente que «O Padre Pio não era uma estrela de Hollywood», mas, vendo que os interlocutores não o entendiam, segundo parecia, recorreu à força, que realmente «se entende em todas as línguas».

*
* *

Há dias em que São Giovanni Rotondo evoca singularmente a Torre de Babel e dá que fazer aos bons Padres Capuchinhos. Não possuem o dom das línguas e... como hão-de fazer-se entender de todos estes estrangeiros? O Padre António, muito ingenuamente, ficou surpreendido ao observar um dia o ar interdito dum francês, a quem repetia com toda a insistência:

— Vous pouvez prouver de nouveau dans le poméris... dans le poméris.

O que era a forma afrancesada da frase italiana: «Puo provare di nuovo nel pomeriggio». Tente ainda uma vez à tarde...

*
* *

Quando Pitigrilli veio incógnito a São Giovanni Rotondo, pôs-se a olhar para o Padre Pio, misturado com a multidão de peregrinos; de súbito, o Padre Pio exclamou:

— Hoje há entre nós um grande pecador.

Estas palavras impressionaram por tal forma o brilhante escritor que, «virado do avesso como uma luva», iniciou valentemente como bom filho pródigo o caminho do arrependimento, que devia conduzi-lo à casa do Pai.

Na sua autobiografia «Pitigrilli parla di Pitigrilli», o autor atribui a sua conversão ao Padre Pio de Pietrelcina e à nova Thaís, Eva Lavalière.

*
* *

O Padre Pio fica radiante, quando pode encontrar um alibi para os milagres.

Contou-me uma testemunha este trecho de um diálogo, surpreendido por acaso:

Um peregrino, vindo de longe, foi implorar a graça da cura ao grande taumaturgo e observou, pasmado, como, mal chegara a Foggia, tinha desaparecido o tumor maligno que tanto o fizera sofrer.

Louco de alegria, correu a São Giovanni Rotondo confundindo-se em agradecimentos para com o Padre Pio.

— Vejamos, meu filho, exclamou o Padre Pio, com um sorriso indulgente, se estavas já curado em Foggia, para que fizeste mais estes quarenta quilómetros? Vai para casa e agradece ao Senhor! Nada tenho que ver com o acontecimento.

— Mas rezou por mim, não é verdade? gritou o miraculado.

— Já se sabe que sim.

— Então — decidiu o peregrino, sei muito bem o que hei-de pensar.

Entretanto, para não descontentar o Padre Pio guardou os seus pensamentos bem secretos.

*
* *
*

Em certos casos, é o Padre Pio que retém os viajantes com muita pressa. Um negociante ia de Génova a Foggia para tratar da compra de óleo sulfúrico. Um amigo pede-lhe que vá até São Giovanni Rotondo e entregue uma carta ao Padre Pio de Pietrelcina. Trata-se naturalmente de uma armadilha; por sua própria vontade, o negociante não iria ver um frade!

Chega ao convento após cinquenta e duas horas de uma viagem incómoda, ei-lo de mau humor, furioso.

— Esta carta é para o Padre Pio, diz ele ao Irmão porteiro. Preciso imediatamente de resposta porque não posso esperar.

O Irmão sorriu:

— Aqui, nunca pode haver pressa. É a casa da paciência. Vá à sacristia esperar pela resposta.

E a porta fechou-se.

O negociante estava desesperado. Ao vê-lo em tão lastimoso estado, absolutamente da cabeça perdida, um jovem oficial de artilharia que escutara o diálogo, propôs-lhe apresentá-lo. O negociante só tinha um desejo: dar execução o mais depressa possível ao caso aborrecido e poder pôr-se outra vez a caminho. Viu o Padre Pio, mas não se impressionou. «Um padre como os outros», pensou cheio de raiva. Mas o Padre virou-se para ele e olhou-o fixamente.

— E tu, que queres?

— Uma resposta à carta que lhe entregaram.

— A carta, já sei! Mas tu próprio? Queres confessar-te?

— Abandonei há muito essas práticas.

— Desde quando te não confessas?

— Desde a idade dos 7 anos.

O Padre Pio olhou-o longamente e, marcando com firme nitidez cada palavra, disse-lhe: — Quando deixarás de levar essa vida abominável?

Num segundo, o visitante com pressa sente-se desmascarado. Conta-o textualmente no seu testemunho. Não ficou um dia; ficou uma semana para saborear a alegria da inocência reconquistada. É claro, o Padre Pio confessou-o, absolveu-o, fê-lo assistir à missa e deu-lhe a comunhão.

Eu, que há quarenta e cinco anos não punha o pé nas igrejas, a não ser para admirar obras de arte; eu, um céptico; eu, um ateu, não trocava esta manhã por todo o ouro do mundo. Não ousei analisar

esta força nova e maravilhosa que bruscamente me invadiu, nem a luz que com o seu esplendor deslumbra o meu espírito.

«Ao sair da igreja senti-me ligeiro e feliz, como jamais me sentira na vida. Todo o meu ser se inclinava para a bondade».

E conclui o seu relato com estas palavras a que mede o peso, ele que tudo conhece por experiência:

«O homem sem Deus é um ser mutilado».

*
* *
*

Padre por excelência, o Padre Pio dispõe de graças especiais para os padres. Vêm estes em grande número, sobretudo do estrangeiro — na Itália está ainda em jogo uma estranha desconfiança — e procuram (disse-mo um deles) um sentido mais profundo do sacerdócio e um amor mais ardente pelas almas.

«Desde que assisti à missa do Padre Pio, declarou-me o Padre X, nunca mais ousaria dizer atabalhoadamente uma missa».

Um padre inglês confessou-me: «Senti-me impressionado até ao mais íntimo do meu ser, quando lhe ouvi dizer, depois de um dia inteiro, passado no confessionário:

«As almas! As almas! Se alguém soubesse o preço que custam!».

Aos desconfiados de perto ou de longe, o Padre Pio sabe responder à sua maneira quando é interpelado.

Um peregrino, enfeitado pelo Padre Pio, decide partir para São Giovanni Rotondo. Irritado com este excesso de ardor, o cura lembrou-se de usar para com o santo capuchinho de um embuste. Dá ao peregrino uma carta fechada e pede-lhe para trazer resposta.

Recebido no meio de um grupo, o Sr. X... não tivera ainda tempo de se aproximar do Padre Pio, quando este o chamou de súbito:

«Tira do bolso a carta que trouxeste e escreve a resposta no envelope».

Quando, de regresso à terra, o peregrino entregou a carta fechada com algumas linhas escritas no endereço, linhas para ele incompreensíveis, o senhor cura «empalidecera e quase desmaiara». Era a resposta às suas perguntas.

*
* *
*

Tendo concentrado toda a vida no santo sacrifício da missa que, diz ele, «dia a dia salva o mundo da perdição», não suporta que por leviandade e sem motivos absolutamente válidos, alguém se prive de um bem tão precioso, o «maior que há na Terra».

Contou-me um padre a aventura que acontecera a um seu camarada, vindo de muito longe para se confessar ao Padre Pio.

Tivera de mudar de combolo e esperar em Bolonha algumas horas.

Depois da confissão, o Padre Pio perguntou-lhe: «Meu filho, não lhe lembra mais nada?»

— Nada mais, Padre.

— Vamos lá. Tente lembrar-se.

Por mais que fizesse exame de consciência, não encontrava nada.

Então, o Padre Pio disse-lhe com extrema doçura:

— Meu filho, ontem de manhã o seu comboio chegou a Bolonha às 5 da manhã. As igrejas estavam ainda fechadas. Em vez de esperar, foi ao hotel descansar antes da missa. Estendeu-se na cama e tão profundamente adormeceu que só acordou às três da tarde, quando era demasiado tarde para celebrar a missa. Sei que o não fez por malícia, mas foi uma negligência que feriu e magoou Nosso Senhor.

*
* *
*

Todos os filhos e filhas em espírito do Padre Pio sabem que o Padre Pio considera a missa e comunhão quotidiana «o que de mais necessário existe», quer-lhes como «a menina dos seus olhos» e, em caso de afrouxamento, sabe chamá-los à ordem, embora esteja longe. Contaram-me a este respeito coisas muito belas. Nas suas cartas de director espiritual, que nos chegaram às mãos antes de 1924, todos os seus conselhos e recomendações gravitam em volta da Eucaristia:

«Por coisa alguma do mundo, não esqueçam a comunhão diária! Desprezem todas as dúvidas que possam assaltar-vos a esse respeito.

Tomo todas as responsabilidades sobre mim. Só têm que obedecer, seguindo o caminho que vos indi-

quei. Enquanto não temos a certeza de ter cometido uma falta grave, não devemos abster-nos da comunhão».

Não parece que estas palavras não estão de acordo com seu aparente rigor? Não recusa ele muitas vezes a absolvição? Sim, porque lê nas almas o perigo das comunhões indignas ou sacrílegas. «Aqueles que manda embora voltam sempre», asseguraram-mo com certeza absoluta. E o Padre Pio considera prova de «maior misericórdia» poderem converter-se os que abusaram dos sacramentos.

*
* *
*

Um dia, uma inglesa de família muito distinta ajoelhou junto do seu confessor. O Padre Pio olhou para ela, depois violentamente fechou-lhe a porta na cara. «Para si não tenho tempo», e a pobre mulher ficou aniquilada. Durante vinte dias voltou teimosamente a insistir e de cada vez sofria a mesma recusa. Debalde filhos e filhas em espírito lhe suplicavam que a ouvisse. Continuava inquebrantável nos seus propósitos.

Enfim, vinte dias depois, recebeu-a com estas palavras, contadas depois fielmente aos amigos:

«Pobre cega, em vez de te queixares da minha severidade, deverias perguntar a ti própria como é possível a Misericórdia acolher-te, após tantos anos de sacrilégios? Sabes que é terrível o que fizeste? O que comete um sacrilégio recebe a sua própria condenação e não pode salvar-se sem uma graça muito

especial, obtida por alguma alma muito na proximidade de Deus. Para manter as aparências, por respeito do mundo, não comungaste tu durante anos, ao lado da tua mãe e do teu marido, em pecado mortal?».

Foi ainda «o grande arrependimento», seguido do ardente desejo de «reparar e acautelar» todas as outras almas, pondo-as de sobreaviso contra o crime do sacrilégio, a que devemos este testemunho pungente.

Com respeito à Eucaristia, o Padre Pio não suporta a menor negligência. As genuflexões mal feitas, esboçadas apenas, «essas visitas rápidas, honrando os santos e esquecendo o rei», atitudes pouco correctas diante do Tabernáculo, tudo isto é aos seus olhos grave falta contra a virtude da religião e o amor devido ao «divino prisioneiro».

Um dos seus filhos em espírito, residente em Roma, ao passar um dia diante de uma igreja teve vergonha de se descobrir, como era seu hábito, porque estava em companhia alegre e falava de coisas bem estranhas à religião.

De súbito estremeceu. Uma voz bem conhecida gritou-lhe ao ouvido: «Cobarde!».

«Como um cão corrido», apressou-se a tomar o comboio para São Giovanni Rotondo. O Padre Pio recebeu-o muito zangado.

— Atenção. Desta vez foi só uma reprimenda. Se recommençares, apanhas uma bofetada com toda a força».

— Com o Padre Pio não se brinca! concluiu o mancebo sinceramente contrito.

Todos os que o conhecem não se cansam de repetir. «O Padre Pio é em si próprio o maior milagre». Com efeito, como se explica poder levar há tantos anos esta vida de penitência e oração, conjuntamente com um apostolado tão intenso? O enfermeiro do convento perde o latim, neste caso, e o Padre Pio, interrogado, escapa à dificuldade de responder, recorrendo a uma frase de espírito. Um dia, como tivesse muitas dores de estômago, ficou a pão e água durante mais de uma semana. Bem entendido, o regime não o impediu de fazer o trabalho do costume. Antes de entrar na normalidade da sua vida tão frugal, ordenaram-lhe que se pesasse. Ora, durante esta semana de jejum integral, o seu peso tinha aumentado.

«Não é possível, disse o Padre Pio a rir; na próxima vez, quando quizer emagrecer terei de comer mais».

*
* *

Decididamente, a personalidade do Padre Pio não cabe em cliché algum e pulveriza todas as fórmulas. Admira ter desencadeado tão violentas contradições e tais perplexidades? O contrário é que surpreenderia.

A sua simplicidade desarma mais do que poderia fazer a mais subtil controvérsia. «O que faz e o que diz é sempre inesperado», confiou-me um dos seus filhos. Dir-se-ia que *vê através*, revelando as almas a elas próprias».

Os seus adversários mais ferozes não resistem ao contacto com o Padre Pio. Os que continuam a caluniá-lo nunca o viram.

Aliás, ele compraz-se em confundir gentilmente curiosos e inquiridores, mostrando-lhes por uma réplica mordaz como os entende a fundo.

Um dia, os homens reunidos na sacristia de São Giovanni Rotondo notaram com pasmo que o Padre Pio, sem deixar de confessar, não despregava os olhos de um deles. Era um desconhecido, desembarcado há pouco, que parecia não poder suportar esse olhar, porque mudava de sítio, escondia-se aos cantos por detrás dos companheiros, procurando sombra... Vãos esforços! O olhar inexorável sabia encontrá-lo sempre. Por fim, o Padre Pio fez-lhe sinal para se aproximar. O indivíduo em questão não acreditava no que via. «Mas, se não me conhece!...», murmurou perplexo ou ouvido do vizinho; — «Isso nada quer dizer; é a si que chama. Vá depressa».

Visivelmente contrariado, o desconhecido foi-se aproximando do confessional. «Padre, disse o Padre Pio em voz baixa, vista o hábito, se quer que o confesse».

— É inútil. Agora já sei o que desejava saber.

E foi-se embora, bem depressa.

Era um dominicano, em trajos civis, que viera para se informar pessoalmente da personalidade do santo.

*
* *
*

A clarividência do Padre Pio pode pregar partidas, se não perigosas, pelo menos desconcertantes.

O Papa Benedito XV disse um dia a um Bispo que pretendia pô-lo de sobreaviso contra «questo truffatore» (esse impostor). «Meu filho, está decerto mal informado. Aconselho-o vivamente a ir lá ver com os seus próprios olhos como as coisas correm».

O desejo de um papa é ordem. Alguns dias depois sem o comunicar a alguém, o bispo tomava o comboio para Foggia. Mal chegou, encontrou dois capuchinhos que o saudaram com respeito.

Louvido seja Nosso Senhor Jesus Cristo! O Padre Pio envia-nos, para acompanhar Vossa Exce-lência Reverendíssima até São Giovanni Rotondo.

— Mas o Padre Pio não teve conhecimento da minha viagem, respondeu o bispo completamente desorientado.

Decerto foi informado, responderam os capuchinhos com um fino sorriso. Disse-nos que fora o Papa que enviara V. Ex.^a Rev.^{ma}.

Houve um momento de silêncio.

O bispo dirigiu-se para a bilheteira.

— Quando parte o próximo comboio para Roma? Depois virando-se para os padres:

— Lembrei-me de alguma coisa de muito importante. É urgente regressar a Roma.

E mandou-os embora.

Alcançara já o fim da viagem. Vira «com os seus próprios olhos».

«Aliás» ajuntou rindo, preferi não me expor a novas surpresas. Com tal serviço de informações, o Padre Pio também podia saber o que tinha dito ao Papa!

Alberto del Fante publica uma lista imponente dos príncipes da Igreja, que em épocas diversas têm ido ver o humilde capuchinho; neste número encontram-se quatro Cardeais.

Veni, vidi, victus sum, escreve o bispo de Allahabad, o Rev. Ângelo Poli. «O que impressiona no Padre Pio é o sobrenatural, unido à maior naturalidade. Este homem conserva sempre absoluto auto-domínio. *Compos sui*. Inspira a maior confiança. Na verdade, está aqui o dedo de Deus — *digitus Dei hic est*. Esta visita perturbou-me literalmente».

Mas o que de mais admirável e o que talvez não fosse ainda suficientemente sublinhado, é a obediência cega do apóstolo de São Giovanni Rotondo às menores prescrições ou ordens da Igreja. Em épocas em que lhe era proibido comunicar com o exterior, todos os pretextos para «medidas de excepção» eram cortados ao nascer pelo seu «não» categórico.

O Cardeal Faulhaber, que o conhecia muito bem, gostava de contar a este respeito a seguinte anedota:

Um médico de Chicago atravessara o oceano para estudar o «caso» do Padre Pio. Depois de uma longa viagem, de 10 dias de travessia e trinta horas de comboio, chegou enfim a São Giovanni Rotondo. Infelizmente, o Padre Pio não recebia visitas! Às reiteradas insistências do médico, mandou responder: «Custa-me sinceramente que tenha feito tão longa

viagem debalde, mas compreenderá com toda a facilidade que um religioso *deve obedecer*».

Apesar da sua grande decepção o médico americano reconheceu lealmente «que esta resposta o impressionara mais, muito mais, do que poderia fazê-lo o exame minucioso dos estigmas».

«O Padre Pio é na verdade um homem de Deus», gostava de repetir o Papa Benedito XV.

CAPÍTULO XV

«A EXTREMA REPUGNÂNCIA» DO PADRE PIO PELOS RECLAMOS INDISCRETOS. «UM PADRE QUE REZA». O SEGREDO DO CASTELO INTERIOR. UM DOCUMENTO QUE TUDO REVELA. O PADRE PIO AO COMUNGAR PARTICIPA DA SANTA AGONIA. O DEMASIADO CHEIO TRANSBORDA. A VERDADE SOBRE O PADRE PIO. «É PRECISO QUE ELE CRESÇA E EU DIMINUA». HINO A IMACULADA CONCEIÇÃO. A ALMA, CONSUMIDA EM DEUS, É UM MISTÉRIO DA UNIDADE. CONCLUSÃO DE UMA VIAGEM E DE UM LIVRO.

Perdido na turba-multa dos peregrinos, o jornalista Attilio Crepas de «Stampa Sera», meditava na composição do seu artigo sobre o Padre Pio, quando, de súbito, uma voz o interpelou com indizível assombro seu.

— Meu filho, começou o capuchinho, trespassando-o com o olhar firme e doce, será este o momento de pensar no bloco das notas e nas fichas? Procedeis muito mal, fazendo tanto barulho em volta dum padre que reza: «ad accendere chiasso attorno ad un sacerdote che prega».

Com estas palavras o Padre Pio não nos prova, somente, uma vez mais, como lê nos corações, livros abertos para ele. O que desejamos sublinhar especialmente é a sua extrema repugnância pelo reclamo barulhento e indiscreto de que é vítima dolorosa, há tanto tempo.

«Um padre que reza!». Eis o que deseja ser e como quer que principalmente o considerem. Este

laço de dependência ao seu Senhor e Deus, esta disponibilidade interior à torrente de graça, prestes sempre a tombar sobre os que a acolhem, esta atitude de mendigo com as mãos completamente abertas, são quanto basta para satisfazer todas as interrogações.

Todavia esta pequenina frase, banal, à força de transparente, precipita-nos em pleno mistério. «Um padre que reza». Que sabemos nós da oração do Padre Pio? E, para principiar, não é a prece, em si mesma, chave e fundamento da abóbada desse castelo interior de que um Deus zeloso reserva a entrada? Da prece do mais pobre cristão pouca coisa sabemos, quanto menos da prece do santo!

Eis-nos reduzidos a conjecturas e a aproximações bem ténues. Os factos e gestos do Padre Pio interessam-nos sobretudo como revelações sobre a sua alma profunda. O leitor atento deve ter notado através da trama deste livro, a nossa constante preocupação de ultrapassar «a zona espectacular» até esse fundo de silêncio, em que mergulha o mistério de um ser. A verdade sobre o Padre Pio apaixonou-nos bem mais do que o «reclamo» maravilhoso.

Deixemos aos doutos o estudo dos estigmas! O que nos importa é a correspondência secreta entre a sua alma e a carne macerada. A Paixão desenrola-se em dois tempos e a Cruz prende-se à santa agonia, como o fruto à flor, como a flor à haste.

Segredos de amor, que seria grande impertinência querer surpreender, se por um acaso providencial, o Padre Pio, ele próprio e contra sua vontade

nos não ajudasse a ver, entregando-nos a chave do mistério.

Há dois anos, um companheiro seu, como ele oriundo de Pietrelcina, publicou «para edificação dos fiéis um texto anónimo que, graças à indiscrição de um tradutor, sabemos ser da pena do Padre Pio... na época em que lhe era ainda permitido escrever, isto é, antes de 1924.

É uma «meditação sobre a Santa Agonia», de grande beleza. Ao contemplar o Cristo na agonia, o Padre Pio denuncia-se, participando da angústia do seu Deus, abre-nos perspectivas vertiginosas sobre o mistério da «compaixão» de que, virtualmente, todo o baptizado compartilha. Cada frase deste texto é como vaga alterosa, vinda de profundidade insondável. Reproduzimo-lo quase por inteiro, à guisa de conclusão. O discípulo não está acima do Mestre; inconsciente, involuntariamente, através destas páginas dilacerantes, o Padre Pio faz-nos penetrar na intimidade da sua alma, marcada com o cunho (sentido original do termo estigma) da Santa Agonia.

«Espírito divino, ilumina a minha inteligência, inflama o meu coração, enquanto medito na Paixão de Jesus. Ajuda-me a penetrar nesse mistério de amor e sofrimento do meu Deus, que, feito homem sofre, agoniza, morre por mim.

«O Eterno, o Imortal, desce até nós para sofrer um martírio inaudito, a morte infame sobre a cruz no meio de insultos, de impropérios e ignomínias, a fim de salvar a criatura que o ultrajou e continua a atolar-se na lama do pecado.

«O homem saboreia o pecado e, por causa do pecado, Deus está mortalmente triste; os tormentos duma agonia cruel fazem-no suar sangue!...».

«Não, não posso penetrar neste oceano de amor e de dor sem a ajuda da tua graça, ó meu Deus. Abre-me o acesso à mais íntima profundidade do coração de Jesus, para que eu possa participar da amargura que o conduziu ao Jardim das Oliveiras, até às portas da morte — para que me seja dado consolá-lo no seu extremo abandono. Ah! Pudessemos eu unir-me a Cristo, abandonado pelo Pai e por Si próprio, a fim de expiar com Ele!»

«Maria, Mãe das Dores, permite que eu siga Jesus e participe intimamente da sua Paixão e do seu sofrimento!»

«Meu anjo da guarda vela para que as minhas faculdades se concentrem todas na agonia de Jesus e nunca mais se desprendam... No termo da sua vida terrestre, depois de se nos ter inteiramente entregue no Sacramento do seu amor, o Senhor dirige-se ao Jardim das Oliveiras, conhecido dos discípulos, mas de Judas também. Pelo caminho ensina-os e prepara-os para a sua Paixão iminente convidando-os, por Seu amor, a sofrer calúnias, perseguições até à morte, para os transfigurar à semelhança dele, modelo divino. No momento de começar a sua Paixão amarríssima, não é nele que pensa; pensa em ti.

«Que abismos de amor não contém o seu Coração! A sua Santa Face é toda tristeza, toda ternura. As suas palavras jorram da profundidade mais íntima do seu coração, e são todas palpitação de amor».

— Ó Jesus, o meu coração perturba-se quando penso no amor que te obriga a correr ao encontro

da tua paixão. Ensinaste-nos que não há amor maior do que dar a vida por aqueles a quem se ama. Eis que estás prestes a selar estas palavras com o teu exemplo».

«No Jardim, o Mestre afasta-se dos discípulos e só leva três testemunhas da sua Agonia: Pedro, Tiago e João. Eles, que o viram transfigurado sobre o Tabor, terão força para reconhecer o Homem-Deus neste ser, esmagado pela angústia da morte?»

«Ao entrar no Jardim disse-lhes: «Ficai aqui! Vela e rezai para não caídes em tentação. Acautelai-vos, porque *o inimigo não dorme*. Armai-vos antecipadamente com as armas da oração para não serdes surpreendidos e arrastados para o pecado. É a hora das trevas». Tendo-os exortado, afastou-se à distância de uma pedrada e prostrou-se com a face em terra. A sua alma está mergulhada num mar de amargura e extrema aflição. É tarde. Na lividez da noite agitam-se sombras sinistras. A Lua parece injectada de sangue. O vento agita as árvores e penetra até aos ossos. Toda a natureza como que estremece de secreto pavor!»

«Ó noite, como nunca houve outra semelhante».

«Eis o lugar onde Jesus vem orar. Ele despoja a sua santa Humanidade da força à qual tem direito pela sua união com a Divina Pessoa, e mergulha-a num abismo de tristeza, de angústia, de abjecção. O seu espírito parece submergir-se...

«Via antecipadamente toda a sua Paixão.

«Vê Judas, seu apóstolo tão amado, que o vende por alguns dinheiros. Ei-lo a caminho de Getsemani, para o trair e entregar! Todavia, ainda há pouco não

o alimentou com a sua carne, não lhe deu a beber o seu sangue? Prostrado diante dele, lavou-lhe os pés, apertou-os contra o coração, beijou-os com os seus lábios. Que não fez ele para o reter à beira do sacrilégio, ou pelo menos para o levar a arrepender-se! Não! Ei-lo que corre para a perdição... Jesus chora. Vê-se arrastado pelas ruas de Jerusalém onde ainda há alguns dias o aclamavam como Messias. Vê-se esbofetado diante do sumo-sacerdote. Ouve os gritos: «À morte!». Ele, autor da vida, é arrastado como um farrapo de um para outro tribunal. O povo, o seu povo tão amado, tão cumulado de bênçãos, vocifera contra ele, insulta-o, reclama aos gritos a sua morte, e que morte, a morte sobre a cruz. Ouve as suas falsas acusações. Vê-se flagelado, coroado de espinhos, escarnecido, apupado como falso rei.

«Vê-se condenado à cruz, subindo ao Calvário, sucumbindo ao peso do madeiro, trémulo, exausto...

«Ei-lo chegado ao Calvário, despojado das roupas, estendido sobre a cruz, impiedosamente trespassado pelos pregos, ofegante entre indizíveis torturas... Meu Deus! Que longa agonia de três horas, até sucumbir no meio dos apupos da gentilha, ébria de cólera!

«Ei-lo com a garganta e as entranhas, devoradas por sede ardente. Para estancar essa sede, dão-lhe vinagre e fel.

«Vê o Pai que o abandona, e a Mãe, aniquilada pela dor.

«Para acabar, a morte ignominiosa no meio de dois ladrões. Um reconhece-o, e pode salvar-se; o outro blasfema e morre réprobo.

«Vê Longuinhas, que se aproxima para lhe trespassar o coração.

«Ei-la, consumada, a extrema humilhação do corpo e da alma, que separam...

«Tudo isto, cena após cena, passa diante dos seus olhos, apavora-o, acabrunha-o.

«Recusará?

«Desde o primeiro instante tudo avaliou, tudo aceitou. Porquê, pois, este terror extremo? É que expôs a sua santa humanidade como escudo, captando os ataques da Justiça, ultrajada pelo pecado.

«Sente vivamente no espírito, mergulhado na maior solidão, tudo o que vai sofrer.

«Para tal pecado, tal pena... Está aniquilado, porque se entregou, ele próprio, ao pavor, à fraqueza, à angústia.

«Parece ter chegado ao auge da dor. Está de rastos, com a face em terra, diante da Majestade do Pai. Jaz no pó, irreconhecível, a santa Face do Homem-Deus, que goza da visão beatífica. Meu Jesus! Não és tu Deus? Não és o Senhor do Céu e da Terra, igual ao Pai? Para que hás-de abaixar-te até perder todo o aspecto humano?

«Ah, sim... Compreendo! Queres ensinar-me, a mim, orgulhoso, que para entender o Céu devo abismar-me até ao fundo da Terra. É para expiar a minha arrogância que tu te afundas no mar da agonia. É para reconciliar o Céu com a Terra que tu te abaixas até à terra como se quisesses dar-lhe o beijo da paz...

«Jesus ergue-se, volve para o céu um olhar suplicante, ergue os braços, reza. Cobre-lhe o rosto mor-

tal palidez! Implora o Pai que se desviou dele. Reza com confiança filial, mas sabe bem qual o lugar que lhe foi marcado. Sabe-se vítima a favor de toda a raça humana, exposta à cólera de Deus ultrajado. Sabe que só ele pode satisfazer a Justiça infinita e conciliar o Criador com a criatura. Quer, reclama que seja assim. A sua natureza, porém, está literalmente esmagada. Insurge-se contra tal sacrifício. Todavia, o seu espírito está pronto à imolação e o duro combate continua. Jesus, como podemos pedir-te para sermos fortes, quando te vemos tão fraco e acabrunhado?

«Sim, compreendo! Tomaste sobre ti a nossa fraqueza. Para nos dares a tua força, tornaste-te a vítima expiatória. Queres ensinar-nos como só em ti devemos depositar confiança, até quando o céu nos parece de bronze.

«Na sua Agonia, Jesus clama ao Pai: «Se é possível, afasta de mim este cálix». É o grito da natureza que, prostrada, recorre cheia de confiança ao Céu. Embora saiba que não será atendido, porque não deseja sê-lo, contudo ora. Meu Jesus, por que pedes o que sabes não obter? Que mistério vertiginoso! A mágoa que te dilacera faz-te mendigar a ajuda e conforto, mas o teu amor por nós e o teu desejo de nos levar a Deus faz-te dizer: «Não se faça a minha vontade, mas a tua».

«O seu coração desolado tem sede de ser confortado, tem sede de consolação. Docemente, Ele levanta-se, dá alguns passos vacilantes; aproxima-se dos discípulos; eles, pelo menos, os amigos de confiança, não-de compreender e partilhar da sua mágoa...

«Encontra-os mergulhados no sono. De súbito, sente-se só, abandonado! «Simão, dormes?» pergunta docemente a Pedro. Tu, que há pouco me dizias que querias seguir-me até à morte!

«Vira-se para os outros. «Não podeis velar uma hora comigo?». Uma vez mais, esquece os sofrimentos, não pensa senão nos discípulos: «Velai e orai para não cairdes em tentação!». Parece dizer «Se me esquecesteis tão depressa, a mim, que luto e sofro, pelo menos no vosso próprio interesse, velai e orai!».

«Mas eles, tontos de sono, mal o ouvem.

«— Ó meu Jesus, quantas almas generosas, tocadas pelos teus lamentos, te fazem companhia no Jardim das Oliveiras, compartilhando da tua amargura e da tua angústia moral. Quantos corações têm respondido generosamente ao teu apelo, através dos séculos! Possam eles consolar-te, e, participando do teu sofrimento, possam eles cooperar na obra da salvação! Possa eu próprio ser desse número e consolar-te um pouco, ó meu Jesus!».

*
* * *

«Jesus volta ao local da oração e apresenta-se-lhe diante dos olhos um outro quadro bem mais terrível. Desfilam diante dele todos os nossos pecados, nos seus mais ínfimos pormenores. Vê a extrema vulgaridade dos que os cometem. Sabe a que ponto ultrajam a divina Majestade. Vê todas as infâmias, todas as obscenidades, todas as blasfêmias que mancham os corações e os lábios, criados para cantar a

glória de Deus. Vê os sacrilégios que desonram padres e fiéis. Vê o abuso monstruoso dos sacramentos, instituídos por Ele para nossa salvação, e que facilmente podem ser causa de nos perdermos.

«Tem de cobrir-se com toda a lama fétida da corrupção humana. Tem de expiar cada pecado à parte, e restituir ao Pai toda a glória roubada. Para salvar o pecador, tem de descer a esta cloaca. Mas, isto não o detém. Vaga monstruosa, essa lama rodeia-o, submerge-o, oprime-o. Ei-lo em frente do Pai, Deus da Justiça, Ele, Santo dos Santos, vergado ao peso dos nossos pecados, tornando-se igual aos pecadores. Quem poderá sondar o seu horror e a sua extrema repugnância? Quem compreenderá a extensão da horrível náusea, do soluço de desgosto? Tendo tomado todo o peso sobre ele, sem excepção alguma, sente-se esmagado por monstruoso fardo, e geme sob o peso da Justiça divina, em face do Pai que permitiu ao Seu filho se oferecesse como vítima pelos pecados do mundo», e se transformasse numa espécie de «maldito».

«A sua pureza estremece diante desta massa infame mas ao mesmo tempo, vê a Justiça ultrajada, o pecador condenado... No seu coração defrontam-se duas forças, dois amores. Vence a Justiça ultrajada. Mas, que espectáculo infinitamente lamentável! Este homem, carregado com todos os nossos crimes. Ele, essencialmente Santidade, confundido, embora exteriormente, com os criminosos... Treme como uma folha.

«Para poder afrontar esta terrível agonia abisma-se na oração. Prostrado diante da Majestade do

Pai, diz: «Pai, afasta de mim este cálix». É como se dissesse: «Pai, quero a tua glória! Quero o cumprimento da tua justiça. Quero a reconciliação do género humano. Mas não por este preço! Que eu, santidade essencial, seja assim salpicado pelo pecado, ah! não... isso não! Ó Pai, a quem tudo é possível, afasta de mim este cálice e encontra outro meio de salvação nos tesoiros insondáveis da tua sabedoria. Porém, se não quiseses, que a tua vontade, e não a minha, se faça!

*
* *
*

«Desta vez ainda, fica sem efeito a prece do Salvador. Sente a angústia mortal, ergue-se a custo em busca de consolação. Sente como as forças o abandonam. Arrasta-se penosamente até junto dos discípulos. Uma vez mais, encontra-os a dormir. A sua tristeza torna-se mais profunda. E contenta-se simplesmente em os acordar. Sentiram-se confusos? Sobre isto nada sabem. Só vemos Jesus indizivelmente triste. Guarda para ele toda a amargura deste abandono.

«Mas Jesus, como é grande a dor que leio no teu coração, transbordante de tristeza. Vejo-te, afastando-te dos teus discípulos, ferido, todo magoado! Pudesse eu dar-te algum reconforto, consolar-te um pouco... mas, incapaz de mais nada, choro ao pé de Ti. Unem-se às Tuas as lágrimas do meu amor e da minha compunção. E elevam-se até ao trono do Pai, suplicando que tenha piedade de nós, que tenha pie-

dade de tantas almas, mergulhadas no sono do pecado e da morte.

«Jesus volta ao lugar onde rezara, extenuado e em extrema aflição. Cai, sim, mas não se prostra. Cai sobre a terra. Sente-se despedaçado por angústia mortal e a sua prece torna-se mais intensa.

«O Pai desvia o olhar, como se Ele fosse o mais abjecto dos homens.

«Parece-me ouvir os lamentos do Salvador:

«Se, ao menos, as criaturas por causa de quem eu tanto sofro quisessem aproveitar-se das graças, obtidas através de tantas dores! Se, ao menos reconhecessem pelo seu justo valor, o preço pago por mim para as resgatar e dar-lhes a vida de filhos de Deus! Ah! este amor despedaça-me o coração, bem mais cruelmente do que os carrascos que irão, em breve, despedaçar-me a carne...».

«Vê o homem que não *sabe*, porque não *quer* saber; e blasfema do Sangue Divino e, o que é bem mais irreparável, serve-se desse Sangue para sua condenação.

«Quão poucos o hão-de aproveitar, quantos outros correrão ao encontro do próprio extermínio!

«Na grande amargura do Seu coração, continua a repetir: «*Quae utilitas in sanguine meo?*»: Quão poucos aproveitam o meu Sangue!

«O pensamento, porém, deste pequeno número basta para afrontar a Paixão e morte.

«Nada existe, não há ninguém que possa dar-lhe sombra de consolação. O Céu fechou-se para Ele. O homem, embora esmagado ao peso dos pecados, é ingrato e ignora o seu amor. Sente-se submerso num

mar de dor e grita no estertor da agonia: «A minha alma está triste até à morte».

«Sangue divino, tu que jorras, irresistivelmente, do Coração de Jesus, corres por todos os seus poros para lavar a pobre Terra ingrata. Permite-me que eu te recolha, Sangue tão precioso, sobretudo estas primeiras gotas. Quero guardar-te no cálice do meu coração.

«És prova irrefutável deste Amor, única causa de teres sido vertido. Quero purificar-me através de ti, Sangue preciosíssimo! Quero com ele purificar todas as almas, manchadas pelo pecado. Quero oferecer-te ao Pai.

«É o sangue do seu Filho Bem-Amado que caiu sobre a Terra para a purificar. É o Sangue do seu Filho que ascende ao Seu trono para reconciliar a Justiça ultrajada. A alegria é na verdade muito mais veemente do que a dor.

«Jesus chegou então ao fim do caminho doloroso?

«Não. Ele não quer limitar a torrente do seu amor! É preciso que o homem saiba quanto ama o Homem-Deus. É preciso que o homem saiba até que abismos de abjecção pode levar amor tão completo. Embora a Justiça do Pai esteja satisfeita com o suor do Sangue preciosíssimo, o homem carece de provas palpáveis deste amor.

«Jesus seguirá pois até ao fim: até à morte ignominiosa sobre a cruz. O contemplativo conseguirá talvez intuir um reflexo desse amor que o reduz aos tormentos da santa agonia no Jardim das Oliveiras. Aquele, porém, que vive, entorpecido pelos negócios

materiais, procurando muito mais o mundo do que o Céu, deve vê-lo também pelo aspecto externo, pregado à cruz, para que, ao menos, o comova a visão do seu Sangue e a Sua cruel agonia.

«Não. O Seu coração, transbordante de amor, não está ainda contente! Domina-o a aflição, e ora de novo: «Pai, se este cálice não pode ser afastado, sem que eu beba, faça-se a Tua vontade».

«A partir deste instante, Jesus responde, do fundo do seu coração abrasado de amor, ao grito da humanidade que reclama a sua morte como preço da Redenção. À sentença de morte que seu Pai pronuncia no Céu, responde a Terra reclamando a sua morte. Jesus inclina a sua adorável cabeça: «Pai, se este cálice não pode ser afastado, sem que eu o beba, faça-se a Tua vontade».

«E eis que o Pai lhe envia um anjo de consolação. Que alívio pode um anjo oferecer ao Deus da força, ao Deus invencível, ao Deus Todo-Poderoso? Mas este Deus quis tornar-se inerte. Tomou sobre os ombros toda a nossa fraqueza. É o Homem das dores, em luta com a agonia. Pelo Seu amor, ei-Lo que sua gotas de sangue.

«Ora ao Pai por Si e por nós. O Pai recusa atendê-lo, pois deve morrer por nós. Penso que o anjo se prostra profundamente diante da Beleza eterna, manchada de pó e sangue, e com indizível respeito supplica a Jesus que beba o cálice, pela glória do Pai e pelo resgate dos pecadores.

«Rezou assim, para nos ensinar a recorrer ao Céu, unicamente quando as nossas almas estão desoladas como a Sua.

«Ele, a nossa força, virá ajudar-nos, pois que consentiu em tomar sobre os ombros todas as nossas angústias.

«Sim, meu Jesus, é preciso que bebas o cálice até às fezes! Está votado à morte mais cruel. Jesus, que nada possa separar-me de Ti, nem a vida nem a morte! Se, ao longo da vida, só desejo unir-me ao teu sofrimento, com infinito amor, ser-me-á dado morrer contigo no Calvário e contigo subir à Glória. Se te sigo nos tormentos e nas perseguições tornar-me-ás digno de Te amar um dia, no Céu, face a face, contigo, cantando eternamente o teu louvor em acção de graças pela tua cruel Paixão.

«Vede! Forte, invencível, Jesus ergue-se do pó! Não desejou Ele o banquete de sangue com o mais forte desejo? Sacode a perturbação que o invadira, enxuga o suor sangrento da face, e, em passo firme, dirige-se para a entrada do Jardim.

«Onde vais, Jesus? Ainda há instantes, não estavas Tu empolgado pela angústia e pela dor? Não Te vi eu, trémulo, e como que esmagado sob o peso cruel das provações que vão tombar sobre ti? Aonde vais nesse passo intrépido e ousado? A quem vais entregar-te?

— Escuta, meu filho. As armas da oração ajudaram-me a vencer; o espírito dominou a fraqueza da carne. A força foi-me transmitida, enquanto orava, e agora eis-me pronto a tudo desafiar. Segue o meu exemplo e arranja-te com o Céu, como eu fiz. Jesus aproxima-se dos apóstolos. Continuam a dormir! A emoção, a hora tardia, o pressentimento de alguma coisa de horrível e irreparável, a fadiga — e ei-los mergulhados em sono de chumbo. Jesus tem piedade

de tanta fraqueza. «O espírito está pronto, mas a carne é fraca»!

«Jesus exclama. «Dormi agora e repousai». Detém-se por instantes. Ouvem que Jesus se vai aproximando, e entreabrem os olhos...

«Jesus continua a falar: «Basta. É chegada a hora; eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos; eis que se aproxima o que me há-de entregar». Jesus vê todas as coisas com os seus olhos divinos. Parece dizer: Meus amigos e discípulos, vós dormis, enquanto que os meus inimigos velam e se aproximam para virem prender-me! Tu, Pedro, que há pouco te julgavas bastante forte para me seguir na morte, também tu dormes agora! Desde o princípio tens-me dado provas da tua fraqueza! Está, porém, tranquilo. Aceitei sobre mim a tua fraqueza e rezei por ti. Depois de confessares a tua falta, serei a tua força e apascentarás os meus rebanhos...

«E tu, João, também tu dormes? Tu, que acabavas de sentir as pulsações do meu coração, não pudeste velar uma hora comigo!

«Levanti-vos, vamos partir, já não há tempo para dormir. O inimigo está à porta! É a hora do poder das trevas! Partamos. De livre vontade, vou ao encontro da morte. Judas acorre para trair-me, e eu vou ao seu encontro. Não impedirei que se cumpram à risca as profecias. Chegou a minha hora: a hora da misericórdia infinita.

«Ressoam passos; archotes acesos enchem o jardim de sombras e púrpura. Intrépido e calmo, Jesus avança seguido pelos discípulos.

«— Ó meu Jesus, dá-me a tua força quando a minha pobre natureza se revolta diante dos males que a ameaçam, para que possa aceitar com amor as penas e aflições desta vida de exílio. Uno-me com toda a veemência aos Teus méritos, às tuas dores, à Tua expiação, às Tuas lágrimas, para poder trabalhar contigo na obra da salvação. Possa eu ter a força de fugir ao pecado, causa única da Tua agonia, do Teu suor de sangue, e da Tua morte.

«Destrói em mim o que te desagrada, e imprime no meu coração com o fogo do teu santo amor todos os Teus sofrimentos. Abraça-me tão intimamente, em abraço tão forte e tão doce, que nunca eu possa deixar-te sozinho no meio dos teus cruéis sofrimentos.

«Só desejo um único alívio: repousar sobre o Teu coração. Só desejo uma única coisa: partilhar da Tua Santa Agonia. Possa a minha alma inebriar-se com o Teu sangue e alimentar-se com o pão da Tua dor! Amen».

*
* *
*

Depois deste texto, qual palavra não desafinaria a seguir a tal harmonia! Decerto distinguimos neste hino os motivos fundamentais da grande tradição franciscana, que mobiliza todas as faculdades humanas ao serviço do Rei — e que é suficientemente humilde para não desdenhar a zona efectiva da alma.

Há mais, porém. Este texto, bloco sem fendas, é uma confissão ardente. Estas palavras de que vimos as raízes profundas, sangram. Como estamos longe

dos clichés fáceis, com que as meditações piedosas querem elucidar-nos! O homem que escreve estas linhas com a sua mão transverberada, e certamente dolorosa, só nos entrega a parte externa do diálogo interior ardente, que se trava no mais fundo do seu ser e dispensa toda a expressão. É como vaga irresistível que transborda; excesso de plenitude que não pode deixar de trair-se.

É este o único duplo sentido do termo «tradere» no célebre adágio que define a missão do apóstolo: *Contemplata aliis tradere*. Entregar, neste caso, confunde-se com esta espécie de *traição*, que nos leva a dizer na linguagem corrente: «traiu-se». O apóstolo nem sequer tem direito ao segredo da sua alma!

Eis, pois, o Padre Pio, tal qual se «traiu» a si próprio, participando da Santa Agonia do seu Cristo, morto de amor. Descentralizado, despojado, entregue de mãos e pés, pobre de tudo que não é Deus, *move-se em clima irrespirável ao nosso egoísmo e à opacidade das nossas vistas*. Como não estaria sempre a debater-se no meio de incompreensões perpétuas? Não julgamos sempre os outros por nós próprios?

Todavia, o Padre Pio está demasiado perto de nós no tempo e no espaço para que possamos distinguir os traços do seu rosto através do matagal de lendas e calúnias. Seria desleal e traidor quem, ao seu contacto, não reconhecesse Aquele que há quarenta anos o mantém preso à cruz! O Padre Pio não conhece outra ambição: Cristo é a vida, Cristo é tudo para ele, e só deseja, seja qual for o preço, num desejo que literalmente o consome, fazer reinar Cristo nas almas. Os seus estigmas, os seus carismas os seus

prodígios só têm esta finalidade. *Esquecê-la, até por um instante, é desfigurar o Padre Pio*.

Eis por que o demónio, o «especialista em caricaturas», se esforça tão encarniçadamente por ridicularizar e tornar suspeito o apóstolo de São Giovanni Rotondo. A literatura apócrifa em circulação a seu respeito — como essas famosas «professias do Padre Pio», publicadas na Baviera e traduzidas em seis línguas — circunda-o com um véu de fumo. O reclamo barulhento, guloso de fenómenos espectaculares, arrisca-se a fazer esquecer o que ele *quer ser e o que é na realidade*: um padre que reza, e que encontra na prece — que lhe é vida de união com Cristo — a força e a virtude para cumprir perfeitamente o seu ministério sacerdotal. No centro de São Giovanni Rotondo ergue-se um altar, junto dum confessionário. Através das mãos transverberadas do Padre Pio é Cristo quem absolve. Como São João Baptista, este humilde só uma coisa pede: «diminuir-se», para que, através dele, Cristo «cresça».

*
* *
*

As nossas «indiscrições» seriam incompletas, se, no fim deste livro, feixes unicamente de testemunhos e aproximações, esquecêssemos a segunda face do amor do Padre Pio: «A que não é senão «pura capacidade» e um «eco» de Deus, a *Imaculada*.

Quando, às vezes, com pouca cerimónia, manda os beneficiários dos seus prodígios à Madonna delle Grazie, o Padre Pio sabe muito bem o que faz: não

passam necessariamente todas as graças pelas mãos de luz da Mãe de Deus?

Além do texto, que acabamos de reproduzir, um dos seus companheiros conservou piedosamente algumas notas do Padre Pio sobre «Maria Imaculada».

Que transbordar de ternura e alegria! que delicioso turbilhão dos mais ardentes qualificativos! «Abismo de graça e pureza». «Incomparável obra-prima do Criador». «Tabernáculo do Altíssimo». «Receptáculo dos segredos divinos». «Mulher, vestida de luz»..., «Encantadora pomba».

«A Imaculada Conceição é o primeiro passo no caminho da nossa salvação...

«Brotou, como raio de luz do pensamento divino. Brilha como estrela da manhã sobre toda a Criação. Todas as coisas se referem a Ela. Toda a Graça passa por Ela.

«Só ela é capaz de captar as torrentes de amor, jorrando do coração de Deus. Só Ela é digna de corresponder a esse amor...

E, no fim, este grito do coração, impressionante na sua simplicidade diáfana:

«Mãe dulcíssima, faz que eu O ame! Derrama no meu coração o amor que queimava o Teu...

«Purifica a minha alma para eu saber amar o Meu e o Teu Deus!

«Purifica o meu espírito, para que eu possa adorá-lo em espírito e verdade!

«Purifica o meu corpo, para que eu possa ser um vivo tabernáculo de Cristo».

*
* *
*

A alma consumida em Deus é mistério da unidade. Tudo nela converge para o único amor. O Padre Pio? É Deus quem continua nele a sua obra redentora, através de Aquele que nunca se cansa de dar à Luz o Seu Filho nas almas...

Dada a condição que as almas concordem e digam: Sim.

*
* *
*

É esta a conclusão, abrupta e inesperada, resultado final da minha viagem a São Giovanni Rotondo, donde havia de nascer também este livro.

Não se sabe nunca até onde vai levar-nos um comboio, tomado para fugir à canícula de Roma, nem qual é o jogo secreto das armadilhas e dos anzóis.

«Tutto è scherzo d'amore» — diz o Padre Pio.

FESTA DE NOTRE DAME DE LOURDES

11 — Fevereiro — 1955

NOTA :

Direcção do Padre Pio:

SÃO GIOVANNI ROTONDO, VIA FOGGIA, ITALIA.

São-lhe comunicadas todas as intenções e todas englobadas na sua oração. Não se deve todavia esperar uma resposta às cartas que lhe são endereçadas. Por vezes, recebe por dia 10 000 cartas de todo o mundo. Os seus benévolos secretários não conseguem pôr em dia o seu correio.

Todas as ofertas, dirigidas ao Padre Pio, alimentam os fundos da «Casa Solievo di Sofferenza», que acaba de abrir-se aos doentes e onde, presentemente, só funciona o «Poliambulatório».

Para ir a São Giovanni Rotondo, deve-se tomar o comboio em Roma na Stazione Termini, direcção Foggia. Em Foggia, um autocarro ou um taxi conduz-nos a São Giovanni Rotondo, distante de Foggia uns quarenta quilómetros. (É necessário combinar o preço antecipadamente).

Miss Mary McAlpin Pyle domina a língua francesa perfeitamente, mas não gosta de responder, nem sequer às cartas das pessoas amigas. O que não quer dizer que não aprecie muito receber e transmitir mensagens.

ÍNDICE

	Page.
CAPITULO I	13
II	27
III	39
IV	61
V	71
VI	81
VII	91
VIII	107
IX	121
X	133
XI	155
XII	165
XIII	183
XIV	195
XV	211

